



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UAG
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL -
PROFGEO

MARIA CAMILA SIQUEIRA SANTOS SILVA

SECA COMO FENÔMENO GEOGRÁFICO:
LETRAMENTO LITERÁRIO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO



CAMPINA GRANDE-PB

2023

MARIA CAMILA SIQUEIRA SANTOS SILVA

SECA COMO FENÔMENO GEOGRÁFICO:
LETRAMENTO LITERÁRIO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional pela Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.
Linha de pesquisa: As linguagens no ensino de Geografia.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura

CAMPINA GRANDE-PB

2023

S586s

Silva, Maria Camila Siqueira Santos.

Seca como fenômeno geográfico: letramento literário com os estudantes do ensino médio / Maria Camila Siqueira Santos Silva. – Campina Grande, 2023.

131 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura".

Referências.

1. Geografia – Estudo e Ensino. 2. Linguagens no Ensino de Geografia. 3. Leitura Literária - *O Quinze*. 4. Seca – Fenômeno Geográfico. I. Moura, Marcelo de Oliveira. II. Título.

CDU 911(07)(043)

MARIA CAMILA SIQUEIRA SANTOS SILVA

SECA COMO FENÔMENO GEOGRÁFICO:
LETRAMENTO LITERÁRIO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino de Geografia.

Defesa em 01 de dezembro de 2023

Conceito obtido: Aprovada com louvor

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura (Orientador)
Professor do Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino de Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande (PROFGEO/UFCG)



Sergio Murilo Santos de Araújo
UAG / CH / UFCG
MATRICULA 2354964 - 3

Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo (Membro Interno)
Professor do Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino de Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande (PROFGEO/UFCG)



Prof^ª. Dr^ª. Iveralda Dantas da Nóbrega (Membra Interna)
Professora do Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino de Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande (PROFGEO/UFCG)



Prof^ª. Dr^ª. Ivaine Maria Tonini (Membra Externa)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (POSGea/UFRGS)

Aos estudantes e profissionais da Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade, aos docentes de Geografia deste país e todos(as) que fizeram parte da minha trajetória e contribuíram para a minha formação profissional e cidadã.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho levou menos de dois anos para ser construído, apesar de ser um tempo relativamente curto muitos altos e baixos aconteceram ao longo do percurso. Foi um tempo valioso de grande aprendizado, logo, vejo como fundamental reconhecer as várias pessoas que fizeram parte dessa jornada, contribuindo direta ou indiretamente para os resultados obtidos, em especial, os meus companheiros de trabalho, colegas de turma, estudantes e familiares que me ajudaram a estar aqui.

Meus sinceros agradecimentos a todos os membros do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) que se dedicaram para efetivar a vinda do programa para essa instituição, os quais atenderam aos objetivos do curso com determinação e tem contribuído grandemente para a formação dos profissionais da Educação. Sinto-me honrada em ter feito parte da primeira turma em vigência do programa na UFCG, constituindo a primeira defesa que resultou na obtenção do título de Mestra em Ensino de Geografia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura, primeiramente, por ter me permitido, por meio dos seus ensinamentos, ir além de onde eu esperava chegar. Agradeço, ainda, toda sua parceria e disponibilidade em todos os momentos em que precisei.

Aos professores Dra. Marcela do Nascimento Padilha; Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias; Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo, com o qual pudemos desfrutar de uma aula de campo marcante, e Dra. Ivanalda Dantas da Nóbrega, que dispuseram parte do seu tempo para me indicar material de leitura em torno do meu tema de pesquisa.

Aos professores Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Dr. Fabiano Custódio de Oliveira, Dra. Maria Adailza Martins de Albuquerque, Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira, Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho e Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo pelas contribuições feitas durante a apresentação do meu projeto na aula inaugural e no Projeto Integrador, realizado em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ou no decorrer das suas aulas nas disciplinas ministradas.

Aos professores Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo, Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho e Dr^a. Ivaine Maria Tonini por aceitarem participar da minha Banca de Qualificação e me sugerirem riquíssimas contribuições.

Aos membros do Laboratório de Climatologia Geográfica (CLIMAGEO) da

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que tive o prazer de conhecer e trocar experiências durante esse tempo.

A direção da Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade - Nádja, Kátia e Evânia - assim como aos funcionários e colegas por todo apoio para a realização desta pesquisa.

A todos os estudantes participantes desta pesquisa-ação, os quais desejo todo sucesso do mundo em suas jornadas, que a conclusão do Ensino Médio seja apenas o início de muitas etapas importantes por vir em suas vidas.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha trajetória, professores da Educação Básica, docentes da Graduação e colegas de trabalho que contribuíram para a minha formação profissional e cidadã.

Aos meus familiares e amigos, que compreenderam a minha ausência em alguns eventos sociais. A amiga e colega de turma Natana, com quem compartilhei as angústias e alegrias dessa caminhada.

Aos meus pais, Elias e Izaura, que me apoiaram e me ajudaram em todos os momentos da minha vida, sem eles com toda certeza não teria chegado até aqui.

Ao meu esposo, Filipe Barros, pelo seu companheirismo e por ter sido o primeiro a me motivar a realizar o Mestrado, transferindo em parte o seu sonho para mim.

E, por fim, agradeço principalmente a Deus, por ter me proporcionado todos esses momentos e o contato com pessoas tão especiais. Sem Ele todas essas coisas não teriam sentido. “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios 16:3).

Gratidão a Todos!

“Os professores e os alunos que desejarem compartilhar esse caminho talvez descubram que a prática do letramento literário é como a invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula” (Cosson, 2021, p.120).

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado consiste na necessidade de compreensão do fenômeno da seca pelos estudantes da Educação Básica. Para esse fim, foi desenvolvida uma pesquisa-ação com os estudantes de uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública situada no município de Afogados da Ingazeira-Pernambuco, o qual está inserido no Semiárido brasileiro. A atividade de investigação teve por objetivo analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia. A construção do problema se apresentou através das dificuldades que os estudantes manifestaram concernente à compreensão das características e dos impactos relevantes para o entendimento da temática, evidenciadas ao longo das aulas de Geografia. Em termos metodológicos, o trabalho se utilizou da pesquisa-ação e a descrição dos resultados e das atividades fez uso da abordagem qualitativa. Alinhada a essa metodologia foi proposto o uso do texto literário (*O Quinze*, de Rachel de Queiroz) como principal fonte de investigação dos conhecimentos geográficos. Deste modo, as práticas pedagógicas foram desenvolvidas de maneira contextualizada na turma por meio de três sequências didáticas envolvendo o uso de materiais didáticos e metodologias variadas, mas priorizando o uso de literaturas de modo que essa em parceria com a Geografia proporcionasse um ensino mais significativo. Buscou-se uma forma de ensino cujos estudantes não fossem meros receptores, para isso, no decorrer das sequências problematizações foram lançadas interligando e refletindo sobre a realidade dos mesmos. As ações planejadas, desenvolvidas e analisadas valorizaram a participação entre professor-estudantes e estudantes-estudantes, promovendo um processo de ensino-aprendizagem dinamizador e enriquecedor. Dito isso, acreditamos que o uso do letramento literário para o entendimento do fenômeno da seca nas aulas de Geografia demonstra ser mais uma forma de tencionar as diferentes dimensões e os danos socioambientais deflagrados pela seca meteorológica na região do Semiárido brasileiro.

Palavras-chave: Leitura Literária. Pesquisa-ação. Ensino da Geografia. *O Quinze*.

ABSTRACT

This master's thesis focuses on the need for basic education students to understand the phenomenon of drought. To this end, an action-research project was carried out with students from a 3rd year high school class at a public school located in the municipality of Afogados da Ingazeira-Pernambuco, which is in the Brazilian semi-arid region. The aim of the research activity was to analyze how literary literacy contributes to learning about the phenomenon of drought in Geography teaching. The problem was posed by the difficulties that the students expressed in understanding the characteristics and impacts relevant to understanding the theme, which were evident during Geography lessons. In methodological terms, the work used action research and the description of the results and activities made use of a qualitative approach. In line with this methodology, the use of the literary text (*O Quinze*, by Rachel de Queiroz) was proposed as the main source for investigating geographical knowledge. In this way, the pedagogical practices were developed in a contextualized way in the class through three didactic sequences involving the use of didactic materials and varied methodologies, but prioritizing the use of literature so that this, in partnership with Geography, would provide more meaningful teaching. We sought a form of teaching in which the students were not mere receptors. To this end, during the sequences, problematizations were launched, interconnecting and reflecting on their reality. The actions planned, developed and analyzed valued the participation of teacher-students and students-students, promoting a dynamic and enriching teaching-learning process. That said, we believe that the use of literary literacy to understand the phenomenon of drought in Geography classes proves to be another way of understanding the different dimensions and socio-environmental damage caused by meteorological drought in the Brazilian semi-arid region.

Keywords: Literary reading. Action research. Teaching Geography. *O Quinze*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etapas do modo de compreender a leitura.....	28
Figura 2 - Princípios da leitura formativa.....	30
Figura 3 - Classificação das secas conforme os efeitos gerados.....	41
Figura 4 - Vegetação da Caatinga - Lajedo do Bravo, município de Boa Vista-PB.....	42
Figura 5 - Qualidades pessoais do pesquisador conforme Gil.....	51
Figura 6 - Aspectos da pesquisa-ação conforme Thiollent.....	53
Figura 7 - Roteiro metodológico da pesquisa.....	57
Figura 8 - Fotografias a serem comentadas pelos estudantes.....	69
Figura 9 - Capa do livro <i>O Quinze</i>	73
Figura 10 - Atividade realizada em sala.....	79
Figura 11 - Desenhos produzidos pelos estudantes.....	80
Figura 12 - Apresentação do climograma de Afogados da Ingazeira.....	87
Figura 13 - Registros fotográficos dos estudantes.....	90
Figura 14 - Círculo de leitura literária.....	97
Figura 15 - Cartuns utilizados durante a aula.....	102
Gráfico 1 - Classificação do fenômeno da seca pelos estudantes.....	67
Mapa 1 - Localização de Afogados da Ingazeira no Semiárido brasileiro.....	18
Mapa 2 - Afogados da Ingazeira no mapa de Pernambuco com destaque para a EREM CJL....	60
Mapa 3 - Distribuição geográfica das localidades dos alunos.....	64
Mapa 4 - Bacia do Rio Pajeú.....	88
Tabela 1 - Produções da entrevista informal.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sequências didáticas desenvolvidas com a turma do 3º ano A.....	58
Quadro 2 - Espaço físico da escola.....	61
Quadro 3 - Definição do fenômeno da seca.....	65
Quadro 4 - Percepção dos estudantes em torno do fenômeno da seca.....	66
Quadro 5 - Comentários dos estudantes em torno da Figura 8.....	69
Quadro 6 - Trechos usados da obra <i>O Quinze</i>	70
Quadro 7 - Trecho usado da obra <i>O Quinze</i> para reflexão.....	71
Quadro 8 - A religiosidade do sertanejo.....	75
Quadro 9 - Paisagem da seca.....	76
Quadro 10 - Soltura do gado.....	77
Quadro 11 - Morte do filho Josias.....	78
Quadro 12 - Texto utilizado no círculo de leitura.....	94
Quadro 13 - Síntese do cordel.....	98
Quadro 14 - Registros do círculo de leitura literária.....	98
Quadro 15 - Texto para leitura protocolada.....	100
Quadro 16 - Trechos do Romance para debate.....	104
Quadro 17 - Músicas trabalhadas em sala.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras

ANPED - Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação

APAC - Agência Pernambucana de Águas e Clima

ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

CLIMAGEO - Laboratório de Climatologia Geográfica

COMPESA - Companhia Pernambucana de Saneamento

CONVIVER - Programa Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semiárido

CPRH - Companhia Pernambucana do Meio Ambiente

EJACAMPOAF20 - Educação de Jovens e Adultos Campo - Anos Finais

EJACAMPOEM20 - Educação de Jovens e Adultos Campo - Ensino Médio

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMSI - Ensino Médio Semi-Integral

ENANPEGE - Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

ENME - Ensino Médio

EREM CJL - Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade

ERRD - Educação para Redução de Riscos de Desastres

GEOLITERART – Núcleo de Geografia, Literatura e Arte

GEPLIT - Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura

GPLEER - Grupo de Pesquisa - Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo

GRE - Gerência Regional de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada

LEGES - Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos

NOVOEMSI - Novo Ensino Médio Semi-Integral

ONGs - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

P1MC - Programa um Milhão de Cisternas

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROÁGUA - Programa de Desenvolvimento Sustentável de Recursos Hídricos para o Semiárido Brasileiro

PROFGEO - Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional

RVS - Refúgio de Vida Silvestre

SD - Sequência Didática

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

TSH - Tecnologias Sociais Hídricas

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. LINHAS INICIAIS.....	16
2. LETRAMENTO LITERÁRIO E SECA: LINHAS HISTÓRICO-CONCEITUAIS.....	24
2.1 Letramento literário.....	24
2.1.1 Geografia e Literatura.....	34
2.2 A problemática da seca.....	38
2.2.1 Rachel de Queiroz: considerações sobre <i>O Quinze</i>	45
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	50
3.1 Pesquisa-ação como metodologia para o ensino.....	50
3.1.1 Roteiro metodológico da pesquisa.....	56
3.2 Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade.....	59
3.3 Sujeitos participantes da pesquisa.....	62
3.4 Percepção dos estudantes sobre o fenômeno da seca.....	63
4. AÇÕES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS COM OS ESTUDANTES.....	72
4.1 Sequência 1 - Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra <i>O Quinze</i>	72
4.2 Sequência 2 - Círculo de leitura literária: a seca e os seus impactos.....	93
4.3 Sequência 3 - O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE.....	106
5. LINHAS FINAIS (?).....	114
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A – CARTA DE SOLICITAÇÃO.....	126
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES.....	128

1. LINHAS INICIAIS

Iniciamos esta Dissertação de Mestrado buscando refletir em torno da fotografia posta em sua capa: a biblioteca da escola sendo palco de um momento de leitura na disciplina de Língua Portuguesa na qual a professora e os estudantes estão dispostos em forma de círculo sob a posse de livros. Certamente, essa é a primeira impressão que muitas pessoas têm ao se depararem com essa imagem, contudo, a foto refere-se a um dos momentos de nossas práticas pedagógicas, especificamente um círculo de leitura literária, com a turma do 3º ano A da Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade (EREM CJL) durante as aulas de Geografia, na qual se teve a escolha da obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz para trabalhar o fenômeno da seca.

Para que seja possível entender como cheguei a esta Dissertação de Mestrado é necessário relatar um pouco sobre a minha trajetória até aqui¹. Nascida em uma família humilde composta por sete filhos vindos de um pai agricultor e uma mãe técnica de enfermagem que sempre nos motivavam a estudar, sempre vi a educação como o caminho para alcançar os meus objetivos, assim, aos 17 anos concluí o Ensino Médio. Apesar de muitas dúvidas sobre qual carreira profissional seguir, por incentivo dos meus pais, resolvi prestar vestibular para a primeira turma do curso de Graduação em Geografia oferecida no Polo UAB de Educação a Distância Professora Maria Celeste Vidal pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A escolha por esse curso também se deu pelo fato de haver uma grande carência de professores de Geografia na região, devido possuímos poucas instituições de Ensino Superior e as existentes, até então, ofereciam em sua grande maioria os cursos de Matemática, Língua Portuguesa e História, logo, os profissionais que tivessem interesse em cursar Geografia deveriam se direcionar as cidades distantes. A questão da distância resultou em um número muito pequeno de professores dessa área do conhecimento, além de que o ensino de Geografia passava a ser ministrado pelos professores de outras áreas, em especial, os de História. Por esse motivo, em 2015 a abertura do curso de Graduação em Geografia pela primeira vez em nossa

¹ Devido à pesquisa ser de natureza mais qualitativa e de utilizar métodos que o pesquisador se insere também na pesquisa, o tempo verbal, apesar de não ser tão comum, será o verbo utilizado na primeira pessoa. A utilização desse tempo verbal será mais notável nas linhas iniciais e durante a apresentação do percurso metodológico e das ações pedagógicas.

região mostrou-se também ser uma grande oportunidade para a minha inserção no mercado de trabalho.

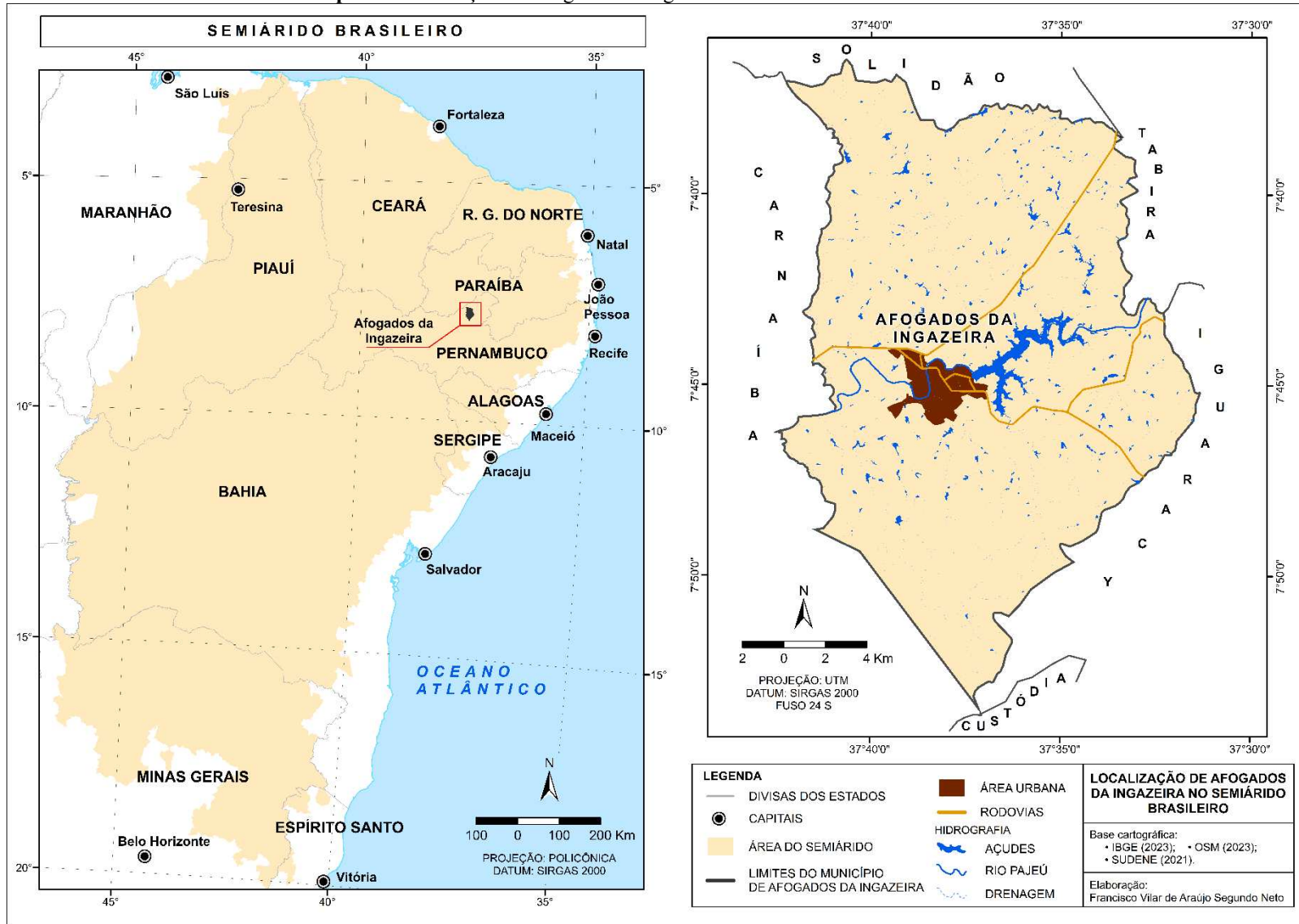
Logo após ingressar na Graduação comecei a lecionar no município em que resido, Solidão-PE. Conciliar estudo e trabalho não foi tarefa fácil, ao mesmo tempo, me proporcionou uma nova visão sobre o ambiente escolar já que teoria e prática são indissociáveis. Concluído o curso de Geografia, onde tive o prazer de ser a aluna laureada da turma, fiz uma segunda Graduação na área de História devido perceber que essas duas disciplinas em determinados momentos possuíam conteúdos que se interligavam e dos quais eu ainda não tinha domínio. Dessa necessidade de aperfeiçoamento resolvi fazer duas Pós-Graduações, em Educação Ambiental (devido conter um tema tão necessário para a atualidade) e Metodologia do Ensino de Geografia e História (como forma de ampliar ainda mais os conhecimentos produzidos durante as Graduações).

Lecionei no município por cinco anos, durante esse tempo exerci a docência em três escolas de Ensino Fundamental que permitiram construir as minhas primeiras práticas docentes e me reconhecer enquanto profissional que poderia mudar a realidade de alguns jovens através da educação. Pois, muitos dos estudantes dependem de políticas públicas que na grande parte das vezes os levam a acreditar que uma trajetória de sucesso seja impossível, entretanto, essa foi a minha realidade e, por meio delas, consegui alcançar além dos objetivos desejados.

No ano de 2020 deixei o município após passar em uma seleção para professor oferecida pela Rede Estadual de Pernambuco, na qual fui convocada no início de 2021 para uma escola na cidade de Afogados da Ingazeira-Pernambuco, onde atuo no momento. Na oportunidade comecei a ter contato com um novo público, dado que iria ensinar pela primeira vez em turmas de Ensino Médio. O início da docência nessa escola foi um pouco desafiador devido estarmos enfrentando a pandemia da COVID-19, logo, tinha que me adaptar para oferecer um bom ensino que atendesse aos alunos que estivessem na modalidade presencial e remota. Dificuldades que foram enfrentadas por meio de muito esforço e dedicação. Apesar dos desafios, principalmente pela questão da locomoção, acredito estar sendo uma das minhas melhores experiências, pois estou levando para a sala os conhecimentos construídos no decorrer do Mestrado em curso.

Na escola em questão, as aulas de Geografia sempre geram discussões proveitosas as quais busco estimular por meio de diferentes estratégias como aulões, jogos, peças teatrais, trabalhos em grupos, experiências, debates regrados e projetos de leitura. A mesma está inserida na região cujo predomínio é o clima semiárido, conforme o Mapa 1 a seguir.

Mapa 1 - Localização de Afogados da Ingazeira no Semiárido brasileiro



Fonte: Elaborado por Francisco Vilar de Araújo Segundo Neto, 2023.

Enquanto moradora possuo inúmeras vivências que remetem aos aspectos dessa região e ao fenômeno da seca. Em conversas com outros moradores, esses com mais vivências e memórias, sempre ouvi narrativas que retratam o cenário da seca e os seus impactos para a maioria dos habitantes da região Semiárida do Nordeste brasileiro. Recordo diversos momentos em que meus pais e meus tios relatavam as histórias de vida da família durante os anos de grande seca, os quais residiam em um lugar de difícil acesso e necessitavam se deslocar por quilômetros de distância até conseguir água a ser transportada em baldes. Muitos dos moradores cavavam cacimbas na esperança de evitar o desgaste físico do transporte desse recurso essencial a vida. A sua falta foi um dos principais motivos que levou alguns membros da família a buscar uma vida melhor em outras partes do Brasil, principalmente São Paulo. Parentes esses, que não retornaram mais ao Nordeste com a expectativa de morar.

Porém, a realidade atual não é mais a mesma, apesar do Semiárido brasileiro ainda ser muito estereotipado, tido como um território incapaz de sanar as suas dificuldades e de atraso econômico, o que reforça a necessidade de ações educacionais que promovam metodologias que levem a sua real compreensão e do fenômeno da seca. Na atualidade, o estudo dos fenômenos climáticos e suas relações com a sociedade tem ganhado destaque devido à preocupação com o aumento da exploração/degradação socioambiental das paisagens e da população, tendo como principal desfecho a mudança climática global de ordem social e, todos os efeitos negativos dessa mudança para as paisagens e para a população de mais privação socioeconômica residente em territórios de maior risco ambiental/climático. Pois, como defendido por Ayoade (1996) o clima influencia diretamente as plantas, os animais, a sociedade e o solo, mas, por outro lado, quando perto da superfície, ele é influenciado pelos elementos da paisagem, da vegetação e pelos seres humanos, através de suas várias atividades.

A temática da seca também foi alvo de discussões ao ministrar aulas de Geografia. Comumente os estudantes associam os conteúdos desenvolvidos aos aspectos presentes no seu cotidiano, em um desses momentos foi discutido em torno da vida do sertanejo em períodos de seca e as questões climáticas. Essa discussão foi muito positiva, pois de acordo com Batista (2019) utilizar os conhecimentos do cotidiano dos estudantes é de grande importância para um processo de ensino-aprendizagem mais significativo que seja capaz de desenvolver a criticidade dos mesmos.

Então, partindo do contexto local e com a finalidade de contribuir para um processo de aprendizagem significativo e crítico, ao ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO) da Universidade Federal de Campina Grande

(UFCG) decidi construir práticas que proporcionem a ampliação dos conhecimentos da realidade em que os estudantes vivem, já que conforme Paulo Freire (1989) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e dado que o Mestrado permitiu um maior ganho na minha experiência profissional devido às reflexões que foram sendo geradas em torno da nossa atuação.

Entretanto, Lima Júnior (2021) em sua Tese de Doutorado afirma que um dos maiores desafios do contexto atual é promover aos estudantes o entendimento do espaço onde vivem, em especial, processos socioambientais que colocam em risco a comunidade em que estão inseridos. Essa situação intriga qualquer professor de Geografia ao qual é atribuída a função de fazer os estudantes pensarem espacialmente para o entendimento e interpretação do mundo.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), enquanto documento de caráter normativo para as redes de ensino, ressalta que uma das finalidades do ensino da Geografia é estimular os estudantes a ter uma melhor compreensão do mundo, possibilitando assim intervirem responsabilmente onde vivem. São variadas as situações do cotidiano em que pode haver a aplicação dessa área do conhecimento, como “estabelecer regras de convivência na escola e na comunidade; discutir propostas de ampliação de espaços públicos; e propor ações de intervenção na realidade, tudo visando à melhoria da coletividade e do bem comum” (Brasil, 2018, p.364).

Logo, é de grande relevância inserir o cotidiano dos estudantes e da comunidade no decorrer das aulas. Pensemos no caso dos estudantes residentes em territórios da região Semiárida, cuja presença da seca é um fenômeno mais cíclico (sazonal e interanual) do que excepcional e, que gera impactos e danos de ordem natural, social, econômico e político. Não seria primordial para esses estudantes compreenderem a seca enquanto um fenômeno geográfico que pode ser intensificado pelas suas ações? Ou fundamental levar os estudantes a conhecerem a história de secas anteriores e possíveis instrumentos e técnicas capazes de amenizar os impactos gerados? Ou o quanto seria pertinente levar os mesmos a refletirem sobre quais são as populações mais afetadas por esse fenômeno? Além disso, quais os recursos e as metodologias que poderiam contribuir para o ensino dessa temática? Tais questionamentos nos levam a refletir que essa realidade, ou melhor, “o mundo” como mencionado na BNCC, evidencia a importância do conteúdo da seca na Geografia Escolar.

As aulas de Geografia na Educação Básica são desenvolvidas seguindo uma base curricular, porém, dentre os variados conteúdos, no presente trabalho, iremos nos centrar no fenômeno da seca e nos seus vários aspectos com foco no nível local e regional. O nosso

trabalho de investigação tem como *locus* a minha escola de atuação situada em um município de Pernambuco, visto ser esse um dos estados nordestinos com maior incidência das secas que assim como em outros territórios da região atinge as populações de maneira variada consoante o grau de vulnerabilidade, pois quanto mais preparada estiver uma comunidade mais essa tende a passar de maneira melhor os momentos de crise (Araújo, 2021).

Destarte, enquanto docentes de Geografia nos vemos na obrigação de levar os estudantes a compreenderem os aspectos voltados a esse fenômeno, visto que tendo sido por muito tempo o Nordeste seco uma das áreas mais dramáticas da América Latina, torna-se necessário conhecer as suas características como uma das ferramentas para buscar soluções dos problemas enfrentados pelas populações tanto no presente quanto no futuro (Ab'Saber, 1999).

Além disso, ponderamos que a proposta de trabalho se mostra de relevância educacional e social por apresentar uma organização que envolve os campos da Geografia e da Educação e, por abordar a literatura como uma ferramenta estrategicamente impressa na busca em aprender sobre a seca como um fenômeno para além das questões de ordem climática. Trazendo assim uma discussão eminentemente ainda necessária em todas as suas dimensões. Defendemos que a pesquisa busca contribuir para a área de Ensino de Geografia e a linha de pesquisa “As linguagens no ensino de Geografia” ao colocar a possibilidade de aprender e ensinar com outras textualidades.

Assim, visamos apresentar, através da metodologia da pesquisa-ação, as práticas pedagógicas adotadas, trazendo para o debate temas como: os elementos que compõem o Semiárido, o fenômeno da seca e os seus impactos, as migrações internas e os recursos hídricos da nossa região. Logo, fazendo uso dessa metodologia temos como tema de pesquisa o *Letramento literário*² e o ensino da Geografia, as inquietações em torno dessa temática nos fizeram formular o seguinte problema de pesquisa: **Como o letramento literário pode contribuir para a compreensão do fenômeno da seca no ensino da Geografia na Educação Básica?**, pergunta a qual pretendemos responder ao longo desse trabalho visto que a Dissertação apresenta uma análise do desenvolvimento das sequências de atividades com foco nos sujeitos da pesquisa, o professor pesquisador e, principalmente, os estudantes. É um momento também que buscamos refletir sobre a nossa prática docente e possíveis contribuições para o meio acadêmico.

Justificamos então a escolha da pesquisa-ação e do tema pelo fato de reconhecermos no contexto escolar lacunas no ensino da Geografia presentes com relação à compreensão do

² O conceito de letramento literário será apresentado no Capítulo seguinte.

fenômeno da seca. Nesse sentido, as discussões apresentadas ao longo desse trabalho constituem na pesquisa-ação os aspectos voltados a construção do conhecimento além da tomada de consciência e do desenvolvimento da criticidade pelos estudantes. Acreditamos ser um tipo de pesquisa de grande relevância, e que, portanto, pode causar transformações com relação a temática proposta. Pois, como defendido por Barbier (2004), a pesquisa-ação é pedagógica e política, servindo para a educação do homem cidadão. Logo, ela pode concernir a possibilidade de levar os estudantes a entenderem a seca por meio de práticas de ensino alinhadas ao uso da literatura como fonte de investigação dos conhecimentos geográficos.

Consideramos o uso do texto literário devido proporcionar ao estudante a capacidade de imaginação. Mas, pretendemos constituir um alinhamento entre Literatura e Geografia de forma que nenhuma dessas percam as suas especificidades, proporcionando o letramento literário. Até o momento não conhecemos estudos voltados ao letramento literário na Geografia, o que nos leva a querer investigar quais podem ser as suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem nessa área do conhecimento. Pois, apesar de estudos terem sido realizados voltados ao ensino de Geografia e Literatura, esses não estão fundamentados no letramento literário devido ser mais frequente nos trabalhos de pesquisadores do ensino de linguagem.

Frente a essa conjectura, construímos Sequências Didáticas (SD) a serem aplicadas, problematizando de forma contextualizada as explorações das leituras dos estudantes com os conteúdos específicos da disciplina no que concerne ao fenômeno da seca. Houve certo estranhamento por parte dos estudantes no tocante ao uso da literatura no ensino da Geografia, porém, ao longo das sequências os mesmos puderam perceber que as duas estavam intimamente ligadas, relação essa que poderia oportunizar aprendizagens significativas dos conteúdos geográficos e despertar um senso mais crítico. Autores como Silva e Barbosa (2014, p.85) defendem que “analisar obras literárias e construir um caminho metodológico didático é fundamental para o fortalecimento de uma visão comprometida com a totalidade, ou seja, uma visão crítica de mundo”.

Desta forma, definimos como objetivo geral: Analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia. A partir do objetivo mencionado temos como objetivos específicos: a) Identificar e reconhecer os elementos que compõem o Semiárido brasileiro na obra *O Quinze*; b) Compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida dos sertanejos/estudantes; c) Propor construção de práticas contextualizadas no ensino do fenômeno da seca a partir do cotidiano em que a escola e os

estudantes estão inseridos e d) Avaliar por meio do letramento literário como os estudantes estabelecem movimentos de ação-reflexão-ação sobre o fenômeno da seca.

Assim, com a finalidade de alcançar os objetivos estabelecidos, o presente trabalho será composto por cinco capítulos: O primeiro é acerca das linhas iniciais que buscam abordar as informações gerais da pesquisa. O segundo aborda sobre o que é o letramento literário e traz breves considerações sobre o fenômeno da seca. O terceiro é dedicado a apresentação do percurso metodológico adotado na pesquisa, do local de estudo e dos sujeitos participantes. O quarto capítulo tem por finalidade apresentar as sequências didáticas desenvolvidas e analisar as atividades realizadas. E o quinto consiste nas linhas finais(?) onde abordamos algumas reflexões sobre o tema e as ações desenvolvidas em torno do problema investigado.

Partindo disso, o estudo foi centrado em obras de autores como: Ab'Saber (1999), Campos (2006), Batista (2019) e Araújo (2021), os quais trazem importantes contribuições em torno da seca como fenômeno geográfico, além de aspectos da região Semiárida. Para o entendimento do letramento literário, temos como embasamento teórico as ideias impressas pelos autores Paulino (2010) e Cosson (2021; 2022), já as obras de Monteiro (1988), Olanda e Almeida (2008), Cavalcante (2016) e Moura (2019) contribuíram para refletir sobre a relação entre Geografia e Literatura, o que irá fundamentar a nossa pesquisa-ação, tendo por referência para a realização dessa Engel (2000), Thiollent (2002) e Barbier (2004).

2. LETRAMENTO LITERÁRIO E SECA: LINHAS HISTÓRICO-CONCEITUAIS

Este capítulo terá por finalidade abordar sobre o que é o letramento literário, utilizando para isso as obras dos autores Graça Paulino (2010) e Rildo Cosson (2021; 2022), responsáveis por formular o conceito dessa expressão no contexto educacional brasileiro. No mesmo, iremos refletir sobre a relação entre a Geografia e a Literatura a partir da qual faremos uma análise sucinta do livro *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, obra essa que pode ser utilizada como recurso pedagógico para trabalhar diferentes temáticas da Geografia, em especial, o fenômeno da seca.

2.1 Letramento literário

Conforme Soares (2009), respeitada pesquisadora na área de linguagem, o termo “letramento” surge na década de 1980 entre os especialistas da Educação e das Ciências Linguísticas. O sentido do termo partiu da tradução da palavra inglesa *literacy*, que vem etimologicamente do latim *littera* e significa “letra” acrescido do sufixo “mento”.

Roxane Roxo (2016) em participação ao programa “Escrevendo o Futuro para o curso on-line - Caminhos da Escrita” explica que quando o termo letramento surgiu os autores o interligavam ao alfabetismo, compondo desta forma um tipo de conhecimento que era valorizado pelo ambiente escolar. Por esse motivo, apesar do termo letramento já está amplamente presente no nosso dia a dia, o mesmo ainda é utilizado algumas vezes como sinônimo de alfabetização, havendo assim a necessidade de distingui-los.

De acordo com Soares (2009) a alfabetização está centrada no ato de levar as pessoas a ler e escrever, contudo, diante do contexto atual somente saber ler e escrever não é suficiente, é preciso levar as pessoas a dominarem a prática de leitura e escrita e incorporá-las em suas práticas sociais. Foi dessa necessidade que surgiu o termo “letramento” que pode ser definido como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (Soares, 2009, p.18).

Consideramos fundamental fazer esse breve relato em torno da origem do termo letramento devido hoje acompanharmos em muitos trabalhos de pesquisa, incluindo este, o uso de uma expressão que se utiliza da prática mencionada, estamos falando do “letramento

literário”. Conforme Andrade (2009) a aplicação da expressão letramento literário ainda é algo novo, visto que o seu uso em nosso país se deu na década de 1990 através dos pesquisadores do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde então, a expressão tem sido amplamente propagada pelo Grupo de Pesquisa - *Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo* (GPLEER) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e resultado em inúmeras pesquisas em várias instituições do Brasil.

De acordo com Cosson (2021), o emprego da expressão letramento literário tem se feito presente não somente no contexto brasileiro, visto que há registros do seu uso em outros países, principalmente os de língua inglesa, onde sua utilização está centrada nos estudos sobre leitura e literatura. Em 1987, a expressão foi mencionada por um pesquisador australiano para se referir a importância de associar o ato de ler ao ato de aprender. Em 1988, o letramento literário foi empregado por um canadense voltado ao Ensino da Literatura. Anos após, no final da década de 1990, a expressão foi difundida por estudiosos dos Estados Unidos associada a competência de ler literatura. Depois dos anos 2000, o letramento literário passou a estar mais presente em estudos sobre o ensino da língua e o lugar da literatura. Para esses autores, o letramento literário pode ser definido como uma prática de apropriação e interpretação dos textos literários de forma crítica, além disso, deve ser uma prática valorizada no ambiente escolar, embora não exclusiva dela, para não correr o risco de deixar de existir.

No contexto educacional brasileiro o conceito de letramento literário foi formulado por Graça Paulino em parceria com o professor Rildo Cosson conforme apresentado em *webinário* de comemoração pelos 10 anos do GPLEER pela professora idealizadora, coordenadora e líder do grupo de pesquisa, Dra. Cleudene Aragão (2021). De acordo com Rosa (2011), é na obra escrita por Graça Paulino, por incentivo do seu amigo Rildo Cosson, intitulada *Das leituras ao Letramento Literário (1979-1999)*, 2010, que é possível perceber o nascimento da expressão letramento literário, onde os anos presentes no título faz referência aos textos publicados por Graça Paulino desde 1979 a 1999 quando a expressão foi apresentada à Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação (ANPED).

Ao ter acesso ao livro podemos constatar que a autora traz a sua preocupação em torno da formação de leitores, as concepções da leitura e literatura e apresenta o conceito de letramento literário. Segundo a mesma, é necessário refletirmos sobre a necessidade de levar os brasileiros a criarem novos hábitos de leitura, pois, a maioria da população, como as massas urbanas alfabetizadas, não tem acesso às literaturas contidas nas livrarias devido questões

econômicas e culturais. Logo, a leitura literária se enquadra como um privilégio de poucos, apesar de muitas das acessadas serem de baixa qualidade.

Para Paulino (2010) os brasileiros costumam ler textos variados como noticiários e artigos esportivos, porém, há uma certa recusa em relação à leitura literária que ocorre possivelmente devido o distanciamento entre o imaginário do texto e a vida das pessoas. Talvez seja em razão disso, que os brasileiros das classes médias buscam na literatura uma forma de esquecer dos problemas reais. Mas, essa rejeição pelas leituras literárias poderia ser revertida caso fosse despertado nas pessoas desde crianças o gosto e as habilidades referentes a mesma.

Defende ainda que a literatura assumiu papel de relevância em vários sistemas de representação social, se configurando como um tipo de conhecimento jamais ultrapassado. Devido a sua importância, a autora questiona sobre a prática de leitura e a utilização da literatura no contexto escolar, dado que é de conhecimento de todos que a leitura que acontece na escola ocorre boa parte das vezes de forma forçada, que pouco contribui para o ganho pessoal e cultural dos alunos. Além disso, as bibliotecas das escolas recebem obras literárias dóceis que favorecem a formação de crianças passivas ao invés de formar leitores críticos e conscientes que produzem conhecimento ao passo em que indagam, deduzem, discordam, selecionam e agem no decorrer do processo. Essa produção de conhecimento a partir da leitura crítica e consciente, e não pela simples memorização de informações, possibilita a formação de leitores que tenham o desejo em ir a livrarias e bibliotecas mesmo após concluírem a Educação Básica.

Na obra, a expressão “letramento literário” se “configura a existência de um repertório textual, a posse de habilidades de trabalho linguístico-formal, o conhecimento de estratégias de construção de texto e de mundo que permitem a emersão do imaginário no campo simbólico” (Paulino, 2012, p.143). Nesse processo o sujeito se insere nas práticas sociais letradas e interfere com sua própria história, ou seja, o passado do sujeito terá influência na atuação presente desse indivíduo no mundo literário. Além de tudo, quanto mais cedo esse tiver contato com a literatura, maiores possibilidades há de que se desenvolva como leitor literário. Entendemos por leitor literário o leitor capaz de escolher as suas próprias leituras, que admire a construção de significados e que faça dessa prática algo comum e prazeroso no seu cotidiano.

Para nos aprofundar no conceito de letramento literário iremos considerar as ideias defendidas nos livros de Rildo Cosson: *Letramento Literário: teoria e prática* (2021); *Círculos de leitura e letramento literário* (2021); *Como criar círculos de leitura na sala de aula* (2021); *Paradigmas do ensino da literatura* (2021) e *Práticas de letramento literário na escola: propostas para o ensino básico* (2022), esse último escrito em parceria com o autor Lucena.

Cosson (2021) nasceu no Acre, possui Mestrado em Teoria da Literatura, Doutorado em Letras e Pós-Doutorado em Educação, atua como um dos coordenadores idealizadores de uma pesquisa feita em rede no Nordeste sobre as práticas de leitura literária na Educação Básica e é conhecido nacional e internacionalmente pela sua participação em congressos sobre o letramento literário.

Em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2021), Cosson define como letramento literário o tipo de letramento que se insere em uma concepção maior do que o simples uso da escrita, indo além das práticas escolares comuns. Apesar desse termo ser recente na Língua Portuguesa e alvo de controvérsias, boa parte dos autores o relacionam a apropriação da escrita e das práticas sociais por ele expressa.

O uso da literatura envolve a exploração das suas potencialidades enquanto um tipo de linguagem repleta de saberes sobre a sociedade e o mundo. Na leitura e escrita dos textos literários é possível viver as experiências narradas na qual nos colocamos no lugar do personagem, rompendo assim com os marcos de tempo e do espaço, mas sem perder a noção e identidade de nós mesmos. Desta forma, algumas tradições, conforme Cosson (2021), os empregam para ensinar a ler e escrever, assim como para formar culturalmente o indivíduo.

O mesmo destaca o letramento literário enquanto uma prática social, logo, uma das responsabilidades da escola. Todavia, ao ser empregada no âmbito escolar é necessário construir estratégias que permitam o seu uso de maneira adequada e contextualizada, ajudando assim os envolvidos a ler melhor, ao passo que permite meios essenciais para entender e articular o mundo descrito pela linguagem. Nesse contexto, o papel do professor é fundamental, pois deve propor meios que ampliem os horizontes de leitura dos estudantes. Para isso, uma das possibilidades é que desafie os seus estudantes de modo que esses partam do que já conhecem para aquilo que ainda é desconhecido aos seus olhos.

Nesse trabalho é ressaltado a importância da leitura para fazermos parte da sociedade e desempenharmos o nosso papel de cidadão. Entre a relevância dessa, ganha destaque a leitura literária que se caracteriza como um tipo de leitura com caráter formativo com a finalidade de levar o leitor a experienciar o que está no texto, a mesma é carregada de valores como os de ordem cultural, estética e social. Com base em seus estudos, Cosson (2021) acredita ser possível reunir as diferentes teorias sobre a leitura em três grupos:

- 1) *Texto*: grupo constituído pelas teorias denominadas de ascendentes. Ler é o processo de extração do sentido contido no texto, o qual perpassa por dois níveis: o de letras e palavras

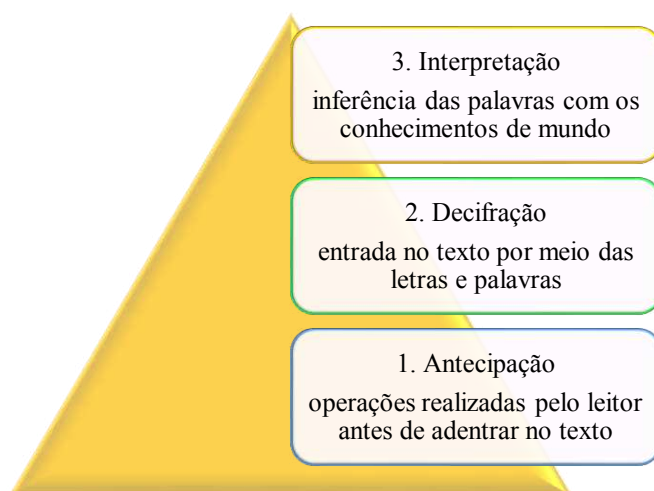
contidas no texto e o de significado voltado ao conteúdo da produção. A passagem de um nível para o outro significa que ocorreu o processo de extração, logo, fez-se a leitura.

2) *Leitor*: partem das teorias de abordagens descendentes. A leitura está mais voltada ao leitor, pois irá depender do que esse deseja ao ler o texto, considerando para isso o que o mesmo já conhece em torno do que lhe é apresentado e os conhecimentos de mundo.

3) *Interação social*: grupo composto pelas teorias conciliatórias, as quais também incorporam as teorias anteriores. Refere-se à interação existente entre o autor e o leitor por meio do texto, onde o ato de ler pode ser classificado como uma atividade social, logo, ler e ser leitor torna-se uma prática muito importante para a manutenção e transformação das relações humanas.

Essas três maneiras apresentadas de compreender a leitura podem ser ponderadas por meio de uma sequência de etapas lineares, como buscamos representar na Figura 1.

Figura 1 - Etapas do modo de compreender a leitura



Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva com fundamento em Cosson (2021).

Com base na Figura 1, a primeira etapa, denominada como “antecipação” considera de grande relevância a finalidade com que a leitura será realizada, assim como os elementos da materialidade do texto como, por exemplo, a apresentação de uma imagem chamativa na capa de um livro. A segunda etapa, a “decifração”, tende a ser desafiadora para aqueles que não são alfabetizados, ou são leitores iniciantes, enquanto que um leitor fluente possui mais facilidade devido a sua grande familiaridade com as letras e palavras. E na terceira etapa, na “interpretação”, o leitor constrói o sentido do texto. Essas três etapas do processo de leitura fundamentam a prática do letramento literário.

O docente ao propor aos estudantes lerem textos literários, geralmente em um primeiro momento busca conferir se o estudante fez verdadeiramente a leitura do texto e, posteriormente, busca ampliar essa leitura mediante outras informações que mantenham uma relação com o texto. Quando bem organizada, essas ações possibilitam a construção de aprendizagens significativas. Para isso, devemos sempre buscar ir além da simples leitura do texto literário e promover efetivamente o letramento literário. Pois, “a literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários” (Cosson, 2021, p.47).

Em seu livro são apresentadas duas sequências exemplares, uma básica e outra expandida. A sequência básica do letramento literário é composta por quatro fases, que são: 1) *Motivação*: prepara o estudante para entrar no texto como, por exemplo, fazer com que os estudantes se posicionem diante de um tema referente ao texto a ser lido; 2) *Introdução*: momento em que é apresentado o autor e a obra a ser lida sendo interessante mencionar o motivo da escolha da obra bem como a sua importância para aquele momento; 3) *Leitura*: etapa em que os alunos realizam a leitura da obra sendo necessário o acompanhamento dessa pelo professor por meio de conversas com os estudantes, momento denominado pelo autor de *intervalo* e 4) *Interpretação*: considera as inferências para a compreensão do texto por meio do diálogo entre o autor e o leitor.

A sequência expandida, fazendo uso das etapas presentes na sequência básica, propõe o acréscimo de novas etapas que permitem a incorporação de diferentes aprendizagens do letramento literário. Nessa sequência, a interpretação é subdividida em duas fases: a *primeira interpretação* seria o entendimento global da obra, enquanto a *segunda interpretação* teria a finalidade de fazer a leitura aprofundada sobre um de seus aspectos. Entre essas ocorre a *contextualização* que seria o aprofundamento da leitura através do contexto que a obra apresenta. Finalizada, as etapas mencionadas se têm a *expansão* que é o diálogo dessa com outras obras, marcada assim pela intertextualidade.

Em ambos os casos, a escrita aparece relacionada a leitura como meio de proporcionar um letramento literário efetivo, uma vez que após a leitura de uma obra os registros irão servir de base para as leituras posteriores. Assim, o aprendizado construído criticamente a partir da leitura literária é o princípio que norteia o letramento literário. Pois, como defendido por Cosson (2021, p.120) “o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de

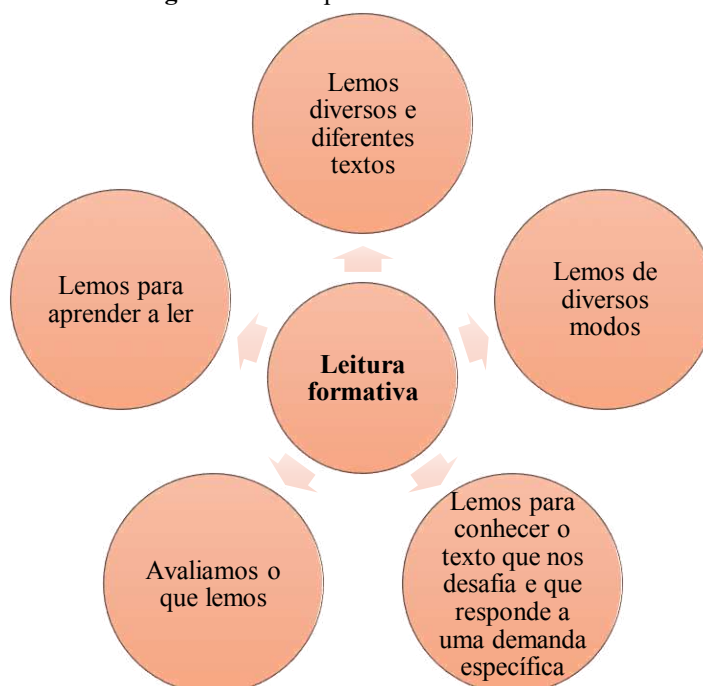
dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo”.

Entretanto, em sua obra *Círculos de leitura e letramento literário* (2021), Cosson traz dados importantes sobre o uso da literatura na atualidade,

a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas. Segundo os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante realizada em 2007. Computados os livros por inteiro, o número de livros cai para 2,1. A razão maior para essa diminuição do espaço ocupado pelo livro na vida das pessoas é a falta de tempo, que como se sabe, é uma forma gentil de indicar desinteresse pela atividade. Aliás, o desinteresse atinge 78% das pessoas que declaram estar lendo menos do que no ano passado. Quando leem, fazem isso mais pela necessidade de se atualizarem culturalmente do que por prazer (Cosson, 2021, p.11-12).

Segundo o mesmo, ler enquanto diversão é uma atividade restrita a uma pequena parcela da população, visto que as atividades mais procuradas para o lazer é a televisão, o rádio e as redes sociais. Ler livros não é uma das práticas mais comuns do cotidiano dos brasileiros, principalmente no que se refere a livros de literatura. Contudo, a prática da leitura é uma atividade muito importante, razão pela qual passou a ser prioridade de algumas políticas públicas destinadas à promoção do domínio da escrita. O livro em questão também ressalta em torno dos princípios da leitura formativa, como representamos na Figura 2.

Figura 2 - Princípios da leitura formativa



Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva com fundamento em Cosson (2021).

Com base na Figura 2, lemos formativamente quando *lemos diversos e diferentes textos*, pois, conhecer diferentes composições e tipos de textos permite que o leitor crie um repertório que irá facilitar as leituras a serem realizadas posteriormente. A ideia de *lermos de diversos modos* expressa as diferentes maneiras de exercitar a leitura, como: sublinhar, fazer anotações, inferir informações e localizar as ideias significativas. O fundamento de *lermos para conhecer o texto que nos desafia e que responde a uma demanda específica* parte do princípio de que as escolhas de textos para leitura estão voltadas a algo que se quer ou precisa conhecer, coisas que podem ser relevantes para o presente ou o futuro. Com relação a *avaliar o que lemos*, esse princípio trata de identificar o conjunto de ideias apresentadas pelo texto, compreender o motivo e por quem a obra deve ser lida. Enquanto *lermos para aprender a ler* faz parte de um processo que visa ampliar a nossa competência leitora, sendo classificada como o tipo de leitura realizada por uma necessidade prática existente no nosso dia a dia e capaz de gerar reflexões em torno do processo durante o momento em que a leitura ocorre.

Nesse sentido, na leitura formativa a literatura assume um espaço importante por poder atender a todas as características mencionadas e ir além, gerando a construção de aprendizagens e colocando o leitor enquanto sujeito de sua leitura. Desta forma, a leitura é um processo de produção constituído a partir do diálogo entre o leitor, o autor, o texto e o contexto. Além desses quatro elementos, o ato de ler é mediado por três objetos de leitura:

- 1) *Texto*: possui duas dimensões, a materialidade física e o fazer que o constitui como tal. A primeira estaria voltada a representação gráfica das palavras, enquanto a segunda refere-se ao processamento de signos feito pelo leitor.
- 2) *Contexto*: corresponde aos elementos intratextuais e textuais de uma obra considerando as diferentes leituras do leitor enquanto indivíduo e as condições sociais e culturais de produção da obra.
- 3) *Intertexto*: permite a descoberta das relações existentes entre os elementos e os objetos da leitura, desvelando assim a trama da mesma.

Reconhecendo essas etapas se torna mais fácil compreendermos o letramento literário, o qual consiste em um processo que não se encerra em uma ou outra atividade. Trata-se da apropriação do texto em seus diferentes aspectos, um diálogo que se dá por meio das experiências de outros, possibilitando assim a produção de sentidos e sendo de competência individual e social. Algumas das atividades podem demandar interação social como, por exemplo, os círculos de leitura que consiste no encontro de um grupo de pessoas para falarem em torno da leitura de uma obra, os mesmos “são espaços de compartilhamento organizados

para que o diálogo em torno de uma obra seja também um lugar onde leitores se reconheçam como membros de uma comunidade” (Cosson, 2021, p.179).

Corroborando com essa ideia, no livro que tem como título *Como criar círculos de leitura na sala de aula* (2021), o autor reforça o uso do círculo de leitura enquanto prática de letramento literário no ambiente escolar. Pois, essa estratégia de ensino pode permitir a ampliação dos laços sociais, bem como das interpretações individuais em torno da obra lida. Afirma que o letramento acontece antes mesmo da criança ir à escola, quando direcionada a esse ambiente passa a exercitar publicamente o diálogo da leitura. Pensando nisso, o autor propõe três etapas para a elaboração de um círculo de leitura de forma que essas sejam alteradas consoante a realidade de cada turma. São elas: *modelagem, prática e avaliação*.

A *modelagem* é uma atividade centrada no docente, o qual prepara os estudantes e apresenta o círculo de leitura. De início, o professor explica detalhadamente o funcionamento de um círculo de leitura, mostra como faz cada procedimento e ensaia as fases, para que assim os estudantes, enquanto observadores, possam agir de forma autônoma quando partirem para o momento da vivência.

A *prática* se caracteriza pela leitura realizada pelos estudantes que devem fazer questionamentos e conversarem sobre a obra em grupos, nesse momento o professor age em parte como observador das discussões.

Já a *avaliação* consiste no momento em que o docente e os estudantes analisam os rendimentos. Para esse fim pode ser feito uso de diferentes meios, além de que essa deva ocorrer de maneira contínua, em que as observações das discussões e os registros devem ser levados em consideração e os estudantes submetidos ao processo de autoavaliação.

As etapas não ocorrem isoladamente, mas, pelo contrário, há momentos em que elas se misturam. Quando presente na escola, os círculos de leitura podem extrapolar o espaço da sala de aula, utilizando-se de espaço como o da biblioteca, além de poder, envolver estudantes de diferentes turmas. O autor ainda enfatiza a possibilidade de uso de cartões de funções e elaboração de questões sobre o texto como meios para enriquecer a aprendizagem durante a realização dessa atividade.

Nesse contexto sobre o uso da literatura, vale destacar que assim como as outras áreas do conhecimento, o Ensino da Literatura sofreu várias mudanças ao longo do tempo, havendo assim uma sucessão de paradigmas, os quais Cosson aborda no livro *Paradigmas do ensino da literatura* (2021). O autor propõe que no estudo dos paradigmas do Ensino de Literatura devemos considerar as características de cada uma delas com base nos seguintes elementos: 1)

Concepção de literatura; 2) Valor da literatura; 3) Objetivo do ensino da literatura; 4) Conteúdo; 5) Metodologia; 6) Papel do professor; 7) Papel do aluno; 8) Papel da escola; 9) Lugar disciplinar da literatura; 10) Seleção de textos; 11) Material de ensino; 12) Atividades de sala e 13) Avaliação.

No Brasil, Cosson (2021) reconhece seis paradigmas existentes no Ensino da Literatura que podem ser divididos em dois grupos, um classificado como “tradicional” constituído pelo paradigma *histórico-nacional* e o paradigma *moral-gramatical*, e outro classificado como “contemporâneo” constituído pelos paradigmas *social-identitário*, *analítico-textual*, *letramento literário e formação do leitor*. Apesar de todos terem a sua relevância, gostaríamos de destacar dois: o paradigma da formação do leitor e o do letramento literário.

No paradigma da formação do leitor, a literatura possui um caráter formativo e deve estar presente na escola por proporcionar o desenvolvimento do aluno enquanto indivíduo, permitindo assim ampliar os seus conhecimentos em torno do mundo, como por ter ampla capacidade de despertar nos estudantes o gosto e o hábito pela leitura. Não há assim preocupação em relação aos conteúdos a serem ensinados visto que a preocupação está mais centrada na leitura de fruição, por isso que a escolha dos textos parte daquilo que está mais próximo do aluno. O professor possui o papel de mediador da leitura e do aluno, enquanto a escola deve possibilitar mecanismos para que a prática seja exercida com sucesso. Logo, nessa concepção os objetivos do Ensino da Literatura seria “desenvolver o hábito da leitura, criar o gosto pela leitura e formar o leitor crítico-criativo” (Cosson, 2021, p.134).

Enquanto isso, no paradigma do letramento literário, o objetivo do Ensino da Literatura é desenvolver a competência literária do estudante, ampliando assim a competência literária já presente em sua vida. A metodologia, por sua vez, está voltada ao manuseio do texto literário e ao compartilhamento da experiência literária pelos estudantes. O papel do docente é o de planejar as atividades possibilitando caminhos para a obtenção do êxito, assim como tentar criar uma comunidade de leitores. No paradigma do letramento literário, o aluno tem participação ativa e cabe a escola promover condições eficientes para o ensino. Todavia, há certa dificuldade no que se refere a sua implementação no âmbito escolar, pois por essa não recorrer necessariamente ao uso do livro didático ou explanação do docente como é comum, ela é tida como uma aula sem relevância, não considerando ser um processo que altera o comportamento dos estudantes acostumados com o modelo de aula tradicional, mas que tem alcançado experiências bem-sucedidas.

É pensando nisso que Cosson e Lucena em seu livro *Práticas de letramento literário na escola: propostas para o ensino básico* (2022) apresenta variadas práticas de letramento literário no espaço escolar a partir de experiências vivenciadas por docentes que obtiveram um ensino de sucesso. É com base nessas propostas e nas ideias mencionadas que se fundamenta esse trabalho. Contudo, os estudos mencionados até aqui fazem referência ao desenvolvimento do letramento literário em disciplinas como Língua Portuguesa ou a própria literatura. Indo um pouco além buscaremos investigar como o letramento literário pode contribuir também para o ensino da Geografia, para isso elegemos como conteúdo de análise o fenômeno da seca.

2.1.1 Geografia e Literatura

As aproximações entre a Geografia e a literatura não são recentes, conforme apontam Fernandes (2013) e Suzuki (2017), os registros envolvendo essas aproximações remontam ao século XIX com Alexander Von Humboldt em sua obra *Cosmos*, além da presença de uma Geografia na obra literária *Odisseia* em um artigo escrito no ano de 1904 por Paul Vidal de La Blache. Essas aproximações ganham mais relevo a partir da década de 1940, em especial, com estudo de obras literárias associadas as perspectivas geográficas realizadas por pesquisadores franceses (Olanda; Almeida, 2008).

Apesar desse cenário, pouco se discutia a relação entre Geografia e Literatura como um campo do conhecimento, porém, a partir da década de 1970, por meio do desenvolvimento das ideias humanísticas, a relação entre as duas áreas ganha destaque. No ano de 1979 a relação entre Geografia e Literatura é tema central do encontro de geógrafos britânicos, assim essa relação ganha ainda mais notoriedade acadêmica. Com base nas pesquisas feitas por Fernandes (2013), especialmente nos trabalhos de Brosseau (2007), a relação entre Geografia e literatura passa a ser vista a partir de três aspectos, “primeiramente, a literatura aparece como complemento de uma Geografia regional; em um segundo momento, como transcrição da experiência dos lugares; e em um terceiro momento, como crítica social da realidade” (Fernandes, 2013, p.171).

Mais recentemente, autores como Cavalcante (2020) propõe uma Geografia literária onde tanto a literatura quanto a Geografia estejam centradas na apreensão do mundo. Essa Geografia literária está embasada nas leituras do espaço assim como nos espaços da leitura. Nesse contexto, vários fatos geográficos podem ter a literatura enquanto material de consulta sem correr o risco da perda da sua cientificidade, pois

a literatura em consórcio com a ciência geográfica permite a superação da estruturação da sociedade pela maleabilidade da imaginação, porém não se trata de nulidade dos postulados científicos, pois os mesmos são inseridos e extraídos da relação dialética ficção-realidade cuja permite a verificação da origem da obra literária e sua correspondência real com o cotidiano dos estudantes (Silva; Barbosa, 2014, p.81).

Na atualidade muito se tem buscado contextualizar a literatura ao ensino da Geografia. No Brasil esse tema tem se feito presente, principalmente, nas duas últimas décadas a partir de eventos importantes, como o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) e grupos de pesquisa, como o Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT) da Universidade Federal do Maranhão, o Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES) da Universidade Federal do Ceará e o de Geografia, Literatura e Arte (GEOLITERART) da Universidade de São Paulo. Contudo, apesar de um número considerável e crescente de trabalhos como dissertações e teses terem abarcado sobre essa relação, não conhecemos estudos voltados as possíveis contribuições de um letramento literário no ensino de Geografia, pois os estudos voltados ao letramento literário sempre têm como referência as disciplinas de Língua Portuguesa ou o Ensino da Literatura literária. Essa falta de estudo nos motiva a querer investigar como o letramento literário pode contribuir para o ensino da Geografia, em especial na compreensão do fenômeno da seca, na Educação Básica, de modo que o contexto local e as vivências dos estudantes possam ser valorizados.

Todavia, Suzuki (2017) aponta que apesar de próximas, Geografia e Literatura, ambas possuem sua história, tradições, especificidades teóricas e metodológicas, o que parte das vezes pode dificultar o diálogo entre elas. Logo, ao serem empregadas juntas precisamos evitar a valorização dos instrumentos específicos de uma das áreas para que assim a construção de sentidos e as interpretações não sejam prejudicadas e permita a ampliação do conhecimento.

Para Moraes e Callai (2012) a definição do papel da Geografia enquanto ciência sofreu várias alterações ao longo da história. Apesar de tradicionalmente a Geografia ainda possa para alguns estar limitada a compreensão de mapas ou aulas de campo, essa está voltada a análise da sociedade e do mundo por meio da dimensão do espaço. No entanto, descrever o espaço nem sempre é tarefa fácil, visto que a subjetividade permite diferentes interpretações devido ser um espaço que sofre constantes alterações em decorrência das ações humanas. Dessa forma, ao pedir, por exemplo, para alguém descrever um lugar essa pessoa tende primeiramente a fazer referência aos elementos visíveis, partindo disso, a descrição pode conter elementos voltados aos desejos ou ao imaginário.

Nesse contexto, a literatura enquanto meio em que é expresso os conhecimentos reais por meio da ficção permite interligar tempos e espaços assim como autores e leitores, possibilitando a reflexão em torno de problemas e temas existentes na realidade. Para Moraes e Callai (2012) ler literatura faz com que o leitor amplie os seus conhecimentos e melhore o seu vocabulário, sendo, portanto, um elemento formador. Formador ao passo que leva os leitores a compreenderem a complexidade do ser humano a partir dos temas abordados que retratam os meios sociais, históricos e familiares que algumas das vezes se tornam difíceis de serem compreendidos somente a partir das ciências formais.

Os bons escritores, como testemunhos do seu tempo, captam "eventos" retratando aspectos da condição humana que "tiveram lugar". Esta semântica de ocorrer demonstra bem - pela vinculação tempo-espaço - que toda esta dinâmica da condição humana não dispensa a ligação fundamental com o lugar do seu acontecer (Monteiro, 1988, p.199-200).

Corroborando com essa afirmação, Silva e Barbosa (2014) defendem que as produções literárias sofrem influência de processos geográficos e aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais do momento em que foram escritas pelos seus autores. Destarte, ao identificar experiências do seu cotidiano, esse processo de assimilação pode assim ser utilizado a favor de uma forma de ensino-aprendizagem que promova o conhecimento e a criticidade dos estudantes no ensino da Geografia. Pois, estando a Geografia fundamentada no estudo dos sujeitos e do espaço geográfico, implica assim o uso de múltiplas formas de linguagem que vem sendo incorporada progressivamente e que podem partir desde um simples rabisco até mesmo dramatizações, músicas, cinema e, é claro, a literatura.

Além disso, devemos considerar que os conhecimentos quando tratados separadamente ou as disciplinas abordadas de maneira isolada dificulta o entendimento em torno dos problemas do mundo, assim como a compreensão do estudante sobre si. Ainda conforme os autores, a Geografia é uma disciplina que busca contribuir para a formação da sociedade de modo que os sujeitos tenham conhecimento dos variados componentes presentes em seu cotidiano, interiorizando dessa forma práticas que proporcionem o saber em torno dos aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos. Nesse caso, a linguagem literária, “permite o entendimento e o desenvolvimento da totalidade geográfica, por meio das relações processuais categóricas e conceituais que partem obrigatoriamente da constituição simbólica materializada socialmente e apresentadas pela literatura” (Silva; Barbosa, 2014, p.83).

Todavia, como é de conhecimento de todos, ainda presenciamos casos de desprezo dos estudantes pela disciplina de Geografia, tida muitas das vezes como uma disciplina enfadonha

ou até mesmo sem significância para sua vida. Em alguns dos casos isso ocorre pela forma como a disciplina é desenvolvida no contexto escolar, visto que práticas tradicionais voltadas a leitura e a memorização ainda é uma realidade. Para Moura (2022), como forma de romper com o modelo de aula tradicional, o trabalho da Geografia em parceria com a literatura pode favorecer a prática de ensino, dado que a prática leitora como mediadora dos conteúdos geográficos pode ser percebida como um “baú” revelador para novas vivências e, conseqüentemente, para um ensino mais significativo e novas aprendizagens.

Contudo, os professores que se dispõem a fazer uso da literatura podem se deparar com alguns desafios, tais como: motivar os estudantes a fazer a leitura literária assimilando o contexto da obra aos conteúdos geográficos; escolher obras que melhor atendam aos objetivos estabelecidos e que tenham significado para os estudantes e associar os conteúdos a outros tipos de linguagens. Desafios que podem ser superados a partir da didática empregada.

Outro desafio a ser enfrentado está no fato da literatura muitas das vezes ser abordada quase como algo exclusivo da Língua Portuguesa, gerando certo receio por parte dos demais docentes que desejem fazer seu uso. Na nossa Base Nacional Comum Curricular (2018) a literatura aparece em uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e que deve permanecer nuclear também no Ensino Médio.

envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p.87).

Apesar da literatura aparecer na BNCC mais voltada a Língua Portuguesa, gostaríamos de destacar o seguinte trecho presente nesse mesmo documento no qual se evidencia a relevância do trabalho com a literatura:

como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (Brasil, 2018, p.499).

Essa assertiva vai ao encontro com as ideias defendidas sobre a parceria entre Literatura e Geografia. Pois, considerando que a literatura pode permitir a ampliação do conhecimento do mundo, logo, é possível desenvolver um letramento literário que contribua para a construção e

ampliação dos conhecimentos geográficos em todos os níveis de ensino de forma que o espaço geográfico e o espaço da leitura se façam presentes.

Articulando os pressupostos mencionados até aqui para torná-los presentes no ambiente escolar, os caminhos que indicamos compõe o trabalho com a literatura em três sequências exemplares, cuja obra principal é *O Quinze* de Rachel de Queiroz. A finalidade é apresentar possibilidades concretas de organização das estratégias a serem empregadas na aula de Geografia na Educação Básica para a compreensão do fenômeno da seca, tema elencado por se fazer presente no cotidiano dos estudantes. As três sequências didáticas são apenas exemplos que podem ser combinadas com outras estratégias consoante aos interesses dos envolvidos. No entanto, antes de apresentá-las acreditamos ser necessário abordar sobre o motivo da escolha do tema e da obra, o que faremos a seguir.

2.2 A problemática da seca

Ainda há na atualidade muitos estereótipos em relação ao Nordeste. Algumas das pessoas que moram em outras áreas do país ainda veem essa região como sinônimo de seca, fome e miséria. Termos discriminatórios gerados ao longo do tempo e que ressurgiram durante as últimas eleições presidenciais.

A seca não acomete toda a região Nordeste, como muitos ainda imaginam, e que apesar das dificuldades enfrentadas possui uma cultura e uma linguagem regional própria riquíssima. Tão rica que os seus aspectos físicos, naturais, sociais, culturais, econômicos e políticos passaram a ser retratados em muitas músicas, filmes, textos literários e outras formas de linguagens.

Segundo a Embrapa (2023), devido as diferentes características econômicas, físicas e sociais existentes na região Nordeste podemos dividi-la em quatro sub-regiões: Zona da Mata, Sertão, Agreste e Meio-Norte. De acordo com Campos (2006), a *Zona da Mata* (possui um clima tropical semi-úmido, conta com a presença de rios perenes, concentra a maior parte da população nordestina e não sofre com a problemática da seca), *Agreste* (corresponde a uma faixa estreita e alongada, possui um clima quente e onde se encontra o maior número de pequenas propriedades dedicadas a agricultura de subsistência e a pecuária leiteira semi-extensiva), *Meio Norte* (possui pluviosidade elevada na parte oeste e é uma área economicamente pobre) e *Sertão* (clima tropical semiárido, possui déficit hídrico severo e chuvas irregulares no tempo e no espaço, sendo a mais acometida pela seca).

Para Araújo (2021, p.52) em qualquer território pode se deflagrar uma seca, porém “as terras secas (que compreendem as zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas) apresentam como característica comum o fenômeno climatológico das secas, que pode ser caracterizado sumariamente por uma quantidade de chuvas inferior à média anual de um dado lugar”. Nessas áreas a seca é um fenômeno comum, logo, o Semiárido nordestino é marcado por esse fenômeno. Com relação à duração, há geralmente secas mais duradouras e outras de curta duração, mas ambas podendo ser muito severas.

Os registros de seca da região do Semiárido brasileiro estão presentes desde o período Colonial,

nos séculos XVIII e XIX ocorreram secas em 1710/11, 1723/27, 1736/37, 1744/45, 1777/78, 1783/84, 1791/92, 1808/09, 1824/ 25, 1835/37, 1844/46, 1869/70, 1877/79 e 1888/89. Além destas, podemos citar ainda no século XX as de 1903/04, 1915, 1930/32, 1951/53, 1958, 1970/71, 1979/83 e a de 1998 (Campos, 2006, p.182).

Conforme Campos (2006), durante a seca de 1724 um paraibano ao escrever para o rei alertando sobre as ondas de saque, o rei da época, D. João V, ao invés de oferecer ajuda culpabilizou os moradores enquanto sujeitos preguiçosos. Não reconhecendo que tal fenômeno geográfico caracterizado pela redução ou ausência das chuvas anuais previstas para uma determinada localidade gera dificuldades ao acesso de água, prejudicando as atividades biológicas dos seres vivos como perdas de plantações, mortes, fome e um expressivo fluxo migratório.

Já de acordo com Martins *et al.* (2015), a partir do ano de 1845, ainda durante o Império do Brasil, tivemos 32 anos com invernos consideráveis que resultaram no aumento da população e do número de rebanhos, contudo, esses habitantes cresciam em quantidade, mas sem o conhecimento necessário em torno do problema da seca. Devido a isso, essa população se tornou vulnerável e foi altamente afetada pelas secas de 1877 e de 1889. Para Freitas e Padilha (2020) foi por meio dessa seca de 1877-1879 que o fenômeno passou a ser compreendido como um problema para o nosso país, pois gerou a morte de cerca de 300 mil pessoas e migrações intensas para a Amazônia. Havendo uma grande repercussão nacional, ao passo que atingiu os grandes proprietários de terra.

Esse acontecimento gerou uma mudança na visão do governo sobre as necessidades de políticas públicas que pudessem mitigar os efeitos da seca e reduzir a vulnerabilidade da população. Assim, propostas foram formuladas durante o Império e executadas no decorrer da República, entre elas ganharam destaque a implementação de construções hidráulicas. Todavia,

esses investimentos não foram suficientes, visto que as secas dos anos de 1915 e 1932 foram muito severas e resultaram em um intenso fluxo migratório pelo país. Parte dos migrantes ficaram aglomerados em campos de concentração onde eram vigiados atentamente pelos soldados.

Segundo os autores, apesar das razoáveis melhoras no desenvolvimento da região Nordeste, no final da década de 1950 tivemos uma das secas mais intensas da história, as discussões em torno da mesma culminaram na criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Em consequência disso, houve uma melhora nas políticas de mitigação das secas, porém, alguns fatores ainda eram limitantes e dificultavam uma prática mais efetiva como, por exemplo, a fragilidade institucional.

Na década de 1990 os debates internacionais colocaram em pauta temas de grande relevância como a mudança climática, a questão da desertificação e a importância da sustentabilidade. No Brasil, nesse período tivemos a seca de 1998 que ocorreu durante o governo de Fernando Henrique Cardoso onde foram novamente registradas ondas de saques. Mais recentemente, a partir do ano de 2012, com o fenômeno da seca em vários países do globo, surgiram novas discussões em torno da necessidade de criar novas políticas sobre a seca. No nosso país, essa seca reafirmou a necessidade de discussões sobre a política e a gestão das secas de forma que aumentassem também os esforços de como se preparar para as secas seguintes, entre os órgãos que levantaram essa preocupação estava o Ministério da Integração Nacional (MI). Por esse motivo que representantes do Governo Brasileiro estiveram presentes na Reunião de Alto Nível de Políticas Nacionais sobre Seca realizada em Genebra, Suíça, no ano de 2013.

Para Martins *et al.* (2015), a gestão das secas dedicava a sua atenção mais aos sintomas do que as vulnerabilidades perante esse fenômeno, constituindo assim uma resposta a uma crise já existente. Partindo dessa ideia, defendem a alteração de paradigma, passando da Gestão de Crises para uma Gestão de Riscos. “A Gestão de Riscos, ou, em outras palavras, uma gestão proativa da seca, significa tratar as vulnerabilidades, e não os sintomas, a partir de mecanismos para melhor monitorar e antecipar eventos de seca, o que deve orientar as medidas de preparação e alívio aos efeitos da seca” (Martins *et al.*, 2015, p.18).

Para isso, hoje contamos com o Monitor das Secas (2020), que como o próprio nome sugere, constitui um tipo de ferramenta de monitoramento das secas e classificação dessas consoantes o seu grau de severidade. Esse monitoramento regular exerce papel fundamental para a adoção de medidas diante das situações apresentadas.

Araújo (2021) considera entre os fatores causadores da seca o tipo de clima da região, a distribuição das precipitações e a capacidade de armazenar água no solo. Já conforme os seus efeitos essas podem ser classificadas em quatro categorias como observado na Figura 3:

Figura 3 - Classificação das secas conforme os efeitos gerados

Seca Meteorológica	Seca Agrícola	Seca Hidrológica	Seca Socioeconômica
<ul style="list-style-type: none"> • É resultada do efeito de fenômenos atmosféricos e na redução pluviométrica de uma região. 	<ul style="list-style-type: none"> • Se dá quando as disponibilidades hídricas do solo são ineficientes para atender à demanda evaporativa dos campos cultivados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Refere-se aos períodos com níveis dos fluxos superficiais de água e dos reservatórios abaixo do considerado normal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diretamente voltada ao efeito conjunto dos impactos naturais e sociais resultantes da falta de água, devido ao desequilíbrio entre o fornecimento e a procura do recurso.

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva com fundamento em Araújo (2021).

Ainda de acordo com esse autor, na última seca vivenciada no Semiárido brasileiro os recursos hídricos levantaram preocupações e trouxe grandes danos nas produções econômicas, principalmente na agropecuária. Essa crise hídrica sofreu influência do fenômeno *El Niño* e da maior demanda de água em decorrência do aumento populacional, do avanço econômico e da construção civil. O *El Niño*, fenômeno compreendido como aquecimento anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico, tende a contribuir com a redução das taxas de pluviosidade no Nordeste brasileiro devido alterar os movimentos dos ventos alísios subtropicais que geralmente auxiliam na distribuição da umidade, enquanto o mesmo intensifica as chuvas ao sul do país.

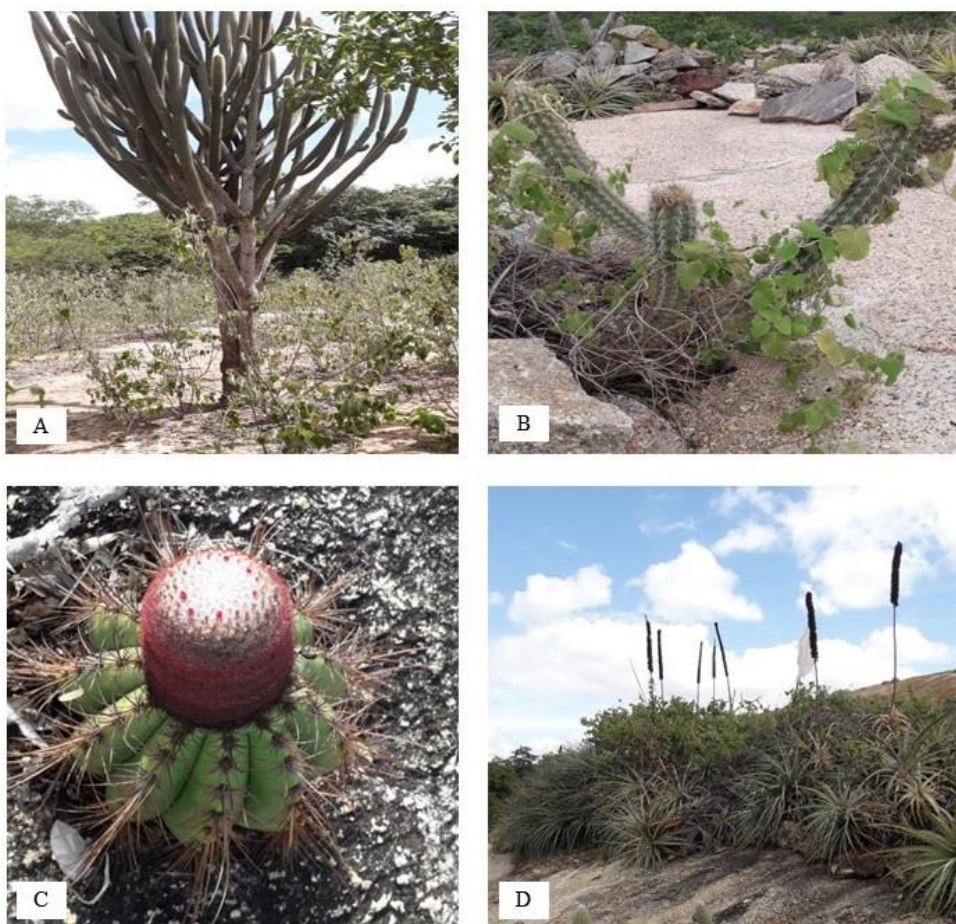
Como forma de melhor atender as políticas públicas ao longo do tempo o Semiárido brasileiro passou por variadas delimitações. Na atualidade comporta 1.262 municípios, abrange uma área de 1.128.697 km² e possui uma população de cerca de 27.870.241 habitantes. Conforme o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, em dezembro de 2021, a SUDENE aprovou a Resolução contendo essa nova delimitação do Semiárido feita com base nos seguintes critérios: “I. Precipitação pluviométrica média anual ou inferior a 800 mm; II. Índice de Aridez de Thorntwaite igual ou inferior a 0,5; III. Percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60% considerando todos os dias do ano” (Brasil, 2022, n.p).

Tendo em vista as limitações impostas pelo fenômeno da seca a população do Semiárido, torna-se necessário conhecermos as suas características e dos habitantes como uma das ferramentas para buscarmos soluções para os problemas enfrentados. São inúmeras as

dificuldades enfrentadas pelos habitantes dessa região, todavia é uma das regiões semiáridas mais povoadas. Do ponto de vista da hierarquização urbana, as cidades mais populosas estão localizadas ao leste, adentrando o território podemos encontrar centros regionais como Campina Grande/PB, Caruaru/PE e Juazeiro do Norte/CE, por exemplo, que realizam importantes funções além de serem pontos de encontro comercial das populações sertanejas.

Para Ab'Saber (1999), no que se refere a vegetação, o Semiárido é constituído predominantemente por caatingas, bioma exclusivamente brasileiro, conhecida por ter uma flora adaptada ao calor e a evapotranspiração intensa, logo, criam estratégias para sobreviver como folhas pequenas e espinhentas que economizam água, uma vegetação predominantemente baixa e caducifólia que se apresentam acinzentada durante os períodos secos e verde nos períodos chuvosos, conforme apresentado na Figura 4.

Figura 4 - Vegetação da Caatinga - Lajedo do Bravo, município de Boa Vista-PB



De cima para baixo, da esquerda para a direita: **A:** Facheiro (*Pilosocereus Pachycladus*), **B:** Xique-xique (*Pilosocereus gounellei subsp. gounellei*), **C:** Coroa de frade (*Melocactus bahiensis*) e **D:** Macambira (*Bromelia lacinososa*). Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva (Arquivo pessoal), 2022.

Com base nas características do clima semiárido o cultivo se torna mais favorável a alguns tipos vegetais do que a outros, para Campos (2006, p.193),

apesar de todos os problemas, o clima tropical semi-árido, em áreas com solos de relativa fertilidade, possui algumas vantagens, para o desenvolvimento de determinados vegetais, que podem ser significativas. Entre elas podemos dizer que o ambiente é mais salubre - salubridade decorrente das baixas taxas de umidade relativa do ar e de altas taxas de ventilação - e, portanto, menos propício a pragas; pode proporcionar um crescimento mais rápido das plantas, permitindo uma safra mais rápida e/ou um maior número de colheitas; com irrigação, permite o plantio de culturas que são prejudicadas pelo excesso de chuvas. Além disso, a região possui muitas xerófitas de valor industrial, cujo plantio pode ser estimulado e até a conservação das vias de comunicação é maior.

No que se refere a hidrografia, as chuvas estão mais concentradas em alguns poucos meses do ano e os rios são intermitentes de drenagem exorreica. Devido o processo de evaporação intenso, os rios tendem a uma redução de suas águas, podendo dificultar sua capacidade de transporte. Porém, o Sertão conta com um rio perene, o Rio São Francisco. A sua bacia hidrográfica é constituída por uma área de 645.000 km² utilizada por populações ribeirinhas, em atividades agrícolas, na irrigação e em produção de energia. Apesar de ter sua nascente na Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais, ele possui uma significativa importância por ser o único grande rio perene que atravessa o Sertão nordestino (Campos, 2006).

Com relação à forma de relevo, para Ab'Saber (1999, p.10) “em 85% do seu espaço total, a região Semiárida brasileira se estende por depressões interplanálticas, situadas entre maciços antigos e chapadas eventuais, sob a forma de intermináveis colinas sertanejas”. Nesse contexto, é essencial que as camadas locais através do sistema educacional possam conhecer essas e outras características do Semiárido brasileiro para poder estabelecer ações e estratégias que facilitem a convivência nesse local de clima semiárido, tais como: não despejar esgotos nos rios, evitar o uso de defensivos agrícolas e aprender técnicas para preservar água do período chuvoso para o período seco. Algumas medidas já vêm sendo implementadas desde o século passado, resultando na redução do número de emigrantes para as grandes cidades, as quais já enfrentam inúmeros problemas.

Pois, os estados nordestinos cujas incidências das secas são maiores são: Pernambuco, Ceará, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte, os quais abrangem um número significativo de habitantes e os seus impactos são influenciados por vários fatores, entre esses, as condições socioeconômicas. Os mais afetados com o problema da seca são as camadas mais pobres da sociedade juntamente com desempregados e sem terras que possuem uma cultura riquíssima e

diversificada que se torna fragilizada devido esse fenômeno. Dado que a depender do grau de vulnerabilidade uma comunidade tende a sofrer mais ou menos com os fenômenos climáticos/ambientais, já que quanto mais preparada estiver uma comunidade, melhor ela tende a passar por momentos de crise (Araújo, 2021).

Sendo assim, e considerando as secas como um fenômeno cíclico, cabe a sociedade criar meios para uma boa convivência nas áreas acometidas, onde políticas e programas do estado assumem grande relevância, tais como: construção de barragens subterrâneas, cultivo de plantas resistentes a seca e construção de cisternas para armazenamento das águas das telhas, como exemplo o Programa um Milhão de Cisternas (P1MC).

Corroborando com essa ideia, Moura e Cunico (2022) em um dos seus trabalhos abordam sobre uma Educação para Redução de Riscos de Desastres (ERRD) que consiste em um diálogo com educadores onde os docentes interessados na proposta podem ter um papel transformador na comunidade em que estão inseridos. Entre os fenômenos ambientais mencionados está a seca. Os autores classificam a seca enquanto um desastre ambiental, pois consideram o desastre como sendo o resultado de eventos adversos, prejudicando o desempenho de uma dada comunidade e causando perdas e danos humanos, econômicos e ambientais que vão além da sua capacidade de lidar com a situação. Nesse sentido, os desastres ambientais/socioambientais são aqueles oriundos de desequilíbrios da natureza que podem sofrer influência das ações humanas. O tema tem sido destaque de muitas pautas devido estar se tornando mais intenso e afetando principalmente as áreas menos desenvolvidas do mundo.

A ERRD vem se fundamentar com base em ações cuja finalidade é prevenir os desastres levando para isso em consideração cada contexto escolar e ações planejadas envolvendo a parceria entre educadores e estudantes de modo que levem os estudantes a compreenderem as causas dos fenômenos, os riscos gerados e as habilidades específicas para a prevenção dos mesmos.

Assim como Moura e Cunico (2022), classificamos a seca como um fenômeno socioambiental devido seu caráter de ocorrência em áreas que apresentam características específicas e que podem ter seus impactos intensificados em decorrência das atividades humanas.

Tamanha é a importância do tema que o dia 17 de junho foi declarado oficialmente pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) como o “Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca”. No Brasil, essa Política Nacional foi instituída pela Lei Nº 13.153, de 30 de julho de 2015. Conforme a Convenção das Nações Unidas para o Combate à

Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas, o dia 17 de junho de 2023 teve como tema "Sua Terra. Seus Direitos", fazendo referência aos direitos das mulheres à terra com a finalidade de atingir os objetivos globais voltados as questões de igualdade de gênero e neutralidade da degradação planetária. Para isso, o evento contou com a participação de influenciadores, parceiros da ONU e ativistas da sociedade civil e foi realizada na sede das Nações Unidas, em Nova York.

2.2.1 Rachel de Queiroz: considerações sobre *O Quinze*

Para Uehbe (2018, p.90) “considerando a literatura como um documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, esta nos traz elementos para se pensar a sociedade e o espaço que compõem o ambiente do escritor”. No que remete a literatura brasileira é observado um grande número de obras de caráter regional, tais como *Os Sertões* (2003) de Euclides da Cunha; *O Quinze* (2012) de Rachel de Queiroz; *Os Retirantes* (1973) de José do Patrocínio e *Vidas Secas* (2022) de Graciliano Ramos. Todas essas têm suas histórias ambientadas no Nordeste brasileiro em períodos de seca, a seca é um dos temas abordados em vários conteúdos da Geografia na Educação Básica.

Sendo a escrita do texto literário influenciada pelos aspectos reais vividos pelos seus autores, conseqüentemente, deduzimos que as Geografias identificadas nas obras também estejam contidas na vida dos seus escritores, embora tenhamos a certeza de que há literaturas mais voltadas a imaginação do que a realidade. Considerando a autora Rachel de Queiroz, Cavalcante (2020) busca revelar a sua Geografia literária por meio de três aspectos: *Geografias pessoais*, seriam as Geografias aprendidas durante suas viagens pelo Brasil permitindo assim conhecer os lugares em que viveu e as pessoas com quem manteve um certo convívio; *Geografia telúrica*, seriam compostas pelos registros menos conhecidos da autora como as anotações em torno das aulas de Geografia, um livro sobre o afeto pelo Nordeste e as vivências na fazenda do Quixadá e, a *Geografia imaginativa*, dedicada aos romances mais famosos de Rachel que envolvem espaços reais e imaginativos. Assim como os demais autores, Rachel de Queiroz possui suas raízes históricas e geográficas que muitas das vezes compõe parte da narrativa, logo, conhecer sua história de vida pode permitir uma melhor compreensão do enredo da obra.

Intimamente ligada à sua terra e ao seu povo, Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, no ano de 1910. Em suas várias obras, envolveu o seu imaginário literário ao

seu lugar de vivência. A autora viveu em várias partes do Brasil em decorrência do trabalho do seu pai que era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e, posteriormente, também em decorrência do marido que era funcionário do Banco do Brasil. De todas as cidades em que ela viveu, Cavalcante (2016) defende que as cidades de Quixadá, Fortaleza e Rio de Janeiro tenham sido as que tenha lembranças mais afetivas.

Conforme Cavalcante (2016), logo nos primeiros dias de vida ela começa a viver na cidade de Quixadá onde sua família era detentora de várias fazendas, pois conforme relatos a família compunha uma elite rural. Entre as fazendas que Rachel possuía mais recordações estaria a de *Junco* e a *Não Me Deixes*, onde vivia com outras pessoas que seriam inspiração para a criação dos personagens de suas histórias.

Os seus pais não eram adeptos da educação formal, contudo, aos cinco anos já sabia ler e foi a partir desse momento que teve contato com os textos literários, sob a orientação principalmente da sua mãe. Aos dez anos, por influência da avó paterna, fez o exame para ingressar no Colégio de Imaculada Conceição, onde demonstraria logo cedo as suas habilidades voltadas aos conhecimentos de História e Geografia. Com base nos estudos realizados e nos registros deixados por Rachel, acreditamos que a Geografia em sua época de estudo era ensinada da seguinte forma

- Era a parte física da Terra que primeiro tinha de ser estudada e ensinada pela Geografia, a partir da descrição e apreensão de suas formas;
- Buscava-se evitar a simples memorização com a descrição dos fatos ou acidentes, considerando a conexão de seus princípios de maneira sistemática e racional;
- O uso do globo terrestre, de mapas, cartas, compêndios, além de outros materiais, era importante no processo de ensino e aprendizagem e correspondia às técnicas e tecnologias de que o ensino de Geografia dispunha na época;
- As relações que a Geografia estabelecia com outras disciplinas, como a História, a Astronomia, a Química, a Biologia, entre outras, eram de grande importância, e;
- A Geografia já gozava de uma posição de destaque na educação, sendo os seus conteúdos os mais atuais para o momento (Cavalcante, 2016, p.85).

Certamente, essa Geografia tenha atraído Rachel que retrataria a geograficidade do seu estado em suas produções. Pois, com apenas 12 anos viria a escrever as suas primeiras histórias. Em 1927, juntamente com sua família se mudam após seus pais comprarem um sítio, denominado *Sítio do Pici*, foi nesse local que a autora escreveu o seu livro *O Quinze* enquanto ouvia reclamações da sua mãe que pedia constantemente para ir dormir.

O livro *O Quinze* ganhou muito destaque resultando na premiação Graça Aranha no Rio de Janeiro em 1931, na viagem conheceria o seu primeiro marido com o qual passaria a viver em Maceió/AL e teve a oportunidade de compartilhar momentos de conversa sobre política e

literatura com intelectuais como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Por volta de 1939, a autora se muda para o Rio de Janeiro, onde viveu também em cidades diferentes e desenvolveu a sua base enquanto escritora, produzindo várias obras e se tornando a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras (ABL).

A obra modernista *O Quinze*, romance de estreia da cearense, composta de 26 capítulos, foi publicada em 1930, quando a escritora teria apenas 20 anos e retratava o Quixadá, sertão central do Ceará. Se tornou muito popular devido a sua natureza que gira em torno da grande seca de 1915, de temas e problemas da região Nordeste, figuras humanas e dramas sociais da vida sertaneja. Em seus depoimentos, Rachel de Queiroz definia o Nordeste enquanto uma região que sofre com os períodos de estiagem, não sendo propriamente seco, um problema que de acordo com ela poderia ser mitigado caso houvesse políticas sistemáticas efetivas.

No Capítulo 1 a autora traz em seu romance a figura de Conceição, uma jovem professora de 22 anos que passava todos os anos as férias da escola com a sua avó em uma fazenda perto do Quixadá. Nessa parte introdutória, Conceição questiona a sua avó Inácia sobre a falta de chuva, a qual por ser muito religiosa, elemento esse comumente associado a figura do sertanejo, faz oração desejando que os pingos de água voltem a cair no sertão. Dona Inácia é uma senhora muito apegada ao seu lugar, mas no decorrer da narrativa terá que deixar tudo para trás e ir para a cidade como forma de evitar parte do sofrimento gerado pela seca.

Em seu segundo Capítulo a autora aborda sobre o fenômeno da seca no Semiárido nordestino nos seus múltiplos aspectos onde podemos a partir da percepção dos personagens conhecer os desafios enfrentados pela população sertaneja:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão.

Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês.

Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo.

(Queiroz, 2012, p.14-15).

Nesse contexto, o jovem Vicente é primo de Conceição e no decorrer da trama há um certo romance oculto entre os dois, embora esses não fiquem juntos considerando as suas realidades diferentes, principalmente no que diz respeito as características culturais e intelectuais, pois enquanto ela vivia na cidade de Fortaleza e estava rodeada de livros, ele era

proprietário de terras no Quixadá e estava decidido a fazer de tudo para salvar o seu gado da morte. Diferente dos seus irmãos, Vicente nunca havia se interessado em estudar, se dedicando desde novo ao trabalho no campo, onde praticamente não tinha descanso. Conceição, por sua vez, indo contra o padrão da sociedade, não desejava se casar, apesar do afeto pelo primo.

No decorrer da narrativa será apresentado vários personagens, entre eles o vaqueiro Chico Bento que trabalhava na fazenda de Dona Maroca, todavia, devido à falta de pasto e de água ela manda soltar o gado, logo, Chico Bento fica desempregado. Não vendo outra saída, vende tudo o que tem e vai embora com sua esposa Cordulina, sua cunhada Mocinha e seus cinco filhos em busca de emprego em outras partes do Brasil. Nem nesse momento ele conta com ajuda do governo, visto que as passagens que deveriam ser doadas as pessoas necessitadas estariam envolvidas em fraude. Sem meio de transporte, a não ser um jumento, saem sem rumo e durante a migração esses passam por inúmeros obstáculos, como a fome que assola toda a região, que vai resultar na morte do seu filho Josias, no desaparecimento de Pedro o filho mais velho e na entrega de Emanuel, o filho caçula, para a sua madrinha. Em certo momento da sua jornada, se instalaram em um campo de concentração, um lugar que se concentrava os retirantes como forma de conter as invasões dessas pessoas às áreas das cidades em decorrência da fome e da miséria gerada pela seca.

Tal enredo, como apresentado por Moura (2019, p.52) “é uma das formas que retratam a denúncia social e os danos humanos gerados pela seca no espaço romanescos de *O Quinze*”. A maneira como a seca é tratada no romance pode ser utilizada como meio de levar os estudantes no decorrer das aulas a compreender os danos socioeconômicos ocasionados por esse fenômeno.

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado. O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos (Queiroz, 2012, p.16-17).

Nesse trecho podemos perceber como é notável as peculiaridades do Semiárido, como a vegetação e as características do clima, na composição da ambientação do romance. Assim,

descreve o “fundo natural” do Nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX, período cujo sistema social era fundamentado pelo latifúndio. Esse viés regionalista enfatiza os elementos paisagísticos, o modo de vida sertanejo, os problemas sociais, os aspectos geográficos e as relações de amizade, sendo capaz de despertar sentimentos como tristeza, indignação, esperança e solidariedade. É esse retrato do espaço vivido que interliga a Literatura e a Geografia, visto que como defendido por Santos (1988) a Geografia é uma ciência do espaço do homem.

Em diversos trechos da obra, a autora aborda sobre a calamidade vivida que gerava também a morte de muitos habitantes, como idosos que devido ao cansaço dos anos exercidos no trabalho duro não conseguiam migrar para outras localidades. É importante destacarmos que a seca de 1915 foi muito marcante devido seus efeitos tão danosos: destruiu plantações, secou rios e açudes, vitimou muitos rebanhos e causou a migração de muitos moradores. Em estados como o Ceará estima-se que 100% da produção agrícola tenha sido perdida e o número de mortes e migrações tenham sido muito elevados (Cavalcante, 2016).

Essa temática da seca aparece relacionada a vários conteúdos inerentes a disciplina de Geografia, possibilitando assim que o uso da obra contribua para uma melhor compreensão dos estudantes em relação ao contexto em que estão inseridos. Pois, “*O Quinze* é de linguagem clara, de prosa realista, e breve, e apresenta intensa preocupação social, expresso, sobretudo, na análise da percepção de seus personagens” (Moura, 2019, p.51).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o percurso metodológico adotado na pesquisa, com destaque para a pesquisa-ação que permitirá a descrição dos resultados e das atividades por meio de uma abordagem qualitativa, conforme sua intencionalidade. O mesmo também busca situar o local de estudo do trabalho investigativo, assim como fazer uma breve caracterização dos sujeitos participantes e a percepção que possuem sobre o fenômeno da seca.

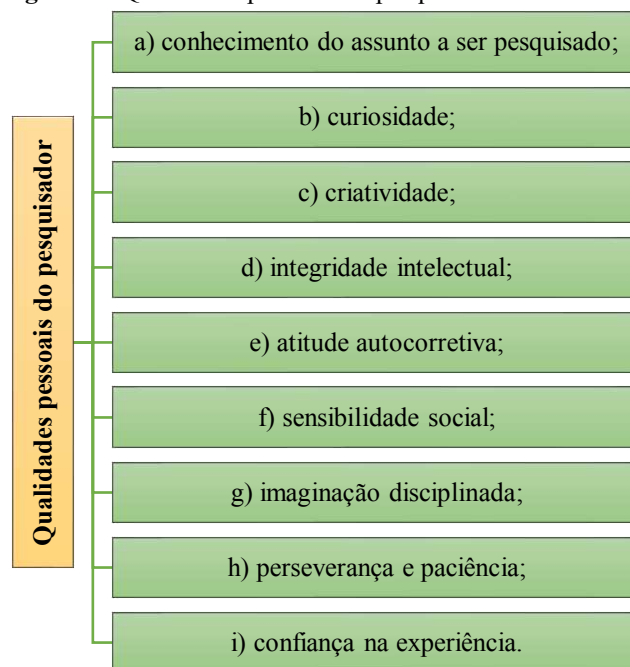
3.1 Pesquisa-ação como metodologia para o ensino

A pesquisa está presente nos mais diferentes setores da nossa sociedade por meio da prática investigativa na busca pela resolução de um problema ou compreensão de uma dada realidade. Conforme Gil (2002, p.17),

pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

De acordo com o autor, podemos fazer a pesquisa a partir de duas razões, uma voltada ao simples desejo de conhecer por prazer de conhecer e a outra de conhecer como forma de fazer algo com maior eficácia. Tanto em uma quanto na outra, a pesquisa exige a utilização de métodos e técnicas selecionadas cuidadosamente pelo pesquisador, pesquisador o qual exerce um papel muito importante, pois o sucesso da pesquisa depende de algumas de suas qualidades, como mostramos na Figura 5.

Figura 5 - Qualidades pessoais do pesquisador conforme Gil



Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva com fundamento em Gil (2002).

Por meio das habilidades apresentadas há uma maior possibilidade para a obtenção de sucesso, não sendo, porém, garantia do êxito da pesquisa, visto que durante o processo, problemas podem surgir, mudando o rumo da mesma ou gerando novos estudos. Existem vários tipos de pesquisas, entre essas está a pesquisa-ação que é a base de estudos de vários autores, como Thiollent (1986), Engel (2000) e Barbier (2004). Sobre a origem da pesquisa-ação ainda há muita divergência, mas assim como muitos estudiosos, para Engel (2000, p.182),

um dos pioneiros da pesquisa-ação foi o psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1947). Na década de 1960, na área de Sociologia, rapidamente ganhou terreno a idéia de que o cientista social deveria sair de seu isolamento, assumindo as consequências dos resultados de suas pesquisas e colocá-los em prática, para interferir no curso dos acontecimentos.

Corroborando com essa ideia, Barbier (2004) defende que a origem da pesquisa-ação remonta a dois períodos, um de emergência e consolidação, onde o classifica como mais americano o que se deu antes da 2ª Guerra Mundial e durante os anos 60 e outro definido como radicalização política e existencial que se expandiu mais pela Europa e o Canadá desde os anos 60 até a atualidade. Contudo, somente a partir da década de 70 as reflexões sobre a natureza da pesquisa-ação tiveram avanços significativos. O autor enumera quatro tipos de pesquisa-ação ou *Action-Research*, que são:

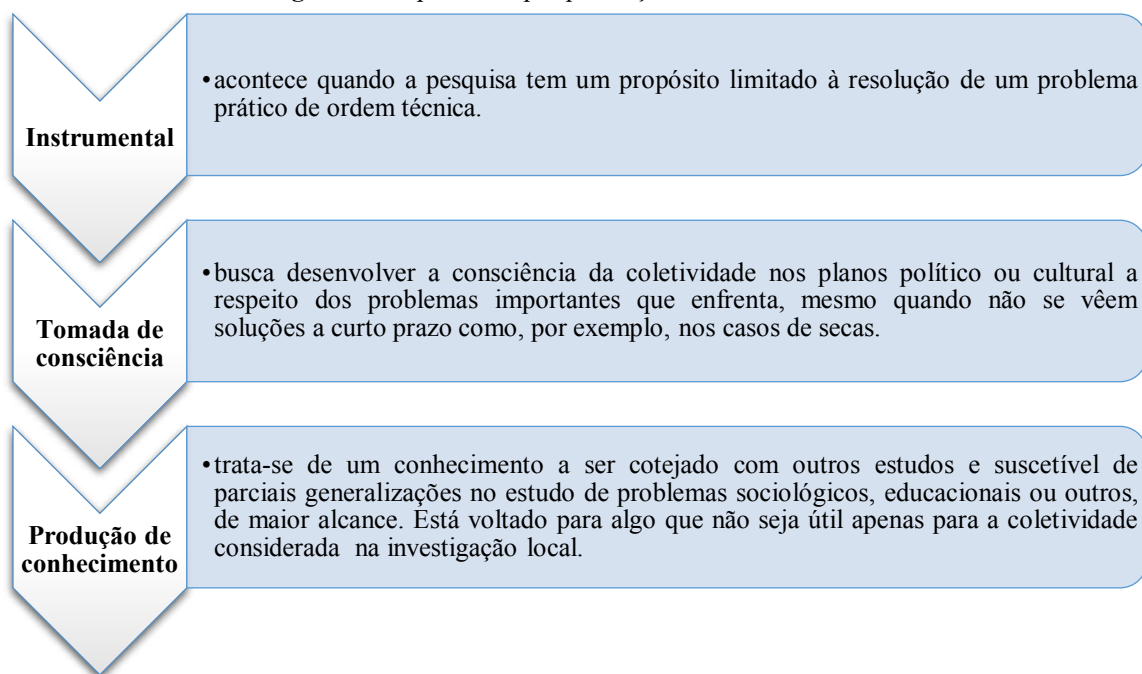
- a) *Action-Research diagnóstica*: tem por finalidade produzir os planos de ação, estabelece um diagnóstico e propõem possíveis medidas.
- b) *Action-Research participativa*: envolve os participantes desde o início no processo de pesquisa.
- c) *Action-Research empírica*: acumula dados de experiência com o intuito de desenvolver princípios mais gerais.
- d) *Action-Research experimental*: necessita de um estudo da eficácia das diferentes técnicas utilizadas em situações semelhantes.

De acordo com Engel (2000), a pesquisa-ação tem sido amplamente discutida e a define como um tipo de pesquisa participante que tem por finalidade unir a pesquisa à ação. Sendo assim, essa teria surgido da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática.

Diferente de muitos autores, Thiollent (1986) não considera a “pesquisa-ação” e a “pesquisa participante” como sinônimos, visto que a pesquisa-ação exige ações planejadas conforme sua finalidade e possui um caráter que não é necessariamente obrigatório na pesquisa participante. Nesse contexto, toda pesquisa-ação implica um tipo participativo, todavia, nem toda pesquisa participativa utiliza-se da pesquisa-ação. Pois, a pesquisa participante pode fazer uso da metodologia baseada apenas na observação dos participantes, o que não exige assim um tipo de ação. Ao contrário, a pesquisa-ação

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p.14).

Destarte, a estrutura metodológica da pesquisa-ação pode ser empregada em diferentes campos da sociedade, exigindo que pesquisadores e demais participantes exerçam um papel ativo. A mesma pode ser concebida a partir de três aspectos, como buscamos apresentar na Figura 6.

Figura 6 - Aspectos da pesquisa-ação conforme Thiollent

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva com fundamento em Thiollent (1986).

Esses aspectos são influenciados pela ação e participação, mas a pesquisa-ação não se limita a um ou outro tipo, visto que envolve a construção de conhecimento, o ganho de experiência e os avanços nos temas discutidos, os quais poderão ser divulgados contribuindo para o enriquecimento em torno do conteúdo proposto.

Logo, para Thiollent (1986) a pesquisa-ação por suas características possui um espírito científico próprio das ciências sociais. Além de que, como posto pelo autor, o entendimento da situação, a escolha dos problemas, a procura por solução, os conhecimentos produzidos e todas as características qualitativas da pesquisa-ação não podem ser compreendidas como anticientíficas. Mas sim sugere subsídios mais flexíveis para organizar e aplicar os meios de investigação da pesquisa. Esse é um dos motivos que diferenciam o planejamento da pesquisa-ação de outros tipos de pesquisas, dado que ordenar as fases sequenciais de uma pesquisa-ação é uma tarefa difícil, já que o envolvimento do pesquisador com o grupo participante no decorrer de todo o processo pode resultar em constantes alterações. Pois, “na pesquisa-ação ocorre um constante vaivém entre as fases, que é determinado pela dinâmica do grupo de pesquisadores em seu relacionamento com a situação pesquisada” (Gil, 2002, p.143).

Nesse tipo de pesquisa os pesquisadores podem recorrer a diferentes métodos, dentre esses: as técnicas de grupo, de registro, apresentação de resultados e de entrevista. A depender do objetivo da pesquisa um tipo de técnica pode ser mais eficaz que outro, por isso o

pesquisador deve conhecer os seus diferentes tipos e avaliar qual delas atende melhor a finalidade da sua pesquisa.

Thiollent (1986) aponta alguns conjuntos de ações que podem ser classificadas como etapas da pesquisa. Classifica como fase exploratória o momento da descoberta do problema, das características dos envolvidos e da coleta de informações. Essa fase inicial permite a elaboração dos objetivos prioritários da pesquisa e nela é possível definir também a estratégia metodológica a ser empregada.

Em relação ao tema da pesquisa, esse deve ser apresentado de forma simples de modo a sugerir o problema e o enfoque em que será dado. Um mesmo tema pode ser abordado mediante diferentes problemáticas, sendo assim importante escolher a problemática que se enquadre melhor ao alcance dos objetivos, considerando para isso que os aspectos práticos também devem envolver amplamente a mediação teórico-conceitual.

Para a coleta de dados, o pesquisador pode optar por diferentes técnicas como entrevista, histórias de vida, observação participante, entre outras das quais se destaca o questionário. Contudo, é preciso considerar que o questionário não é suficiente por si só, sendo então necessário a parceria com outros tipos de atividades. Além disso, no decorrer do processo novas decisões podem ser tomadas e, conseqüentemente, mudanças de técnicas também são possíveis.

Na busca de alcançar aos objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar mediante ações planejadas contidas em um plano de ação. De acordo com Gil (2002), no plano de ação deve estar contido os objetivos que se pretendem atingir; as pessoas que serão beneficiadas; a natureza da relação dos envolvidos com as instituições que serão afetadas; a identificação das medidas que contribuam para a melhoria da situação; os procedimentos a serem adotados e a avaliação dos resultados.

Com base nessas informações, percebemos que devido ao seu potencial a pesquisa-ação pode ser aplicada em diferentes áreas de atuação, entre essas ela “é hoje, amplamente aplicada também na área do ensino. Nela, desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula” (Engel, 2000, p.182).

Ao ser associada a pesquisa-ação à aprendizagem evidencia-se a sua relevância para o contexto educacional onde há uma enorme troca de informações e tomadas de decisões. No ambiente escolar esse tipo de pesquisa pode ser empregado na busca de soluções de problemas, na dimensão conscientizadora, assim como visando a construção de conhecimento, cujos pesquisadores não são neutros e estão envolvidos em um processo de ação-reflexão-ação para transformar uma dada realidade.

Assim, o professor pesquisador deve refletir sobre algo que o intriga ou que pode ainda ser melhorado, isso irá permitir a identificação de um problema. Essa pesquisa preliminar pode ser dividida em três etapas: *Revisão bibliográfica*: é feita com o fim de verificar o que pode ser aprendido de pesquisas semelhantes realizadas anteriormente; *Observação em sala de aula*: é feita para entender o que está acontecendo no âmbito escolar referente à situação problemática e *Levantamento das necessidades*: é feita para tentar entender as necessidades dos alunos para isso o docente pode recorrer a diferentes estratégias (Engel, 2000).

Através das informações coletadas por meio da pesquisa preliminar o professor busca meios para reverter o problema observado e para esse fim elabora um plano de ação. Nesse caso, a pesquisa-ação se torna uma metodologia relevante capaz de proporcionar uma melhora considerável no processo de ensino-aprendizagem nos ambientes em que é aplicada.

No tocante a América Latina, a pesquisa-ação passou a ser aplicada como forma de envolver um grupo de pessoas em discussões na resolução de problemas presentes em determinada população. Esse tipo de prática dialógica no contexto educacional é amplamente defendido pelo educador brasileiro Paulo Freire, reconhecido mundialmente pelas suas contribuições para a educação, todavia, a pesquisa-ação só passa adentrar intensamente em solo brasileiro nas décadas de 80 e 90 (Silva; Oliveira; Ataídes, 2021).

Nesse cenário, de acordo com Silva, Oliveira e Ataídes (2021), a pesquisa-ação surge como ferramenta capaz de superar a separação da teoria e da prática, fazendo para isso uso de diferentes procedimentos metodológicos. Esses procedimentos direcionam as ações da pesquisa a qual sofre influência do contexto em que está sendo inserida, assim como da situação observada e das pessoas participantes.

Os autores ainda complementam que a pesquisa-ação já é bastante empregada na formação de professores, pois os docentes são investigadores de suas próprias práticas, podendo agir conforme os objetivos da pesquisa na construção do conhecimento, na resolução de um problema ou na transformação de uma dada realidade. Esses objetivos se tornam possíveis por meio da troca de saberes, do desenvolvimento de reflexões constantes sob o agir criticamente, da obtenção de dados e da interação entre todos os envolvidos.

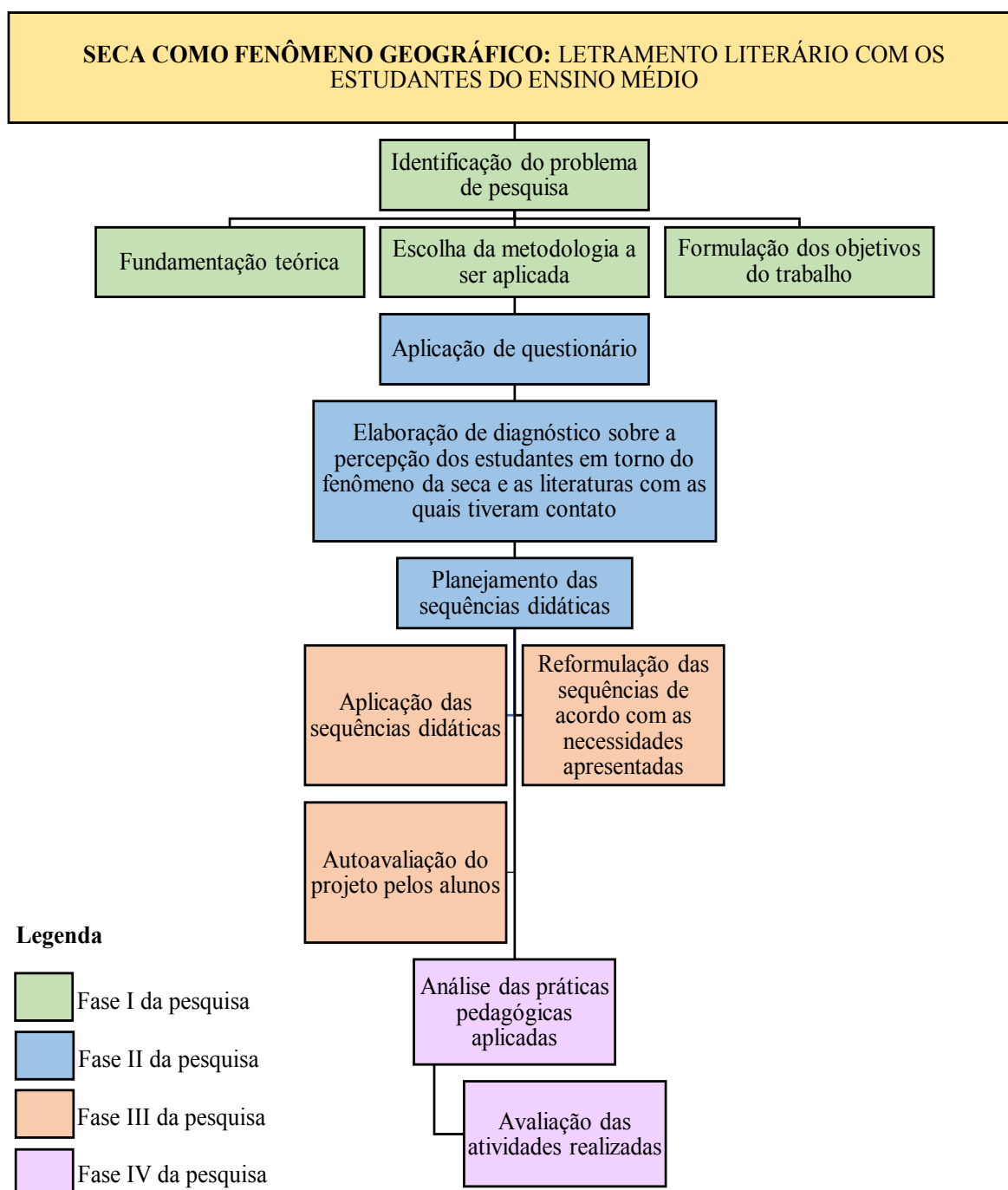
3.1.1 Roteiro metodológico da pesquisa

Diante do exposto, destacamos que o presente trabalho busca analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia. Para isso, o roteiro metodológico da pesquisa foi dividido em quatro fases interdependentes:

- a) No primeiro momento, identificamos o problema relacionado a dificuldade dos estudantes do Ensino Médio no tocante a compreensão do fenômeno da seca. O problema em questão nos levou a realizar leituras para aprofundamento dos conhecimentos sobre o tema, durante essas tivemos conhecimento da pesquisa-ação que mostrou ser uma excelente metodologia para a obtenção dos objetivos que foram sendo elaborados no decorrer desse processo.
- b) Na segunda fase, elaboramos um diagnóstico sobre a percepção dos estudantes em torno do fenômeno da seca e as literaturas com as quais tiveram contato por meio da aplicação de um questionário, que nos auxiliou na elaboração das sequências didáticas cujos objetivos gerais eram: identificar e reconhecer os elementos que compõem o Semiárido brasileiro a partir da obra *O Quinze* e compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida dos sertanejos/estudantes. Entre todas as literaturas de caráter regionalista, escolhemos a obra de Rachel de Queiroz devido seu enredo se ambientar em torno de uma grande seca na região Semiárida, além de evidenciar a percepção socioambiental dos personagens frente a seca e seus danos.
- c) A terceira fase se caracteriza como o desenvolvimento das práticas pedagógicas contextualizadas no ensino do fenômeno da seca a partir do cotidiano em que a escola e os estudantes estão inseridos, onde, principalmente em razão do número de aulas disponíveis para o primeiro bimestre do ano de 2023 e imprevistos ocorridos no decorrer do mesmo, necessitamos constantemente reavaliar as nossas ações e reformular as sequências didáticas.
- d) E a última etapa, sendo a análise das práticas pedagógicas aplicadas, buscamos avaliar por meio do letramento literário como os estudantes estabelecem os movimentos de ação-reflexão-ação sobre o fenômeno da seca.

Logo, desenvolvemos a pesquisa segundo o roteiro apresentado na Figura 7.

Figura 7 - Roteiro metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2022.

Vale ressaltar que a realização da pesquisa foi devidamente autorizada pela direção da escola escolhida como local investigativo, conforme apresentamos no *Apêndice A*³.

³ O Apêndice A contém a carta de solicitação para a realização da pesquisa-ação devidamente assinada pela direção da escola, a qual recebeu a pesquisa sem hesitar e de onde faço parte do corpo docente.

Desse modo, entre as atividades desenvolvidas na terceira fase, ganha ênfase as discussões realizadas em sala; os círculos de leitura literária que consiste em “uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido anteriormente” (Cosson, 2021, p.9); as leituras protocoladas que constitui um tipo de leitura em que são feitas pausas e a cada pausa são lançados questionamentos para que os estudantes façam previsões sobre o que irá acontecer na narrativa, sendo assim necessário que o número de pausas e as perguntas sejam previamente planejadas; e a entrevista informal, que segundo Cosson (2021) é uma forma de interpretação do texto literário que permitem aos estudantes uma maior liberdade para pensar sobre a obra lida, pois, para a realização da atividade os estudantes em dupla questionam entre si o que mais o atraiu na leitura do livro, escrevendo em seguida um texto sobre as suas opiniões semelhantes e diferentes.

Destarte, para auxiliar na identificação do problema, aplicamos no dia 7 de fevereiro de 2023 o *questionário*⁴ com os estudantes da turma do 3º ano A da EREM CJL, conforme expomos no Apêndice B, etapa que teve grande relevância, pois permitiu refletir sobre os conteúdos e as metodologias a serem aplicadas na pesquisa-ação. O mesmo foi composto de doze questões envolvendo perguntas de múltiplas escolhas e dissertativas e durante a mesma semana da sua realização, já de posse dos resultados, iniciamos a elaboração das sequências didáticas. Para isso, buscamos o desenvolvimento das ações durante o primeiro bimestre do ano corrente, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 - Sequências didáticas desenvolvidas com a turma do 3º ano A

Sequências didáticas	Datas das ações realizadas nas sequências	Quantidade de aulas utilizadas em cada sequência.
1- <i>Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra O Quinze</i>	14, 24, 28 de fevereiro/2023 e 02, 07, 14 de março/2023	12 aulas
2- <i>Círculo de leitura: a seca e os seus impactos</i>	28 de março/2023 e 04 de abril/2023	04 aulas
3 - <i>O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE</i>	18 e 25 de abril/2023	04 aulas

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Entre os conteúdos trabalhados nas sequências estão os elementos que compõem o Semiárido, o fenômeno da seca e os seus impactos, as migrações internas e os recursos hídricos da nossa região. Nesse processo, a avaliação dos estudantes ocorreu mediante o

⁴ Os resultados do questionário serão apresentados em tópico específico.

acompanhamento constante do processo de ensino-aprendizagem no decorrer da realização de todas as sequências, tomando como critério o seu envolvimento nas atividades escritas e orais, individuais e em grupo, bem como o aprofundamento teórico em torno das temáticas trabalhadas.

As ações foram planejadas para que os estudantes pudessem compreender o fenômeno da seca em seus vários aspectos como meio de superar as dificuldades voltadas a compreensão do tema apresentadas na fase diagnóstica e, apesar de cada sequência centrasse em aspectos específicos, as mesmas possuem uma ligação de dependência.

3.2 Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade

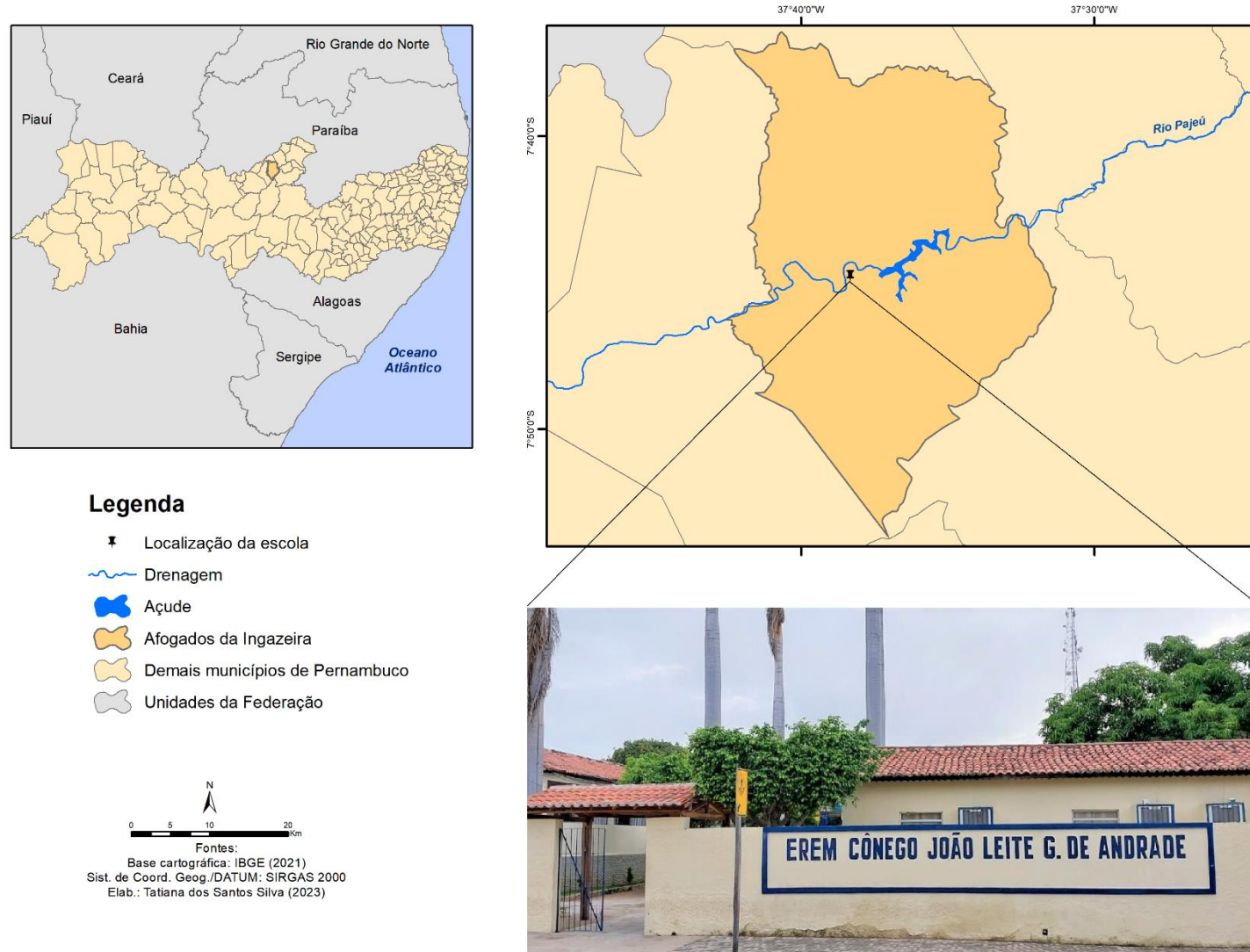
Como local de estudo optamos por uma escola de Afogados da Ingazeira, cidade pernambucana situada na microrregião do Pajeú, entre as coordenadas 07°45'03" sul e 37°38'21" oeste, estando a uma altitude de 525 metros, distante cerca de 386 km da capital Recife e possuindo uma área de 377,696 km² de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021). Limita-se ao norte com Solidão, ao sul e ao oeste com Carnaíba e ao leste com Tabira e Iguaracy.

O município está incluído na região Semiárida do Nordeste brasileiro, possui uma vegetação composta por caatinga hiperxerófila, contém um relevo ondulado e uma precipitação pluviométrica equivalente a 906 mm com temperatura média anual de 23°C. Afogados da Ingazeira conta com uma população estimada de 37.546 pessoas e é sede de organizações importantes como a Gerência Regional de Educação. A mesma está situada na bacia do Rio Pajeú, onde o principal corpo de acumulação de água é a Barragem de Brotas.

Esse município teve origem a partir da povoação de Ingazeira e era anteriormente denominada como a Passagem dos Afogados em decorrência do falecimento de um casal de viajantes ao tentar atravessar o Rio Pajeú em um período de cheia. Assim, somente no ano de 1909 a área passou a ocupar lugar no quadro de municípios com uma nova denominação, Afogados da Ingazeira. Conforme os dados do IBGE (2010), o município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) equivalente a 0,657, além de uma taxa de escolarização entre 6 a 14 anos correspondentes a 97,3%.

Atualmente, Afogados da Ingazeira possui três escolas estaduais que oferecem o Ensino Médio, entre essas está a escola em que leciono EREM CJL. Veja no Mapa 2 a seguir a localização da cidade no estado de Pernambuco com destaque para a escola mencionada.

Mapa 2 - Afogados da Ingazeira no mapa de Pernambuco com destaque para a EREM CJL



Fonte: Elaborado por Tatiana dos Santos Silva, 2023.

A Escola Cônego João Leite Gonçalves de Andrade, construída em 1971 e autorizada a funcionar por meio do Decreto nº 2629 no ano 1972 pelo governador Dr. Eraldo Gueirros Leite, iniciou suas atividades oferecendo turmas de 1ª a 4ª série em dois turnos, funcionando apenas quatro salas de aula.

A área ocupada era um pequeno sítio de árvores frutíferas, verduras e plantio de arroz que recebeu o nome de Cônego João Leite Gonçalves de Andrade em homenagem ao sacerdote parente do então governador que era o pró-vigário geral encarregado pela Paróquia de Afogados da Ingazeira.

No ano de 1976, com o apoio do Secretário de Educação e da Diretora da DERE, teve início o Primeiro Grau Maior (5ª a 8ª série). Em 1995 foi implantado o Ensino Médio, atendendo a demanda existente na comunidade, com o objetivo de assegurar aos jovens e adultos, continuidade da escolaridade básica. Exercendo papel importante ao longo dos anos, em 2022 o seu aniversário de 50 anos foi motivo de grande celebração.

Para o ano de 2023 a escola foi transformada em Escola de Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade, localizada na Rua Antônio Rafael de Freitas, Centro, município de Afogados da Ingazeira-Pernambuco, permanecendo com o Cadastro Escolar E-550.004.

Conforme o Projeto Político Pedagógico - PPP (2023), essa instituição garante a participação da comunidade escolar e local, garantindo a gestão democrática participativa, na busca por mecanismos diversos que respeitem as diferenças individuais e visando oferecer um ensino de qualidade, tomando a escola como um espaço prazeroso na construção e reconstrução do conhecimento e desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que uma sociedade estabelece democraticamente para uma vida mais digna. Entre os seus propósitos está a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo.

Esta escola possui uma área de aproximadamente 3.750 m², sendo 1.550 m² em área ampla e livre destinada à recreação dos estudantes, as aulas de Educação Física, bem como apresentações culturais e uma área construída de 2.200 m² composta pelas seguintes dependências, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2 - Espaço físico da escola

Ambientes	Quantidade
Salas de aula	08
Laboratório de química	01
Sala dos professores	01
Biblioteca	01
Laboratório de informática	01
Secretaria	01

Direção	01
Cozinha	01
Depósito de merenda	01
Banheiros para os alunos	06
Banheiros para os professores	01
Auditório	01
Refeitório	01

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

A EREM CJL funciona nos turnos manhã, tarde e noite e, conforme o censo da escola, em maio de 2023 contava com um total de 588 alunos devidamente matriculados resultantes de 19 turmas distribuídas em: uma turma de Educação de Jovens e Adultos Campo - Anos Finais (EJACAMPOAF20); uma turma de Educação de Jovens e Adultos Campo Ensino Médio (EJACAMPOEM20); onze turmas do Novo Ensino Médio Semi-Integral (NOVOEMSI) correspondentes a alunos do primeiro e segundo ano; cinco turmas de Ensino Médio Semi-Integral (EMSI) equivalentes a turmas de terceiro ano e uma turma de Ensino Médio (ENME) equivalente também a alunos de terceiro ano.

3.3 Sujeitos participantes da pesquisa

Como sabemos, no contexto escolar conhecer o público é essencial para um processo de ensino-aprendizagem que vise uma formação cidadã e crítica, por esse motivo, consideramos relevante investigar, como parte da pesquisa-ação, algumas das características dos estudantes.

Conforme o PPP, a escola vem atendendo desde 1972 a população escolar das periferias urbanas, focos populacionais carentes de Afogados da Ingazeira. O perfil da EREM Cônego João Leite Gonçalves de Andrade é formado basicamente por famílias de baixa escolarização, desempregados e dependentes dos programas sociais do Governo Federal, logo, para complementar a renda familiar muitos dos nossos estudantes buscam realizar pequenos serviços. Visto que considerando os dados do município, conforme o IBGE, no ano de 2020 o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1,7 salários mínimos, contudo, a proporção de pessoas ocupadas era de 10.7%. E “considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 47.9% da população nessas condições” (Ibge, 2023, n.p).

Sabendo que a família e a escola formam uma equipe, é fundamental que ambas tenham objetivos comuns, pois é essa parceria que fortalece e garante o sucesso dos estudantes. Para que a escola cumpra o papel de ensinar e a família de estimular os filhos mostrando interesse pelo que eles aprendem, é preciso orientar os pais e subsidiá-los com dados do processo de

ensino-aprendizagem; deixá-los cientes dos objetivos e dos projetos realizados e organizar momentos em que essa interação possa se concretizar. Por esse motivo que sempre que possível, a escola levanta o debate sobre as questões sociais e culturais mais relevantes no cotidiano da comunidade, realiza ações favorecendo a transformação do entorno, ampliando os laços para que em breve se tenha uma participação mais efetiva e eficaz desencadeada no desempenho acadêmico dos estudantes.

Nesse processo investigativo, escolhemos como sujeitos da pesquisa os estudantes do Ensino Médio Semi-Integral matriculados na turma do 3º ano “A”. A turma no ano em questão iniciou com um total de 28 estudantes, aumentando posteriormente para 33 no total.

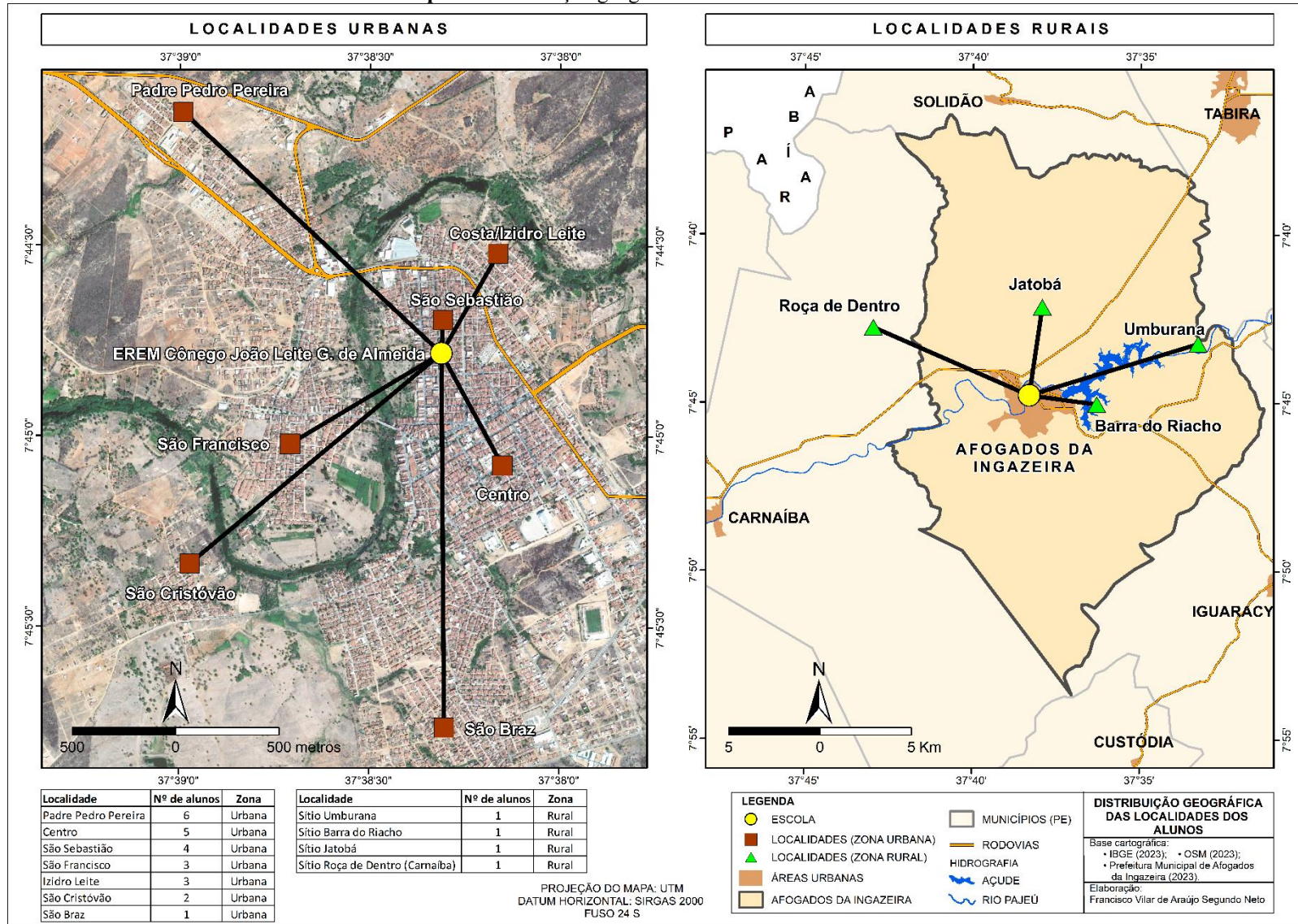
3.4 Percepção dos estudantes sobre o fenômeno da seca

O questionário realizado no início de fevereiro de 2023 com os estudantes da turma escolhida exerceu papel fundamental na pesquisa ao nos possibilitar refletir sobre os conteúdos e as metodologias a serem aplicadas durante o primeiro bimestre conforme o problema identificado, as perguntas realizadas auxiliaram na elaboração das sequências didáticas.

Para ser feita uma análise mais eficiente das respostas do questionário esse foi elaborado no *Google Forms*, contudo, apesar da escola contar com acesso à *internet* em todas as suas repartições, tivemos dificuldade por parte de alguns estudantes em realizar o questionário de forma *on-line*, por esse motivo houve a necessidade de que esses respondessem ao material impresso.

O questionário foi respondido por 28 estudantes devidamente matriculados na turma do 3º ano com idades entre 16 a 18 anos, os quais não precisaram se identificar para que atribuíssem as suas respostas mais livremente, sendo que 16 estudantes responderam de forma *on-line* e 12 de maneira impressa, desse total 24 vivem na zona urbana e apenas 4 na zona rural. Todos os estudantes moram na zona urbana ou rural pertencente ao município de Afogados da Ingazeira, com exceção de apenas um estudante que mora em um sítio pertencente ao município adjacente, Carnaíba/PE, como mostra o Mapa 3 abaixo:

Mapa 3 - Distribuição geográfica das localidades dos alunos



Fonte: Elaborado por Francisco Vilar de Araújo Segundo Neto, 2023.

O primeiro item do questionário indagava aos estudantes se eles gostavam de ler obras literárias como poesias, poemas, romances, cordéis, entre outros. Dentre as respostas mais citadas por aqueles que afirmaram gostar de ler, dezenove especificamente, cinco deles tem o cordel como leitura preferida e quatro preferem os romances. Ao solicitar que mencionassem obras que já haviam lido, foi obtido respostas como *O morro dos ventos uivantes*, *Dom Casmurro*, *Escrava Isaura*, *Diário de Anne Frank*, *O senhor dos anéis*, *O Hobbit*, *Quarto de despejo*, *Romeu e Julieta* e *O cortiço*. O mais preocupante é que os nove estudantes que afirmaram não gostar de ler usaram como justificativa não ter interesse.

Esse fato nos motivou ainda mais a trabalhar a pesquisa envolvendo o letramento literário nas aulas de Geografia, visto que o uso da literatura pode contribuir para a construção de aprendizagens significativas. Vale destacar que como defendido por Cosson (2021) erroneamente o texto literário aparece quase como recurso pedagógico exclusivo da disciplina de Língua Portuguesa, todavia, ele vai muito além e pode ser utilizado como recurso pedagógico pelas diferentes áreas do saber e através da perspectiva inter e multidisciplinar.

A segunda pergunta do questionário, semelhantemente a primeira questionava se já haviam lido ou ouvido falar de alguma obra literária que falava do Nordeste brasileiro no tocante da seca, catorze dos estudantes disseram que sim, apesar de que alguns não recordassem do nome da obra, outros mencionaram obras como *Vidas Secas* e *O Quinze*, porém, o mais mencionado que acreditamos não ser uma novidade foram os cordéis da região. Já dos estudantes que votaram em não, onze afirmaram não ter interesse e três não ter acesso. Esse dado se mostrou inquietante já que habitamos uma região cujo fenômeno da seca gera muitos impactos e conhecer bem esse fenômeno pode nos permitir um melhor convívio em nossa região.

No tocante da temática da seca, foi perguntado aos estudantes como eles podiam definir esse fenômeno, algumas das respostas serão apresentadas no Quadro 3:

Quadro 3 - Definição do fenômeno da seca

Para você como podemos definir o fenômeno da seca?
“Período de dificuldade enfrentado pelos seres vivos que necessitam da água para sobreviver”.
“Nós podemos definir como a falta de chuva por determinados períodos e, conseqüentemente, tempos secos”.
“Baixo nível de água nos rios, matos secos e calor insuportável”.
“Famílias sofrendo pela falta de água e animais passando por dificuldade chegando até a morte”.
“A falta de chuva no clima semiárido”.
“A seca pode ser denominada pela falta de chuva e pela vegetação seca”.

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Percebemos que a seca para os estudantes geralmente refere-se a falta de chuva que impacta a vida dos sertanejos gerando fome, a vegetação seca e um calor insuportável. Nesse contexto é fundamental diferenciarmos estiagem e seca, muitas das vezes usadas como sinônimos, pois, de acordo com o glossário do Monitor das Secas (2023, n.p.),

- I. Estiagem: Período de redução ou ausência de chuvas, em que a perda de umidade do solo é superior à sua reposição.
- II. Seca: é uma estiagem prolongada, durante um período suficiente para que a falta de precipitação provoque desequilíbrio hidrológico.

Além disso, alguns estudantes colocam a seca como um fenômeno natural, isentando assim as atividades humanas que podem intensificar os seus impactos, enquanto outros fazem referência aos danos econômicos gerados como a destruição de plantações e a morte do gado, indo de encontro com o que é posto por Araújo (2021, p.53):

Todas as áreas submetidas a climas onde persiste um período seco mais longo que o chuvoso, ou mesmo naqueles em que as precipitações são escassas e irregulares ao longo do tempo, a disponibilidade de água é um agravante para a produção econômica, principalmente na agropecuária e na agricultura de subsistência.

Para reforçar essa questão, o item seguinte pedia para os estudantes descreverem com as suas próprias palavras qual a imagem que vem a sua cabeça quando se fala em seca, ou seja, qual a percepção dos estudantes em torno desse fenômeno, conforme presente no Quadro 4.

Quadro 4 - Percepção dos estudantes em torno do fenômeno da seca

Descreva com suas palavras qual a imagem que vem a sua cabeça quando se fala em seca.
“A barragem de Brotas, rios e açudes secos nos causa uma tristeza, pensamos logo que vamos passar fome e sede”.
“Muitos cactos, rios quase secos, sofrimento e mortes de animais e pessoas”.
“Fome, mata seca, animais morrendo, chão rachado, perdas na produção agrícola e pessoas tendo que deixar a sua cidade”.
“Um lugar sem pasto e sem as condições necessárias para fazer o cultivo”.
“Um chão rachado e um homem olhando ao redor vendo tudo praticamente morto ao lado de uma árvore que mal tem galhos para fazer uma sombra, pois ela já está seca. Contudo, o homem sorri, pois, sabe que isso é passageiro e logo a chuva virá ou assim ele deseja”.

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

A percepção dos estudantes em torno do fenômeno da seca se assemelha quando se trata dos danos gerados, contudo, um fato de destaque é quando os estudantes mencionam a Barragem de Brotas, barragem essa que abastece o município, e a sua preocupação quando o nível dessa está baixo, o que pode assim gerar a falta de abastecimento de água para o consumo doméstico. Outros aspectos foram amplamente mencionados e que compõe a paisagem

nordestina, dentre esses está a presença dos cactos como o mandacaru, por exemplo, além da comparação com as áreas de deserto.

Considerando que os estudantes, em parte, percebem a seca como um fenômeno exclusivamente natural na questão posterior, pedimos para que classificassem essa considerando para isso três opções como apresentada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Classificação do fenômeno da seca pelos estudantes



Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Dos 28 estudantes que responderam ao questionário, quinze acreditam ser um fenômeno apenas natural, enquanto treze acreditam ser um fenômeno natural e social, o que reforça a necessidade de levarmos os estudantes a compreenderem como as atividades humanas tem causado alterações ambientais, influenciado nas mudanças climáticas, bem como intensificado o fenômeno da seca. Pois,

as secas como fenômeno climático, social e econômico sempre será motivo de preocupação da sociedade, uma vez que seus impactos são prejudiciais às atividades econômicas e a vida como um todo, refletindo-se na sobrevivência das populações por um tempo considerável, muitas vezes de duração imprevisível, porém não sendo duradoura como já é sabido pela ciência (Araújo, 2021, p.57).

Levando mais o tema para o seu cotidiano no item 06 questionamos aos estudantes se eles acreditavam que o município onde moram sofre ou já sofreu com os impactos da seca. Do total, 21 estudantes afirmaram com certeza que sim, 5 apesar da dúvida acham que sim e apenas 1 estudante respondeu que não. Alguns dos estudantes afirmaram que já faltou água nas torneiras para lavar roupa e cozinhar quando o nível da barragem estava baixo e devido a isso tiveram que comprar água, outros estudantes afirmaram nesse momento terem tido assistência de carros pipas. Apesar disso, os estudantes em suas respostas evidenciam que a seca se torna mais intensa para os moradores que vivem nas áreas rurais que muitas vezes não tem se quer água para beber ou para dar ao gado. Outra resposta que despertou nossa atenção está no fato

de um dos estudantes ter afirmado não ter vivenciado até hoje nenhuma seca, embora a mais recente tenha acontecido entre os anos de 2012 a 2017. Para Araújo (2021, p.55) “a seca do período 2012-2017 foi considerada como uma das maiores secas nos últimos 50 anos, muito mais pelo tempo de ocorrência do que pelos impactos”.

O item 07, no que lhe concerne, questionava aos estudantes se em sua família ou no seu arranjo familiar havia alguém que já foi impactado pela seca, apesar de na questão anterior haver a grande aceitação de que o município sofra com esse fenômeno, nesse momento um total de 20 estudantes responderam a essa pergunta com “Não”. Dentre os que responderam já ter sofrido, as respostas mais citadas foram a perda da plantação, a morte de animais, a fome e o transporte de água em baldes a longa distância. Nesse momento ficou evidente uma diferenciação em torno da visão de seca entre os estudantes que residem na zona urbana e os que residem na zona rural, percebemos que alguns estudantes acreditam que a problemática da seca seja algo específico da área rural, já que os impactos sentidos pelo contexto urbano possam se apresentar de maneira diferente. Todavia, vale ressaltar que “os impactos decorrentes de uma seca sobre a sociedade dependem de um conjunto de condições sociais, econômicas e ambientais. Normalmente a condição socioeconômica define a vulnerabilidade socioambiental das comunidades atingidas pelas secas” (Araújo, 2021, p.54).

Na pergunta 08 indagamos aos estudantes se havia alguma medida sendo implementada para amenizar os impactos da seca no município em que residem. A essa pergunta a resposta prevalecente é que sim. Alguns dos estudantes mencionam ser devido às medidas que vêm sendo implementadas que os efeitos da seca de hoje não são como as que ocorreram no passado e entre essas estão o abastecimento por meio de carros pipas; armazenamento de água do período chuvoso para o período seco através de cisternas; a construção de açudes, barragens e poços artesianos e a transposição do Rio São Francisco.

Como meio de aguçar a percepção que os estudantes têm sobre os recursos hídricos da região e desenvolver um olhar crítico sobre determinadas situações apresentamos aos mesmos, duas fotografias e solicitamos que abordassem em torno dos cenários apresentados por meio de um comentário breve, as imagens estão presentes na Figura 8.

Figura 8 - Fotografias a serem comentadas pelos estudantes

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Com base nessas duas fotografias foi gerado o Quadro 5 abaixo com alguns dos comentários atribuídos pelos estudantes.

Quadro 5 - Comentários dos estudantes em torno da figura 8

Imagem 1	Imagem 2
“Uma mulher andando com uma criança e carregando o que parece ser um balde de água, provavelmente tiveram que ir buscar água muito longe”.	“Nessa foto aqui já vemos a abundância de água que provavelmente está encanada e não é preciso se deslocar para outras regiões em busca dela”.
“A imagem mostra uma mulher com uma lata de água na cabeça e uma criança, situação que normalmente vemos em período de seca”.	“Um ambiente que aparentemente está bem de água e está tudo bem verdinho. Um homem irrigando com muito cuidado para não desperdiçar água”.
“A imagem representa a seca. Vemos uma mulher com o filho indo buscar água de galão por não ter água em casa”.	“A imagem representa uma qualidade de vida melhor. Tempo chuvoso, plantações que gera renda para a família, proporcionando assim uma qualidade de vida mais digna”.
“Nessa imagem mostra uma área rural sofrendo com a falta de chuva na região. Já vi situações parecidas com essa por não ter recursos hídricos”.	“Aqui não há a falta de água devido usar a cisterna para o armazenamento”.

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Diante das respostas notamos que os estudantes conseguem perceber que a primeira imagem ocorre em um período de seca resultando no transporte de água feito em baldes devido à carência dos recursos hídricos, já na segunda imagem deduzem como um espaço com uma qualidade de vida melhor devido à abundância de água, que certamente pode ser influenciado pelo seu armazenamento em cisternas. Alguns dos estudantes confirmam já terem presenciado cenas semelhantes a essas em seu cotidiano. Ao serem questionados sobre medidas que ainda poderiam ser implementadas para amenizar os impactos da seca, entre as respostas mencionadas estão evitar o desperdício de água; economizar e reutilizar a água; criar ainda mais cisternas e reservatórios; fazer o reflorestamento; ampliar o abastecimento através de carros pipas; investir nas comunidades rurais numa forma de desenvolvimento sustentável e em plantações diretas;

evitar o desmatamento; encanar água para áreas rurais; evitar prejudicar o clima com as queimadas e criar uma renda extra para alimentação.

De acordo com Silva e Barbosa (2014, p.83)

a utilização da literatura na formação pedagógica geográfica é de grande importância e relevância, uma vez que permite a compreensão da espacialidade como parte da totalidade a partir do entendimento dos valores sociais e da instrumentalização crítica à organização social, política, econômica e cultural.

Com base nisso, na penúltima pergunta do questionário solicitamos que os estudantes fizessem a leitura dos trechos retirados da obra *O Quinze*, presentes no Quadro 6 e, em seguida, assinalassem o trecho do romance que tratava dos impactos da seca.

Quadro 6 - Trechos usados da obra *O Quinze*

<p>I. Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado (Queiroz, 2012, p.16).</p>	<p>II. Quando Vicente se despediu, e montou ligeiro no cavalo que arrancou de galope, Conceição estirou-se na rede e ficou olhando o vulto branco que a poeira ruiva envolvia, até o ver se sumir atrás de um grupo de umarizeiras da várzea. Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conheceu querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele (Queiroz, 2012, p.19).</p>	<p>III. Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas. — Mãezinha, cadê a janta? — Cala a boca, menino! Já vem! — Vem lá o quê!... Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... (Queiroz, 2012, p.40).</p>
---	--	--

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Dos 28 estudantes, dez escolheram a primeira opção posta no quadro que fazia referência aos aspectos da paisagem nordestina, três estudantes a opção dois que trata sobre o personagem Vicente e quinze a terceira opção que verdadeiramente abordava os impactos do fenômeno da seca. Essa divisão das respostas entre a primeira e a terceira opção denota uma certa confusão entre as ideias que tratavam da paisagem nordestina com as consequências da seca, como se os alunos vissem os aspectos da paisagem da nossa região como algo negativo e oriundos da seca ao invés de compreendê-los como um conjunto de características resultante de fatores diversos e que merecem ser valorizados.

A última questão pedia para os estudantes lerem o trecho apresentado no Quadro 7, também retirado da obra *O Quinze*, e fazerem uma reflexão se ainda nos deparamos com esse tipo de cenário no Nordeste brasileiro.

Quadro 7 - Trecho usado da obra *O Quinze* para reflexão

E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta. Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

— De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

— De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus. Chico Bento cuspiu longe, enojado:

— E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... O outro explicou calmamente:

— Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca... Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:

— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!

Realmente a vaca já fedia, por causa da doença. Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubus vê-la, lá de cima, lá da frieza mesquinha das nuvens. E para comemorar o achado executavam no ar grandes rondas festivas, negrejando as asas pretas em espirais descendentes. (Queiroz, 2012, p.35).

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Segundo os estudantes, esse tipo de cenário ainda é comum no Nordeste em épocas de seca extrema, porém houve uma grande redução nesse número de casos em decorrência da criação de programas sociais de assistências como o Bolsa Família e de tecnologias sociais hídricas. Afirmam que no passado essa cena era mais presente devido muitas pessoas por falta de emprego ter que migrar em busca de trabalho e de uma vida melhor. É com base nisso que Ab'Saber em sua obra (1999, p.42) afirma que “nos vastos domínios dos sertões, o governo federal deve investir recursos públicos, mais diretamente projetados para garantir a sobrevivência dos sertanejos e suas famílias”.

Frente a essa conjectura, construímos três sequências didáticas de modo que a pesquisa-ação contribua para um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e crítico, proporcionando assim a ampliação dos conhecimentos da realidade em que os estudantes vivem, utilizando para isso atividades direcionadas ao letramento literário nas aulas de Geografia na Educação Básica.

4. AÇÕES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS COM OS ESTUDANTES

O capítulo terá por finalidade apresentar as sequências didáticas desenvolvidas com os estudantes da turma do 3º ano A da Escola em Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade. Assim, buscamos analisar as atividades e ações realizadas, bem como os desafios que surgiram ao longo do percurso que resultaram em mudanças nas ações planejadas. Cabe destacar, que o motivo da escolha da turma se deu pelo fato de acompanhá-los com aulas de Geografia desde o primeiro ano do Ensino Médio, além de ter sido a turma com a qual havia trabalhado no ano anterior um projeto denominado *Podcast literário*⁵. Segue as sequências didáticas realizadas com os estudantes do 3º ano A:

4.1 Sequência 1 - *Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra O Quinze*

Turma: 3º ano A

Período: 14, 24, 28 de fevereiro/2023 e 02, 07, 14 de março/2023

Duração: 12 aulas (50 minutos cada)

Conteúdo(s): Elementos que compõe o Semiárido: clima, vegetação, relevo e hidrografia.

Objetivo geral:

Identificar e reconhecer os elementos que compõem o Semiárido brasileiro a partir da obra *O Quinze*.

Objetivos específicos:

- Utilizar o livro *O Quinze* de forma prazerosa, reconhecendo-o como uma fonte de múltiplas informações;
- Discutir sobre as leituras realizadas, tendo em conta o ponto de vista dos colegas e utilizando as questões por eles postas para verificar as suas ideias e impressões;
- Reconhecer os conceitos geográficos como seca, clima, paisagem e região.

Desenvolvimento

⁵ Projeto de Leitura sugerido pela Gerência Regional de Educação (GRE) que consistia no incentivo aos estudantes a leitura de textos literários mediante as ações de professores de Língua Portuguesa em parceria com os profissionais das outras áreas do conhecimento.

1ª Etapa

Considerando as etapas constituintes da sequência básica e expandida apresentadas por Rildo Cosson (2021), na qual a motivação seria uma forma de preparar os estudantes para entrar no texto, tendo assim um papel muito importante na sequência, iniciamos a aula exibindo a capa do livro *O Quinze*, conforme Figura 9, instigando os estudantes a partir dos seguintes questionamentos: O que vocês veem na imagem? Qual detalhe chama mais a sua atenção e por quê? Sobre o que será que trata a história desse livro? A que o título *O Quinze* faz referência? Vocês já conheciam ou ouviram falar sobre essa história?.

Figura 9 - Capa do livro *O Quinze*



Fonte: <https://ipegecc.com.br/qweqyda/uploads/2020/04/1%C2%AA-S%C3%89RIE-O-QUINZE-1.pdf>. Acesso em: 13 de mai. 2023.

Os estudantes tiveram uma boa participação nesse momento, isso se deve ao fato de a imagem poder aguçar o olhar dos estudantes em torno do tema tratado, facilitando assim o seu entendimento, pois conforme Batista (2019, p.216) “quando o conteúdo trabalhado é feito através do estímulo visual, se percebe um maior interesse e motivação”.

Nesse contexto, apesar de afirmarem não conhecer a obra, acreditam que ela se refere a uma família saindo do Nordeste e passando quinze dias de viagem até chegar ao seu destino. Dentre as características que os levaram a deduzir que fazia alusão ao Nordeste está o uso do jumento como meio de transporte e as trouxas de roupas comumente associadas a figura do sertanejo.

Seguindo as recomendações de Cosson (2021), essa motivação foi realizada no início de uma aula mais longa, considerando que seriam duas aulas seguidas de 50 minutos cada, para podermos então passar de imediato para a introdução, a qual consiste na apresentação da obra que iríamos trabalhar no decorrer do bimestre nas aulas de Geografia e sua respectiva autora. A apresentação da obra foi feita cuidadosamente e evitando fazer uma síntese da história, o que poderia acabar com o prazer da descoberta ou levar os estudantes a querer dispensar a leitura do romance. A apresentação da autora foi feita de maneira breve e com destaque para as dificuldades enfrentadas por Rachel de Queiroz enquanto mulher escritora em um momento cuja participação da mulher na sociedade ainda possuía muitas limitações. Justificamos a escolha do livro evidenciando que *O Quinze* traz como temática principal o fenômeno da seca, fenômeno esse comum na região em que estamos inseridos.

Destarte, após fazer a distribuição dos livros para os estudantes, buscamos com eles elaborar um cronograma de leitura a ser realizada em casa e marcamos o dia para nos encontrarmos e conversarmos sobre o andamento da leitura, momento denominado por Cosson de *intervalo*. Pois,

quando o texto é extenso o ideal é que a leitura seja feita fora da sala de aula, seja na casa do aluno ou em um ambiente próprio, como a sala de leitura ou a biblioteca por determinado período. Durante esse tempo, cabe ao professor convidar os alunos a apresentar os resultados de sua leitura no que chamamos de intervalos. Isso, pode ser feito por meio de uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história (Cosson, 2021, p.62).

Devido ao feriado de Carnaval, combinamos de realizar o nosso encontro na sexta-feira da semana seguinte, durante a aula cedida por outro professor, evitando assim a sua realização em uma data muito distante da entrega do livro, pois para Cosson (2021), tanto os intervalos quanto os períodos para leitura não devem ser muito longos devido ao risco de perder o objetivo da atividade. Para esse momento, os estudantes se comprometeram em realizar a leitura até o capítulo catorze da obra e como forma de facilitar a nossa comunicação criamos um grupo no *WhatsApp*, onde seria divulgado informações importantes.

Chegando o dia para a realização do intervalo, visamos preparar um ambiente agradável com as cadeiras da biblioteca da escola dispostas em círculo. Estando o espaço já organizado, convidamos os estudantes a se dirigem à biblioteca e fazer parte do grande círculo, para esse momento contamos com 21 estudantes os quais foram convidados a apresentarem os resultados de suas leituras mediante uma simples conversa. Contudo, logo de início os estudantes nos informaram não terem conseguido ler até o capítulo catorze como combinado, então resolvemos

conversar em torno da história até o capítulo dez, cuja maioria já estava lendo. Ao passo que íamos conversando, os estudantes iam folheando o livro, pois com exceção de dois, os demais haviam o levado para a escola, o que evidencia o compromisso da turma.

Algumas indagações foram sendo feitas aos estudantes, tais como: Vocês compreenderam o motivo para o título do livro ser *O Quinze*? Algum ano da sua vida também ficou marcado em sua memória assim como o ano de 1915 ficou marcado para Rachel de Queiroz? Vocês já ouviram história sobre o fenômeno da seca semelhante à narrada no livro? Qual cena lhe atraiu mais? No que iam sendo indagados vários comentários foram surgindo. Os estudantes conseguiram identificar que o título do livro se refere a grande seca ocorrida durante o ano de 1915, além de ressaltarem sobre a questão da religiosidade da vó Inácia para que voltasse a chover no sertão; a tristeza da partida da família de Chico Bento e o romance entre Conceição e Vicente.

Para ampliar a discussão apresentamos imagens (retiradas da internet em sites diversos) que mantinham alguma relação com os aspectos da seca e destacamos alguns trechos relevantes do romance. A primeira imagem apresentada foi uma fotografia da autora, visto que com base na sua vivência e em depoimentos, a escritora buscou relatar o que aconteceu na seca de 1915 enquanto moradora do Ceará. Conforme Cavalcante (2016) essa seria uma das maiores secas do início do século XX que resultou na morte de muitos sertanejos, em milhares de migrações, perda de mais de 50% do gado e quase 100% da produção agrícola.

Destacamos ainda que muitos dos personagens e dos espaços retratados foram inspirados na realidade de Rachel de Queiroz a partir de suas vivências e experiências que ocuparam espaço em suas obras (Cavalcante, 2020). Um dos exemplos é a religiosidade da sua avó que pode ser comparada com a de Dona Inácia e com a de muitos sertanejos que possuem sempre a esperança da retomada das chuvas durante os períodos de seca, como mostra o trecho do Quadro 8.

Quadro 8 - A religiosidade do sertanejo

DEPOIS de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu:
 “Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”
 Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:
 — E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...
 Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:
 — Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril.

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, 2012, p.12.

Estando o debate voltado aos aspectos culturais do povo nordestino, aproveitamos para discutir em torno dos aspectos dessa região. Entre os temas, inicialmente abordamos sobre a predominância do clima semiárido que possui características específicas, sendo, portanto, fundamental que os moradores do Semiárido brasileiro conheçam as suas particularidades.

Tendo o conceito de clima diferentes abordagens, relatamos que a mais aceita está voltada as características atmosféricas predominantes em determinado lugar. Para Sette e Ribeiro (2011), o conceito de clima na climatologia geográfica é tido a partir do que ele representa no conjunto de relações entre a natureza e a sociedade, levando assim em consideração a interação entre a atmosfera e os outros elementos da superfície terrestre. Nesse cenário, os atributos climáticos de maneira inter-relacionada irão repercutir e interagir nas atividades humanas e no ambiente, o que é perceptível no trecho do romance apresentado no Quadro 9, referente a uma alteração da paisagem devido ao fenômeno da seca.

Quadro 9 - Paisagem da seca

ENCOSTADO a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão.

Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês.

Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo.

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, 2012, p.14-15.

Além do clima, conversamos sobre outros conceitos importantes da Geografia: região e paisagem. Explicamos que enquanto a região estaria voltada a divisão do espaço feita com base em determinados critérios, a paisagem “pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (Santos, 1988, p.21).

Compreendido o conceito de região, foi possível levar os estudantes a observar que uma das características marcantes da região Semiárida seria a vegetação da caatinga e, para isso,

utilizamos como recurso a imagem de um mandacaru. Em períodos de seca a *mata branca*⁶ perde as suas folhas, ganhando um aspecto de paisagem morta, e o gado tende a ficar sem alimento, levando muitos donos de reses a soltar os animais, como mostra o trecho de *O Quinze* presente no Quadro 10.

Quadro 10 - Soltura do gado

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral.
 A junta de bois mansos passou devagarinho.
 O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida.
 Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas.
 Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança.

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, 2012, p.21.

Os estudantes relataram que imagens como a apresentada no enredo já foram presenciadas em nosso município, pois, em períodos de seca alguns de seus parentes, assim como o vaqueiro Chico Bento, tiveram que soltar o seu gado por falta de água e comida. Esse foi um dos trechos que mais despertou a atenção dos estudantes por retratar a dor da perda na busca pela sobrevivência. Ainda destacaram o quanto os sertanejos são esperançosos visto que Dona Maroca ao encaminhar a carta solicitou que soltasse o gado caso não chovesse até o dia de *São José*⁷, apesar disso o vaqueiro manteve o gado até uma semana depois dessa data na esperança de que a chuva voltasse a cair.

As pessoas do campo que ficam desempregadas em períodos de seca e que não contam com algum tipo de auxílio oferecido por ações governamentais, acabam sendo forçadas a migrarem em busca de um lugar em que possam se estabelecer. Nesse cenário, Chico Bento e sua família retratam o sofrimento de famílias reais que passaram e/ou passam por vários desafios ao longo do desastre ambiental da seca, como a dor ao terem que deixar o seu lugar

⁶ De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA (2016, n.p), “a mata branca é o significado do nome Caatinga, dado pelos índios tupi-guarani em alusão à aparência que ele toma quando a água se torna escassa”. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18708656/riquezas-da-mata-branca>. Acesso em: 01 jan.2023.

⁷ Conforme a tradição católica, o dia de São José é comemorado anualmente na data de 19 de março.

natal e a morte de seus entes queridos. Um exemplo claro desse sofrimento é a morte do filho Josias devido ter ingerido mandioca crua, como apresentamos no Quadro 11.

Quadro 11 - Morte do filho Josias

— Meu filho! Pelo amor de Deus! Você comeu mandioca crua?
Assombrado, e sentindo a dor mais forte, o pequeno começou a chorar. Cordulina, aturdida, topando no madeirame do chão, andou até o terreiro limpo, procurando na terra varrida umas folhas para um chá. Depois, caindo em si, foi às trouxas, e do fundo de uma lata tirou um punhado ressequido de sene.
E enquanto fazia o chá, gritava, num pranto, para o marido, que mais longe trocava algumas palavras com um passante:
— Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou!
Agora, esgotadas as mezinhas, findos os recursos, sozinha, o marido longe — Chico Bento saíra de manhãzinha a ver se descobria alguém que ensinasse um remédio — de cócoras junto à criança moribunda, a cabeça quase entre os joelhos, um filho agarrado à saia, Cordulina chorava sem consolo.
Um dos outros pequenos, sentado numa trave, chupando o dedo, olhava o irmão. E o Pedro, o mais velho, do lado oposto, de vez em quando tangia com a mão alguma mosca que tentava pousar no rosto do doentinho.
A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso.
Quando o pai chegou trazendo consigo uma negra velha rezadeira, Josias, inconsciente, já com o cirro da morte, sibilava, mal podendo com a respiração estertorosa.
A velha olhou o doente, abanou o pixaim enfarinhado:
— Tem mais jeito não... Esse já é de Nosso Senhor...

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, 2012, p.45-46.

Esse trecho mostrou ser o mais impactante visto que a dor da perda de um familiar é grande e o fato de ter se dado devido buscar saciar a fome é como a torna-se ainda maior, além de que os pais de Josias nem sequer poderiam visitar a sua cova já que ficava em uma parte do caminho que talvez eles nunca voltassem novamente.

Após a discussão em torno das imagens apresentadas e dos trechos do romance, contamos com a participação da funcionária da biblioteca, Dona Elizabete, a qual se dispôs a fazer o seu depoimento enquanto moradora do Semiárido brasileiro que já vivenciou várias secas e vinda de uma família de retirantes. Consideramos o depoimento enquanto um tipo de atividade de grande relevância, pois através das lembranças do passado vivenciadas pela pessoa que conta permite que as pessoas que escutam usem a imaginação e construam imagens do discurso.

Dona Elizabete fez o seu depoimento em torno dos impactos da seca para a sua família, com destaque para a seca de 1970. A sua família assim como várias outras tiveram que partir

em retirada passando por vários obstáculos dos quais dolorosamente essa possui muitas lembranças. Enquanto depunha, todos os estudantes a ouvia atentamente, em especial, quando essa afirmou que sua família pediu abrigo em uma cadeia no estado do Ceará onde pudesse dormir sem correr risco de vida. Uma das estudantes afirmou ter ouvido histórias semelhantes contada pela sua avó, a qual muitas vezes ficou sem comer para poder alimentar os seus filhos, o que foi associado a personagem de Cordulina.

Na aula seguinte, solicitamos aos estudantes que escolhessem a cena do romance que mais despertou a sua atenção e buscassem desenhá-la na folha entregue. Consideramos o desenho um recurso importante no ensino da Geografia ao passo que permite que os estudantes possam se expressar livremente, além de que “o desenho enquanto linguagem polissêmica nos proporciona sair da forma oral e escrita, tão habituais no cotidiano escolar” (Lima Junior, 2021, p.165).

Os estudantes demonstraram muita concentração ao longo dessa atividade, como mostramos na Figura 10, os mesmos se expressaram de maneiras variadas fazendo, por exemplo, uso do desenho e da escrita, e em alguns casos cores.

Figura 10 - Atividade realizada em sala

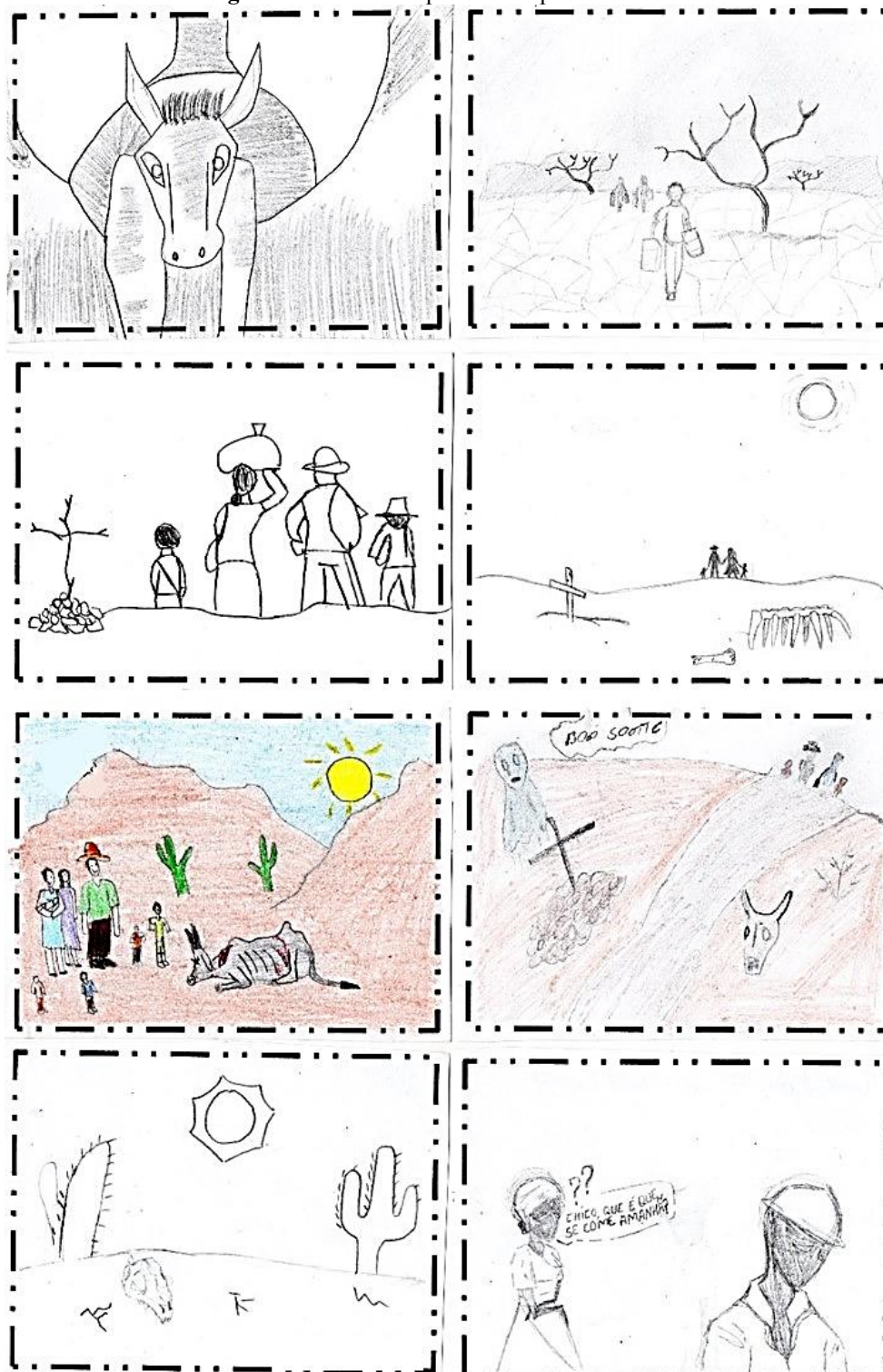


Fonte: Arquivo pessoal de Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Para Cosson (2021), durante a etapa da sequência básica definida como *interpretação*, precisamos expandir os nossos sentidos construídos individualmente, pois, através do compartilhamento do nosso entendimento, podemos nos reconhecer enquanto membros de uma coletividade. Esse trabalho exige uma organização em sua condução, visto que não há uma única interpretação e em determinados momentos o docente precisa intervir.

Há diferentes formas para realizar a atividade de interpretação, dentre essas a externalização da leitura por meio dos registros envolvendo desenhos, já que demonstra ser uma atividade divertida. Na Figura 11 abaixo está representado alguns dos desenhos produzidos.

Figura 11 - Desenhos produzidos pelos estudantes



Fonte: Produção dos estudantes da turma do 3º ano A, 2023.

Após todos finalizarem, foi solicitado que explicassem o motivo da escolha. Podemos perceber que entre as cenas ilustradas, as mais comuns foram o processo de migração dos personagens da família de Chico Bento e a perda do filho Josias. Em uma das imagens o estudante representou o espírito de Josias desejando boa sorte a sua família. Outro estudante destacou a fala de Cordulina “Chico, que é que se come amanhã?” após Chico Bento doar parte dos seus alimentos para outros retirantes. Mas não foi apenas a família de Chico Bento que recebeu destaque, um considerável número de estudantes optou por representar a paisagem da seca, a vegetação da caatinga e a morte do gado. Nas suas explicações evidenciavam a escolha devido principalmente ao sofrimento oriundo da seca que certamente alguns dos seus parentes possam ter passado.

2ª etapa

Nessa etapa, constatamos que os estudantes estavam atrasados na leitura da obra, em conversa buscamos compreender o motivo desse atraso onde um número considerável de estudantes alegou a falta de tempo, pois das 7:30 às 14:30 esses estavam na escola, saindo dali iam para o trabalho voltando para casa só a noite aproveitavam para descansar. Outros, no entanto, já estavam adiantados, como o caso de uma estudante que relatou no dia anterior ter finalizado a leitura a 1h da madrugada. Contudo, seria inviável nesse momento desenvolver a atividade planejada, por isso, tornou-se um momento dedicado a leitura silenciosa e durante a realização da mesma, alguns estudantes pediram para fazermos mais atividades como essa, em especial, o intervalo realizado nas aulas anteriores.

Como motivação passamos a fazer postagens diariamente no grupo de *WhatsApp* da turma com mensagens que ressaltavam a importância de ler obras literárias e incentivando que tirassem de 20 a 30 minutinhos do seu dia para ler. Apesar de ser algo aparentemente simples, percebemos que essa motivação pelas redes sociais surtiu um efeito positivo, principalmente para aqueles que diziam esquecer de ler. Pois, como defende Cosson (2021), os brasileiros apresentam alto desinteresse em fazer leitura, mais ainda quando se trata de literaturas, prova disso que ler é a atividade preferida de apenas 28% da população.

Na semana seguinte, a atividade proposta aos estudantes foi a realização de uma entrevista informal, que segundo Cosson (2021) é uma forma de interpretação do texto literário que permite aos estudantes uma maior liberdade para pensar sobre a obra lida, pois, para a realização da atividade os estudantes em dupla questionam entre si o que mais o atraiu na leitura

do livro, escrevendo em seguida um texto sobre as suas opiniões semelhantes e diferentes. O autor sugere que a atividade seja realizada em sala de aula e

ela deve ser vista, por alunos e professor, como o momento de resposta à obra, o momento em que, tendo sido concluída a leitura física, o leitor sente a necessidade de dizer algo a respeito do que leu, de expressar o que sentiu em relação às personagens e àquele mundo feito de papel. A disponibilização de uma aula para essa atividade sinaliza, para o aluno, a importância que sua leitura individual tem dentro do processo de letramento literário. É por isso que o aluno precisa ser livre para escrever o que desejar dentro dos limites dados (Cosson, 2021, p.84).

Percebemos que inicialmente os estudantes apresentaram certa dificuldade em fazer a produção textual como solicitado, mesmo assim dialogamos com os estudantes e os deixamos livres para escreverem o que desejassem sobre o romance, visto que um dos principais objetivos da aula era levá-los a dialogar sobre o enredo da obra, o que estava sendo alcançado. Solicitamos também que ao conversarem sobre o livro pudessem identificar características presentes em nosso município, tais como: o tipo de clima, a vegetação predominante, as formas de relevo e a hidrografia existente.

No decorrer desse trabalho ouvíamos o diálogo entre os estudantes, um deles associava o conteúdo do livro com o filme *Canudos*, o qual havia assistido recentemente na aula de história. Enquanto isso, outro estudante afirmava não achar o conteúdo do livro interessante, pois a temática da seca não despertava a sua atenção, ao conversarmos com o mesmo sobre o tipo de livros que estava acostumado a ler, ele afirmou que só havia lido livros completos quando criança, o que ressalta assim a falta de hábito de leitura.

Foi possível também ouvir a insatisfação de alguns estudantes com o final da história, ao passo que não fica claro o que acontece com a família de Chico Bento ao ir para São Paulo e o fato de Vicente e Conceição não terem ficado juntos, porém, como posto por Cavalcante (2016, p.125),

as distâncias existentes entre Vicente e Conceição exprimem experiências distintas. Vicente vive no campo, mundo “natural”, “bárbaro”, onde os efeitos da estiagem são mais incisivos, transformando o cotidiano daqueles que a vivenciam. Conceição mora na cidade, mundo “artificial”, onde leciona e espera pela passagem da seca, embora seus efeitos na “civilização” também sejam sentidos. Histórias e geografias emolduradas por um desastre que os separa e evidencia ainda mais as suas (in)diferenças, estabelecendo os seus (des)encontros.

Outra observação relevante é que durante o trabalho alguns estudantes realizaram pesquisas na *internet* para saber o significado de alguns termos para uma melhor interpretação

da história narrada. Alguns trechos das produções textuais dos estudantes estão presentes na Tabela 1.

Tabela 1 - Produções da entrevista informal

Dupla 1	<p><i>Quais são as consequências mencionadas sobre a seca no livro?</i> As consequências causadas pela seca na obra são: a falta de água principalmente, o gado e as plantações morrendo e com isso as pessoas acabam migrando para outros lugares e para a cidade.</p> <p><i>Que tipo de dificuldades sofriram as famílias que precisavam migrar?</i> Eles tinham que abandonar suas casas por conta da seca e pelo caminho tinham que enfrentar a fome, a sede e outras coisas do tipo. Muitas famílias não tinham condição financeira e isso as impedia de viajar.</p> <p><i>O que eram os campos de concentração?</i> Era uma área em que as famílias migrantes se abrigavam, muitos sofriam com a fome, o que eventualmente as levava a morte. Algumas pessoas ajudavam como podia, com alimentos, dinheiro, trabalho, etc.</p> <p><i>O que a fome fazia com as pessoas?</i> Eles matavam os animais que viam pela frente e os comiam, porém, às vezes os animais tinham donos, os quais ao perceberem a ação tomavam o alimento para si. Algumas pessoas eram levadas também a comer folhas e raízes.</p>
Dupla 2	<p>As nossas opiniões divergem com relação ao capítulo 7, quando Chico Bento encontra outra família na mesma situação que a sua e divide o pouco que tem com eles. Na minha opinião, eu não ajudaria para manter mais alimento para a minha própria família, já o meu colega agiria da mesma forma que Chico Bento.</p> <p>O clima semiárido, a vegetação morta devido ao sol escaldante e as plantações morrendo evidencia uma história que se passa no período de seca. No nosso cotidiano não temos falta de água, mas ainda é um medo da população uma futura seca, por nós dependermos da Barragem de Brotas.</p> <p>No final da história, apesar de termos gostado, ainda indagamos sobre o porquê o desfecho da história não conta o que aconteceu com Chico Bento e sua família ao viajarem para São Paulo.</p>
Dupla 3	<p>Nós concordamos que o clima da história é parecido com o da nossa cidade, pois é o clima semiárido onde a falta de água é comum. Mas na minha região nós não sofremos tanto com a falta de água, pois temos a Barragem de Brotas que fornece água para a cidade e sítios próximos.</p>
Dupla 4	<p>É uma história bastante comovente, por relatar a luta de várias famílias contra a seca que assola a região. Em relação ao clima, relevo, vegetação e a hidrografia descrita no livro, é bastante semelhante ao nosso cotidiano. Assim como na história temos o clima semiárido com longos períodos de seca e escassez de chuva, a nossa vegetação também é a caatinga, temos um relevo com serras e uma hidrografia parecida.</p>
Dupla 5	<p>O livro conta detalhes de várias famílias que enfrentam dificuldades por conta da seca e precisam constantemente viajar em busca de melhores condições de vida. Um fato importante sobre a obra é que o enredo é baseado em um acontecimento histórico: a grande seca que assolou o Nordeste brasileiro em 1915.</p> <p><i>Quais pontos você pode destacar do livro?</i> Pude notar que alguns aspectos nordestinos como a preocupação com causas sociais, o retrato das adversidades do Nordeste e o trabalho com a linguagem regional e popular que inclui expressões e marcos da oralidade. É uma forte literatura sobre o estado que a autora residia, o Ceará.</p> <p><i>Por que o título do livro é O Quinze?</i> O nome do livro menciona a grande seca de 1915 que a autora viveu durante a infância.</p>

Fonte: Produção textual dos estudantes do 3º ano A, 2023.

A dupla 1 trouxe como destaque da entrevista a questão das consequências do fenômeno da seca, evidenciando também as dificuldades das famílias que veem a migração como a única possibilidade de sobrevivência. Isso se deve por que

a água representa um recurso indispensável para a sociedade; primeiro porque se constitui em necessidade primária do homem e demais seres vivos, para beber e nas atividades domésticas, e também porque sempre está presente em todos os processos de atividades econômicas. A água é um insumo fundamental, desde a base da economia, como a agricultura e o extrativismo, até os processos industriais, na produção de bens, nos serviços, comércio e outros. Os recursos hídricos dependem fundamentalmente das condições climáticas e nas zonas tropicais das chuvas e de seu regime de distribuição ao longo do ano (Araújo; Lima, 2019, p.64-65).

Destarte, sem água não é possível se manter, o que os levam a ir em direção de outros lugares em que possam ter uma vida mais digna. Diante disso, os mesmos ainda abordam em torno da realidade das famílias que se dirigiam aos campos de concentração onde recebiam alimentos, embora em pouca quantidade, e consistia em uma estratégia política cujo objetivo era evitar invasões e saques nas cidades. Também ressaltaram as consequências advindas da fome prolongada que fazia com que as pessoas em estado de desespero matassem qualquer animal que vissem a frente para saciasse.

A dupla 2 destaca o espírito de solidariedade do povo nordestino que apesar das dificuldades enfrentadas não se esquivava em doar parte do que tem para outros necessitados. O mais interessante é que os estudantes divergem quanto a esse fato, ao se colocarem no lugar da família de Chico Bento um diz que agiria da mesma forma, enquanto o outro diz que não doaria o seu alimento para que assim conseguisse manter a sua família por mais tempo.

Os estudantes também afirmam não vivermos atualmente um período de seca, todavia, há a preocupação com secas futuras, visto que a cidade é abastecida pela barragem de Brotas e a redução do seu nível dificultaria a distribuição na cidade e prejudicaria a vida de todos os moradores. Por esse motivo que a sociedade necessita conhecer os aspectos do espaço em que vive para que desastres ambientais como a seca possam ter seus impactos mitigados, pois quando tratamos do Semiárido brasileiro cabe destacar que “os muitos anos de exploração indevida dos recursos naturais percorre uma tendência de problemas ambientais muito sérios, que se agravam a partir das relações existentes entre os impactos de origem antrópica com os eventos climáticos extremos” (Costa, 2019, p.121).

Semelhantemente a dupla anterior, a dupla 3 também menciona a barragem de Brotas, porém, com uma visão otimista, já que alegam não sofrerem com a falta de água, como é comum em lugares de clima semiárido, devido contarem com água na torneira vinda da mesma. Em outro trecho esses estudantes dialogam entre si sobre alguns dos meios que poderiam reduzir os impactos da seca, onde ganha destaque as técnicas de armazenamento como a construção de barragens e cisternas, se referindo assim as políticas públicas como o Programa Um milhão de Cisternas que já vem sendo implantado desde o século passado.

Gomes e Schmidt Filho (2019) destacam em seus trabalhos programas e projetos para redução dos efeitos da seca, como: o seguro safra que garante uma renda mínima aos agricultores que tenham tido prejuízo de cerca de 50% da sua produção devido à estiagem; o Programa Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semiárido (CONVIVER) que visa diminuir a vulnerabilidade socioeconômica a partir de ações articuladas e com implementação de infraestrutura hídrica; o Programa de Desenvolvimento Sustentável de Recursos Hídricos para o Semiárido Brasileiro (PROÁGUA) que tem por finalidade o planejamento e a otimização da infraestrutura hídrica e o Programa Água Doce que busca levar água de qualidade a todos que sofrem com a escassez hídrica. Essas e outras ações elevam a qualidade de vida dos moradores da região Semiárida.

Os estudantes da dupla 4 concordam entre si que a história é comovente por poder acompanhar a luta de várias famílias contra a seca que assola a região. Os mesmos ainda destacam alguns pontos referentes ao clima, as formas de relevo, a vegetação e a hidrografia descritas na obra com o seu cotidiano. De acordo com Batista (2019) a execução de propostas de ensino que visem pelo entendimento profundo da região permitem desde cedo aos estudantes desenvolver a consciência em torno do seu lugar bem como as características da sua região, o que pode possibilitar a identificação de políticas para a região.

Desenvolvendo a criticidade dos estudantes, esses podem analisar ações antrópicas e suas consequências para o ambiente em que estão inseridos e, conseqüentemente, participar e alterar uma dada realidade de maneira consciente. “Portanto, é indispensável conhecer como a natureza do lugar funciona para que o estudante possa se inserir como membro social que tem papel importante nesse contexto” (Batista, 2019, p.41).

Já a dupla 5 relatou sobre o fato de o livro ter se inspirado na grande seca de 1915 enquanto a autora vivia no estado do Ceará e identificam algumas das características nordestinas presentes na escrita do livro. Conforme Cavalcante (2020), a Geografia literária pode expressar a vida dos autores e os lugares por onde passaram, logo, detalhes da sua vida são revelados em suas produções, contribuindo e enriquecendo o enredo das obras.

A geografia literária pode elaborar geografias da literatura. Análise histórica que envolve tanto o contexto em que é produzida a obra, como os espaços por ela representados. No primeiro caso, a obra literária é vista como uma elaboração de papel historiográfico preponderante, embora saibamos que esta não possui preocupação com a realidade socioespacial. No segundo, a obra coloca em relevo ou enriquece a nossa apropriação dos lugares a partir da trama que neles se desenrola. Nessa perspectiva é possível perceber o quanto a literatura acompanha o movimento da sociedade, sua dinâmica cultural, política, econômica e ambiental. (Cavalcante, 2020, p.199).

Como posto pelo autor em questão, “é certo que a obra não imita a vida, mas a vida inspira a obra”. As demais duplas também dialogaram com trechos e temas relevantes, dentre esses o fato do fenômeno da seca atingir os moradores com intensidades diferentes, conforme a condição financeira ou o grau de vulnerabilidade, visto que as pessoas que compõe famílias de baixa renda são geralmente as que sofrem as mais graves consequências como a fome e a miséria.

3ª etapa

Nessa etapa da SD, levamos os estudantes para o auditório da escola já equipado com uma tela de projeção e um datashow para a apresentação de slides e de um documentário. Para darmos início a aula, lançamos alguns questionamentos orais sobre as características do Semiárido brasileiro, onde os estudantes puderam mencionar como aspectos principais o clima quente, os baixos índices de chuva e a vegetação da caatinga. Posteriormente, com o auxílio de *slides*, discutimos em torno dos componentes ambientais e climáticas da região Semiárida e, que estão presentes em nosso município, para isso expomos uma imagem da Serra do Giz a qual é tida como

o Refúgio de Vida Silvestre (RVS) Serra do giz, localizado nos municípios Afogados da Ingazeira e Carnaíba, na região da Serra do Giz, possui uma área de 310,20 hectares e foi titulado em junho de 2019, através do decreto nº 47.557. O RVS está inserido na mesorregião do sertão pernambucano, microrregião do Sertão do Pajeú. A Unidade de Conservação visa proteger o bioma Caatinga, o qual apresenta grande riqueza de fauna e flora, e grande potencial para conservação, mantendo seus serviços ambientais e biodiversidade (Companhia Pernambucana de Controle da Poluição Ambiental e de Administração de Recursos Hídricos, s.d).

Alguns dos estudantes já tiveram a oportunidade de conhecer a Serra do Giz, enquanto os demais já haviam ouvido informações a respeito, em especial, a existência de pinturas rupestres nessa localidade, o que gerou um bom debate na turma.

Ao abordarmos sobre a localização e os índices pluviométricos do Semiárido, aproveitamos o momento para apresentar a localização de Afogados da Ingazeira no mapa de Pernambuco e o seu climograma, conforme Figura 12, onde constatamos que as chuvas estão distribuídas irregularmente sendo os meses de janeiro a maio os mais chuvosos.

Figura 12 - Apresentação do climograma de Afogados da Ingazeira



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Desde o começo da realização da pesquisa-ação, poucas chuvas haviam caído em nosso município, mas a partir do mês de março tivemos um período muito chuvoso. Relembramos então o trecho da obra *O Quinze* quando Dona Maroca manda soltar o gado caso não chovesse até o dia de São José. Como posto por Rui (2006, p.180), “a crença, de que a ausência de chuvas no dia de São José sinaliza um ano seco, possui algum fundamento pois é no dia 21 de março, quando o Sol cruza o paralelo do Equador em direção ao hemisfério norte, que a CIT chega a sua posição extrema mais ao sul”.

De acordo com Rui (2006), o clima predominante do Nordeste se caracteriza por uma pluviosidade com médias anuais inferiores a 500 mm gerando um déficit hídrico severo em algumas localidades, contudo, o problema não é o total pluviométrico, mas sim a sua má distribuição ao longo do ano visto que boa parte das chuvas são concentradas e em abundância em alguns poucos meses. Além disso, como apresentam médias térmicas anuais superiores a 26° C, isso gera altos níveis de evaporação.

Apresentamos uma imagem de satélite obtida através do aplicativo *GPS Live Satellite View Map*⁸ do município com foco na barragem de Brotas que abastece a cidade. Essa barragem faz parte da bacia hidrográfica do Rio Pajeú que é a maior do estado de Pernambuco, como

⁸ É um aplicativo de navegação que proporciona mapas de qualquer país e fotos atualizadas dos lugares desejados.

Semiárido da TV Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). A partir do documentário pudemos discutir os seguintes pontos: até 1980 falava-se no combate à seca enquanto hoje utilizamos o termo convívio com o Semiárido; as novas tecnologias sociais hídricas possibilitaram uma vida melhor no sertão e há um nível considerável de poluição das águas, sendo assim necessário desenvolver projetos voltados a consciência do uso racional desse recurso.

O vídeo também permitiu debatermos duas frases apresentadas em seu enredo que despertou o interesse da turma: “no semiárido não falta água, falta justiça” e “o problema não é a seca e sim a cerca”, de onde destacamos o sofrimento das famílias que não tiveram auxílio de ações governamentais como evidenciado no romance, pois a seca de 1915 gerou inúmeros danos, mas os impactos não foram sentidos da mesma forma por todos os seus personagens. Para Araújo e Lima (2019, p.57)

em alguns de seus trabalhos o geógrafo Manuel Correia de Andrade (2005) assinala que o problema do Semiárido não é a seca, fenômeno natural recorrente, e sim a cerca, ou a estrutura de divisão das terras baseado no latifúndio, que separa e que reduz a possibilidade de convivência e acesso aos recursos propícios à vida, como a água e o solo. Existe uma estreita relação entre o processo de degradação e o acesso à terra, uma vez que os melhores trechos para produção agropecuária estão nas mãos de poucos que têm muito das terras da região Semiárida.

Finalizada a discussão, solicitamos aos estudantes que registrassem uma fotografia ambientada no município de Afogados da Ingazeira, ou em um município próximo, que mantivesse algum tipo de relação com as características estudadas do Semiárido brasileiro, acrescida de um comentário elaborado pelo próprio estudante e nos encaminhassem para impressão.

Optamos pela atividade de fotografia devido essa possuir um grande potencial revelador e despertar o olhar geográfico dos estudantes a partir da observação da paisagem do seu cotidiano, “destacamos que sua importância para a compreensão dos lugares não se restringe apenas ao aspecto do visível, mas, sobretudo, dentro de uma perspectiva forma-conteúdo” (Lima Junior, 2021, p.21).

Corroborando com essa afirmação, Batista (2019) defende a importância das fotografias enquanto ferramentas que os educadores podem utilizar com a finalidade de proporcionar uma aprendizagem mais significativa, ao passo que facilita a compreensão de diferentes temáticas e produz novas percepções. Na Figura 13 destacamos algumas das fotografias e seus respectivos comentários.

Figura 13 - Registros fotográficos dos estudantes

 <p>Aqui vemos que esse riacho está bem raso devido ao clima escaldante, mas que em épocas de chuva seu volume é bem maior. Porém, a maior parte do ano ele permanece raso. E como podemos ver somente algumas plantas que estão próximas a ele estão verdes enquanto as outras mais distantes estão praticamente secas.</p>	 <p>O mandacaru é uma planta típica da caatinga, ele ajuda a restaurar o solo da região Nordeste muito degradado pela seca. Serve como alimento para os animais e tem grande capacidade de armazenar água.</p>
 <p>Essa foto mostra um pouco de como as plantas perdem as folhas na seca para economizar água nos tempos sem chuva.</p>	 <p>Foto tirada no sítio Carnaubinha. A palma é uma espécie de planta da Caatinga e é muito utilizada durante os períodos de estiagem no Sertão Pernambucano.</p>
 <p>Uma paisagem especificamente seca representando o sertão sofrido, com locais de relevo mais acentuado, apresenta um grande desgaste por conta da seca.</p>	 <p>Esta foto foi tirada no mesmo dia da atividade solicitada, lá as condições para criar animais é bem melhor por que quase nunca falta alimento e pelo ótimo clima (existem bastantes fruteiras um dos principais são coqueiros e cana-de-açúcar, fora as Palmas e o capim que são dados aos animais).</p>

Fonte: Fotografias do arquivo pessoal dos estudantes, elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Demos a liberdade para que os estudantes também pudessem encaminhar fotografias já salvas em seu celular, logo, tivemos registros de paisagens ambientadas em estações diferentes no Semiárido. Apesar da região Semiárida possuir aspectos variados, boa parte dos estudantes fizeram em seus comentários referência a vegetação da caatinga, nas suas justificativas por

escolher esse aspecto mencionaram que além de bela essa merece atenção já que é exclusivamente brasileira e está sofrendo com o processo de degradação. Três estudantes relataram sobre a hidrografia, sendo dois referentes aos açudes que secam em períodos de estiagem e um referente a Barragem de Brotas durante um ano de cheia. Somente uma das estudantes abordou sobre a criação de animais e as formas de cultivo, enquanto outra relatou sobre o relevo. Tivemos também estudantes que se centraram nas belezas naturais como, por exemplo, o pôr do sol. As fotografias juntamente com os seus comentários foram expostas em um varal na sala.

Avaliação

Nas duas primeiras aulas da SD, como se tratava da motivação e da introdução, buscamos despertar o interesse dos estudantes para a obra e o tema que seria trabalhado. Podemos então dizer que os estudantes receberam a obra *O Quinze* de maneira positiva, apesar que de acordo com as informações coletadas previamente no questionário imaginávamos que haveria certa dificuldade em levar alguns estudantes a lerem o livro devido à falta de hábito de leitura.

Os estudantes apresentaram uma boa interação durante a realização do nosso intervalo, principalmente aos momentos em que discutíamos em torno dos trechos do livro e das imagens apresentadas, o que mostra ser um tipo de atividade que pode expandir os seus horizontes para além da Língua Portuguesa ou do Ensino da Literatura. Nele pudemos relembrar alguns dos conceitos geográficos e identificar algumas das características da região Semiárida. O processo de assimilação do enredo com o cotidiano fez parte de todo o momento da realização da atividade. Além disso, os estudantes se mostraram muito atenciosos ao depoimento feito por Dona Elizabete, sobre as secas por essa vivenciadas, e lembraram de histórias contadas por familiares.

A atividade de ilustração da cena que mais havia despertado a atenção dos estudantes no romance mostrou ser muito atrativa e permitiu o compartilhamento do entendimento dos estudantes enquanto membros de uma coletividade, por esse motivo que Cosson (2021) sugere a utilização desse tipo de registro na fase de interpretação da obra. Percebemos, contudo, que os estudantes ainda apresentavam uma visão um pouco limitada em relação aos aspectos do Semiárido e ao fenômeno da seca, sendo, portanto, fundamental que nas próximas aulas pudéssemos aprofundar esses conhecimentos.

Durante a segunda etapa da sequência didática constatamos que os estudantes estavam atrasados na leitura, em um primeiro momento, buscamos conversar para entender o motivo do atraso, feito isso, passamos a encaminhar lembretes diariamente no grupo da turma reforçando a importância de dedicar um tempo para a realização da leitura literária. Apesar de simples, essa ação teve resultados positivos.

Na realização da entrevista informal, os estudantes apresentaram certa dificuldade na produção escrita, todavia, a discussão oral entre os estudantes foi muito proveitosa, além de que conseguiram identificar os aspectos do Semiárido brasileiro presente em seu espaço de vivência. Essa atividade também possibilitou que os estudantes fizessem uma análise entre o presente e o passado, o que mudou e quais outras ações ainda deveriam ser implementadas para reduzir os impactos do fenômeno da seca.

Para aprofundar os conhecimentos em torno da seca e do Semiárido, o uso de recursos como imagens, climograma, mapas e documentário se mostrou ser de grande utilidade na terceira etapa da SD ao possibilitar uma maior discussão sobre as temáticas apresentadas. Essa discussão foi favorecida pelos conhecimentos já existentes dos estudantes a partir do espaço em que estão inseridos.

Ao solicitarmos uma fotografia registrada na região com um comentário relacionado a algum aspecto do Semiárido brasileiro, os estudantes conseguiram identificar diferentes características, com destaque principal para a paisagem das caatingas e a hidrografia. Essa atividade foi além da descrição e proporcionou também debates.

No decorrer de toda a sequência didática, outros temas se fizeram presentes durante as discussões, como: as migrações internas pelo país, o papel da mulher, a participação da sociedade, as ações governamentais e os danos econômicos e sociais gerados por esse fenômeno.

Compreendemos que a sequência didática, fazendo uso da obra *O Quinze*, buscou explorar todas as potencialidades dessa obra literária enquanto um tipo de linguagem repleta de saberes sobre a sociedade e o mundo. A partir das atividades planejadas envolvendo leitura e escrita foi possível viver as experiências narradas, ao passo que os estudantes constantemente se colocavam no lugar dos personagens, rompendo assim com os marcos de tempo e do espaço, mas sem perder a sua identidade, contribuindo para a sua formação cultural, como objetiva o letramento literário.

4.2 Sequência 2 - *Círculo de leitura literária: a seca e os seus impactos*

Turma: 3º ano A

Período: 28 de março/2023 e 04 de abril/2023

Duração: 04 aulas (50 minutos cada)

Conteúdo(s):

- O fenômeno da seca e os seus impactos.

Objetivo geral:

- Compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida dos sertanejos/estudantes.

Objetivos específicos:

- Compartilhar e ampliar as experiências leitoras;

- Estabelecer relações entre diferentes textos literários;

- Confrontar interpretações e formular argumentos que sustentam seu ponto de vista;

- Conceituar o que é a seca e refletir sobre a mudança nos efeitos sentidos ao longo do tempo em decorrência da implementação de políticas públicas.

Desenvolvimento

1ª etapa

Para essa etapa da sequência didática, levamos os estudantes para a biblioteca da escola que estava organizada com mesas com cinco cadeiras cada e com o material que seria utilizado no decorrer da aula pelos estudantes. A turma foi convidada a se dirigir a biblioteca, logo após as boas-vindas, explicamos a dinâmica da aula que consistia na realização de um círculo de leitura literária, ou seja, uma prática de leitura colaborativa na qual os leitores discutem e produzem suas interpretações de trechos lidos anteriormente. É um tipo de atividade que exige dos alunos muita autonomia e liberdade, enquanto o professor deve estar atento ao funcionamento dos grupos para dirimir qualquer dúvida ou passar orientações. Visto que,

a condução de um círculo de leitura requer paciência e confiança do professor na capacidade de seus alunos para realizarem a discussão por eles mesmos, sem apressá-los e, ao mesmo tempo, dando suporte e monitorando constantemente aos grupos. O ideal é que o professor estimule a independência dos grupos e que os alunos procurem resolver por eles mesmos as questões que enfrentam, sejam elas relativas à compreensão e interpretação do texto ou à organização e desenvolvimento da discussão coletiva (Cosson, 2021, p.59-60).

Os estudantes receberam a dinâmica da aula com entusiasmo, pois, até o momento não haviam realizado trabalhos semelhantes a esse. Constatamos que logo ao entrarem nas salas os alunos já iam se direcionando ao grupo do qual gostariam de fazer parte. Cada grupo contava com um cordel intitulado *A seca do Ceará* do Paraibano Leandro Gomes de Barros, conforme Quadro 12, e cinco cartões de funções que os estudantes poderiam escolher livremente entre si a função que seria atribuída a cada um. “Os cartões de função são tarefas previamente determinadas que ajudam a explorar o texto. No círculo de leitura, esses cartões orientam a discussão, guiando os leitores menos experientes no manuseio da obra” (Cosson, 2021, p.83).

Quadro 12 - Texto utilizado no círculo de leitura

A seca do Ceará <i>Leandro Gomes de Barros</i>	O gado urra com fome, Berra o bezerro enjeitado Tomba o carneiro por terra
Seca as terras as folhas caem, Morre o gado sai o povo, O vento varre a campina, Rebenta a seca de novo; Cinco, seis mil emigrantes Flagelados retirantes Vagam mendigando o pão, Acabam-se os animais Ficando limpo os currais Onde houve a criação.	Pela fome fulminado, O bode procura em vão Só acha pedras no chão Põe-se depois a berrar, A cabra em lástima completa O cabrito inda penetra Procurando o que mamar.
Não se vê uma folha verde Em todo aquele sertão Não há um ente d'aqueles Que mostre satisfação Os touros que nas fazendas Entravam em lutas tremendas, Hoje nem vão mais o campo É um sítio de amarguras Nem mais nas noites escuras Lampeja um só pirilampo.	Grandes cavalos de selas De muito grande valor Quando passam na fazenda Provocam pena ao senhor Como é diferente agora Aquele animal de que outr'ora Causava admiração, Era russo hoje está preto Parecendo um esqueleto Carcomido pelo chão.
Aqueles bandos de rolas Que arrulavam saudosas Gemem hoje coitadinhas Mal satisfeitas, queixosas, Aqueles lindos tetéus Com penas da cor dos céus. Onde algum hoje estiver, Está triste mudo e sombrio Não passeia mais no rio, Não solta um canto sequer.	Hoje nem os pássaros cantam Nas horas do arrebol O juriti não suspira Depois que se põe o sol Tudo ali hoje é tristeza A própria cobra se pesa De tantos que ali padecem Os camaradas antigos Passaem pelos seus amigos Fingem que não os conhecem.
Tudo ali surdo aos gemidos Visa o aspecto da morte Como a nauta em mar estranho Sem direção e sem Norte Procura a vida e não vê, Apenas ouve gemer O filho ultimando a vida	Santo Deus! Quantas misérias Contaminam nossa terra! No Brasil ataca a seca Na Europa assola a guerra A Europa ainda diz O governo do país Trabalha para o nosso bem O nosso em vez de nos dar Manda logo nos tomar O pouco que ainda se tem.

Vai com seu pranto o banhar Vendo esposa soluçar Uma adeus por despedida.	Vê-se nove, dez, num grupo Fazendo súplicas ao Eterno Crianças pedindo a Deus Senhor! Mandai-nos inverno, Vem, oh! grande natureza Examinar a fraqueza Da frágil humanidade A natureza a sorrir Vê-la sem vida a cair Responde: o tempo é de balde.
Foi a fome negra e crua Nódoa preta da história Que trouxe-lhe o ultimatum De uma vida provisória Foi o decreto terrível Que a grande pena invisível Com energia e ciência Autorizou que a fome Mandasse riscar meu nome Do livro da existência.	Mas tudo ali é de balde O inverno é soberano O tempo passa sorrindo Por sobre o cadáver humano Nem uma nuvem aparece Alteia o dia o sol cresce Deixando a terra abrasada E tudo a fome morrendo Amargos prantos descendo Como uma grande enxurrada.
E a fome obedecendo A sentença foi cumprida Descarregando lhe o gládio Tirou-lhe de um golpe a vida Não olhou o seu estado Deixando desamparado Ao pé de si um filinho, Dizendo já existisses Porque da terra saíisses Volta ao mesmo caminho.	Os habitantes procuram O governo federal Implorando que os socorra Naquele terrível mal A criança estira a mão Diz senhor tem compaixão E ele nem dar-lhe ouvido É tanto a sua fraqueza Que morrendo de surpresa Não pode dar um gemido.
Vê-se uma mãe cadavérica Que já não pode falar, Estreitando o filho ao peito Sem o poder consolar Lança-lhe um olhar materno Soluça implora ao Eterno Invoca da Virgem o nome Ela débil triste e louca Apenas beija-lhe a boca E ambos morrem de fome.	Alguém no Rio de Janeiro Deu dinheiro e remeteu Porém não sei o que houve Que cá não apareceu O dinheiro é tão sabido Que quis ficar escondido Nos cofres dos potentados Ignora-se esse meio Eu penso que ele achou feio Os bolsos dos flagelados.
Vê-se moças elegantes Atravessarem as ruas Umhas com roupas em tira Outras até quase nuas, Passam tristes, envergonhadas Da cruel fome, obrigadas Em procura de socorros Nas portas dos potentados, Pedem chorando os criados O que sobrou dos cachorros.	O governo federal Querendo remia o Norte Porém cresceu o imposto Foi mesmo que dar-lhe a morte Um mete o facão e rola-o O Estado aqui esfola-o Vai tudo dessa maneira O município acha os troços Ajunta o resto dos ossos Manda vendê-los na feira.
Aqueles campos que eram Por flores alcatifados, Hoje parecem sepulcros Pelos dias de finados, Os vales daqueles rios Aqueles vastos sombrios De frondosas trepadeiras, Conserva a recordação Da cratera de um vulcão Ou onde havia fogueiras.	

Em suas obras, Cosson (2021) indica vários cartões de função dentre eles escolhemos cinco para se fazerem presentes para esse momento: a) questionador: faz perguntas sobre o texto aos colegas dando início a discussão; b) iluminador de passagem: seleciona uma ou duas passagens do texto que despertou a sua atenção e as compartilha com os colegas pedindo a sua opinião; c) conector: escolhe um trecho da obra e busca manter uma relação com outro texto ou acontecimento questionando se os colegas concordam ou não com o que foi destacado; d) sintetizador: faz uma síntese do que é abordado no texto analisando a opinião em comum do grupo e, por último, e) registrador: faz o registro da discussão do grupo sendo o mais fiel possível dos acontecimentos. Apesar de reconhecermos que poderia haver certos impasses nas distribuições das funções, percebemos que os estudantes foram maduros e conseguiram distribuir os cartões entre si consoante as características individuais e os objetivos do cartão de função.

Para conter possíveis barulhos no decorrer do círculo de leitura literária, adaptamos as orientações de Cosson (2021) quanto ao uso de sinalizadores. Assim, elaboramos cartões nas cores verde, amarelo e vermelho, onde cada grupo recebeu um cartão verde que deveria ser levantado quando precisassem tirar alguma dúvida ou receber alguma orientação. Nesse contexto, os grupos receberiam um cartão amarelo a cada vez que tirassem a atenção dos colegas com conversas fora do tema e três amarelos resultariam em um cartão vermelho que indicaria a necessidade de uma intervenção no grupo para um bom funcionamento da atividade na turma, entre as formas de intervenção estaria o auxílio constante do professor à equipe em questão.

A interação dos estudantes no desenvolvimento da atividade foi muito significativa e ao analisarmos as respostas dos cartões de função, pudemos constatar um número considerável de informações pertinentes em cada uma das funções escolhidas. Predominantemente as perguntas feitas pelos questionadores estavam voltadas as ações governamentais propostas para reduzir os impactos da seca, o papel que a sociedade exerce para contribuir para a redução dos danos desse fenômeno, o sofrimento dos migrantes que fogem em busca de sobrevivência e a relação entre o cordel trabalhado com *O Quinze*. Questionamentos que geraram bons debates nos grupos, conforme mostramos na Figura 14.

Figura 14 - Círculo de leitura literária



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Os conectores, no que lhe concerne, relacionaram o tema do cordel com obras e eventos variados. Um dos grupos ao destacar o trecho *Aqueles campos que eram/ Por flores alcatifados,/ Hoje parecem sepulcros/ Pelos dias de finados,/ Os vales daqueles rios/ Aqueles vastos sombrios/ De frondosas trepadeiras,/ Conserva a recordação/ Da cratera de um vulcão/ Ou onde havia fogueiras* manteve uma relação direta com a alteração da paisagem nordestina entre os períodos chuvosos e secos da região. Outro grupo destacou os primeiros versos do cordel *Seca as terras as folhas caem,/ Morre o gado sai o povo,/ O vento varre a campina,/ Rebenta a seca de novo;/ Cinco, seis mil emigrantes/ Flagelados retirantes/ Vagam mendigando o pão,/ Acabam-se os animais/ Ficando limpo os currais/ Onde houve a criação* onde puderam dialogar entre a relação desse trecho com a obra de Rachel de Queiroz, bem como a guerra de Canudos, destacando os fatores geográficos e sociais relacionados.

Com relação ao iluminador de passagem, nos chamou a atenção o fato dos grupos terem escolhidos trechos semelhantes, apesar de não terem mantido contato entre si. Três grupos escolherem o trecho *O gado urra com fome,/ Berra o bezerro enjeitado/ Tomba o carneiro por terra/ Pela fome fulminado* visando relatar sobre a perda do gado e das plantações assim como a fome que assola as populações causando inúmeras mortes. Outros dois grupos escolheram o trecho *O governo federal/ Querendo remia o Norte/ Porém cresceu o imposto/ Foi mesmo que dar-lhe a morte* buscando discutir que a falta de assistência governamental durante as secas passadas resultou em muito sofrimento, migrações forçadas, fome e mortes e que atualmente não nos deparamos com alguns desses acontecimentos devido à implementação de programas sociais que permitem uma melhor qualidade de vida no Semiárido.

Já sobre os sintetizadores enquanto responsáveis por fazerem uma síntese do conteúdo do texto, gostaríamos de destacar duas das produções dos grupos e que vão de encontro com a visão defendida pelos demais, conforme o Quadro 13.

Quadro 13 - Síntese do cordel

O texto retrata a seca da região Nordeste, a morte do gado e o sofrimento dos nordestinos. No decorrer do texto ele aborda as consequências da seca na parte das matas, todas as folhas secas e o chão cascudo sem água, a tristeza da mãe em perder seu filho por fome, as pessoas migrando do Nordeste comendo os restos de comida pelas estradas para não morrer.	O texto aborda a seca e as dificuldades do Nordeste, nesse caso principalmente a região do Ceará. Fala o que o povo enfrenta diariamente em momentos de seca: fome, miséria, gados e cavalos morrendo, plantações sendo destruídas e todo o sofrimento do povo.
--	---

Fonte: Produção textual dos estudantes do 3º ano A, 2023.

Os estudantes foram objetivos e conseguiram identificar as ideias centrais do cordel e, mais do que isso, dialogaram com os membros do grupo para apresentar uma visão comum do texto, esclarecendo quando necessário informações que um ou outro colega não estava conseguindo perceber de forma clara. Enquanto as discussões e debates aconteciam, cabiam aos registradores a função de anotar todos os acontecimentos existentes no grupo, no Quadro 14 a seguir estão dois dos registros feitos pelos estudantes.

Quadro 14 - Registros do círculo de leitura literária

Ao perguntar para os integrantes do grupo, foi relatado que nenhum de nós conhecíamos o cordel. Durante a discussão, uma das participantes perguntou a opinião de cada uma em relação ao trecho que ela destacou. Onde esse trecho falava sobre a fome que os gados passavam na seca. E ao perguntar a opinião das integrantes, conseguimos conectar algumas obras que tem semelhança com o cordel, por exemplo, <i>O Quinze</i> . Foi também comentado sobre o que a nossa cidade, Afogados da Ingazeira, passou durante um certo tempo, que no caso foi uma seca semelhante a que foi relatada no cordel, além disso, discutimos que a seca não é um fenômeno totalmente natural.	Cada aluno teve sua opinião própria sobre o texto que foi respeitada pelos demais colegas. Percebemos o quanto é triste a realidade de quem passou fome e sede num tempo difícil como o mencionado no cordel e também os integrantes do grupo ficaram revoltados com o governo que ao invés de oferecer ajuda, tira o pouco que se tem e ainda aumenta o valor dos impostos.
---	--

Fonte: Produção textual dos estudantes do 3º ano A, 2023.

Os registradores compartilharam com a turma as suas anotações, evidenciando as principais discussões realizadas pela sua equipe. Assim, acreditamos que o desenvolvimento da atividade tenha alcançado as expectativas, pois

na escola, um círculo de leitura é uma estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da

competência literária, possibilitando, no compartilhamento da obra lida por um grupo de alunos, a ampliação das interpretações individuais (Cosson, 2021, p.9).

Finalizada a etapa, questionamos a turma o que haviam achado do círculo de leitura literária, os quais classificaram como sendo um modelo de aula produtivo e inovador. O fato de nunca terem realizado uma atividade como essa despertou ainda mais a sua curiosidade, além de que a estratégia de cada estudante possuir uma função diferente permitiu uma maior discussão sobre o tema.

2ª etapa

Dando continuidade à SD, para o dia em questão planejamos desenvolver atividades voltadas as migrações internas e a urbanização do Brasil. A atividade escolhida para iniciar a aula foi a leitura protocolada onde é apresentado um texto literário e, ao passo que o professor realiza a leitura oral, pausas são feitas acompanhadas de questionamentos sobre o que irá acontecer na narrativa. Logo,

a ideia é que cada estudante construa inferências a respeito do texto a partir de suas experiências e conhecimento de mundo. Conforme a narrativa avança, mais informações devem ser levadas em consideração, o aluno deve, então, fazer previsões e checar a compatibilidade dessas previsões com o que já é sabido do texto (Pereira; Batista, 2022, p.137).

Conforme Pereira e Batista (2022) essa se caracteriza como um tipo de prática que pode auxiliar no ensino do texto literário quando feito a escolha de um texto de relevância social. Nesse sentido, o professor é um mediador do processo, pois o mais relevante para a aula é o compartilhamento das ideias dos estudantes envolvidos.

O texto literário que escolhemos para usar como exemplo da prática é intitulado *O homem da favela*, de Manuel Lobato. A narrativa se centra em temas como ocupação urbana, o processo de urbanização, a favelização, assim como violência e preconceito, temáticas que geram inúmeras reflexões por serem recorrentes e estarem presentes amplamente nas discussões da sociedade atual.

Para a leitura protocolada buscamos formular perguntas que gerassem debates significativos e despertassem a criticidade dos estudantes. Para a prática em questão, dividimos o conto, disposto em uma apresentação de slides, em cinco partes que seriam os momentos para a realização das pausas e o lançamento de perguntas. Após cada leitura, a turma tinha um tempo médio de 5 a 10 minutos para fazer oralmente as inferências sobre o trecho lido. No Quadro 15

a seguir, se encontra o texto literário utilizado e o local exato em que as perguntas previamente elaboradas para trabalhar com a turma foram postas.

Quadro 15 - Texto para leitura protocolada

O homem da favela - Manuel Lobato

Dr. Levi dá plantão no Hospital dos Operários que fica perto de uma favela. Ele é meio conhecido na favela porque sobe o morro de vez em quando, em visita médica à Associação dos Deficientes Visuais. Mesmo assim, já foi assaltado nove vezes, sempre de manhã, quando está saindo do pátio em seu carro. Por causa disso, Dr. Levi anda prevenido. Não compra revólver mas, ao deixar o plantão, já vem com a chave do automóvel na mão, passos rápidos, abre a porta, entra depressa, liga o motor, engrena a marcha, acelera e dispara. Não se preocupa com os malandros que tentam abordá-lo na estrada.

A neblina prejudica a visão do médico nessa manhã de inverno. Ele aperta o dispositivo de água, liga o limpador que faz o semicírculo com seu rastro no para-brisa. Vê no meio da estrada, ainda distante, um pedestre que finge embriaguez. O marginal está um tanto desnorteado, meio aéreo, andando sem rumo, em zigue-zague. Parece trazer um porrete na mão.

1. O que será que vai acontecer?

Dr. Levi será obrigado a diminuir a aceleração e a reduzir a marcha. Se o mau elemento continuar na pista, terá de frear. Se parar, poderá ser assaltado pela décima vez. O carro se aproxima do malandro. Ele usa boné com o bico puxado para frente, cobrindo-lhe a testa. Óculos escuros para disfarce, ensaia os cambaleios, tomba um pouco a cabeça, olha para cima, procura o sol que está aparecendo, sem pressa, com má vontade.

O médico, habituado a salvar vidas, tem ímpeto de matar. Acelera mais, joga o farol alto na cara do pilantra, buzina repetidas vezes. O mau-caráter faz que procura o acostamento, mas permanece na pista.

2. Será mesmo que o médico o irá atropelar?

O carro vai atropelar o velhaco. Talvez até passe por cima dele, se continuar fingindo que está bêbado. Menos um para atropelar a vida de gente séria.

O esperto pressente o perigo, deve ter adivinhado que o automóvel não vai desviar-se dele, ouve de novo a buzina, o barulho do motor cada vez mais acelerado. De fato, o carro não desvia de seu intento. Obstinado, segue seu rumo. Vai tirar um fino.

O vivaldino é atingido de raspão, cambaleia agora de verdade, cai de lado. O cirurgião ouve o baque, sente o impacto do esbarro.

3. O que você faria nessa situação?

Vê pelo retrovisor interno a vítima caída à beira da estrada. O vidro de trás está embaçado, mas permite distinguir o vulto, imagem refratada. Gotas de água escorrem pelo vidro não como lágrimas, e, sim, como bagas de suor pelo esforço da corrida. Não há piedade, há cansaço.

Dr. Levi nota que o retrovisor externo está torto, danificado. Diminui a marcha, abaixa o vidro lateral, tateia o retrovisor do lado de fora. O espelho está partido, sujo de sangue. O profissional se sente vingado, satisfeito, vitorioso, como se estivesse saindo do bloco cirúrgico, após delicada operação, na qual fica provada a sua frieza, competência, habilidade. O dom de salvar o semelhante e de também salvar-se.

4. Você classifica como justa a ação do médico?

No dia seguinte, ao cair da tarde, chega o plantonista ao Hospital dos Operários. Toma conhecimento do acidente. O paciente – algumas fraturas, escoriações – está fora de perigo. Deu entrada ontem de manhã, mal havia chegado o substituto do Dr. Levi.

Na ficha, anotações sobre a vítima: funcionário da Associação. Seus pertences: recibo das mensalidades, uns trocados, óculos e bengala. Cego.

Fonte: Disponível em: <https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/arquivos/1614685269-hgtp-et-e-er-atividade-01-semana-25-02-21-leandro-santana-pdf.pdf>. Acesso em: 04 de abri. 2023.

Logo de início, após apresentar o título do conto e o autor, questionamos se os estudantes já conheciam a história, os quais alegaram estarem tendo contato com esse texto literário pela primeira vez.

Feito a leitura do primeiro trecho referente a Dr. Levi, que é muito conhecido pelo seu trabalho na Associação dos Deficientes Visuais e que já foi vítima de muitos assaltos na saída

do seu plantão, se depara com um pedestre desnordeado, ao questionar aos estudantes *O que será que vai acontecer?* Os estudantes unanimemente afirmaram que o médico iria atropelar o pedestre, dado que por ter sido assaltado nove vezes certamente o teria gerado um certo trauma. Deixamos o espaço aberto para a discussão sobre o que cada um teria a dizer em torno do enredo, pois “isso faz com que, inconscientemente, os estudantes se sintam acolhidos e entendam que suas visões sobre o texto são relevantes e importantes para o professor” (Pereira; Batista, 2022, p.141).

Estando o pedestre na pista, o Dr. Levi terá que frear, aumentando assim o risco de ser assaltado mais uma vez. O médico tem o ímpeto de matar. Ao realizar a segunda pausa e fazer o questionamento *Será mesmo que o médico o irá atropelar?* Os estudantes inferiram o atropelamento já como algo concreto, em suas justificativas essa seria a única forma de evitar ser roubado novamente. Cabe destacar, que nesse momento os estudantes não deduziam o assalto como uma possibilidade, mas sim como uma certeza.

O pedestre ouve o som alarmante da buzina e o barulho do motor mais acelerado, sendo logo atingido de raspão. Dando continuidade à leitura e buscando ampliar o debate, questionamos aos estudantes na terceira pausa *O que você faria nessa situação?* Onde a maioria afirmou que agiria semelhantemente ao médico. Percebemos que ao longo dos questionamentos alguns estudantes mudavam de opinião e reformulavam a sua interpretação, além de que iam aumentando a sua interação no decorrer da atividade e ficando ansiosos pelo final da narrativa. Até mesmo os estudantes mais reservados da turma participaram com maior liberdade, despertando assim o sentimento de pertencimento do grupo.

Apesar de ter atingido o pedestre, o cirurgião continua a sua viagem, dessa vez com um sentimento de vitória. Feita a leitura do quarto trecho, o questionamento realizado *Você classifica como justa a ação do médico?* Dividiu opiniões, alguns julgando como justa a ação do médico, outros discordando da atitude por ser contrária aquilo que sua função social exerce, pois, esses esperavam que o doutor tivesse parado o carro e prestado socorro ao homem que teria sido sua própria vítima.

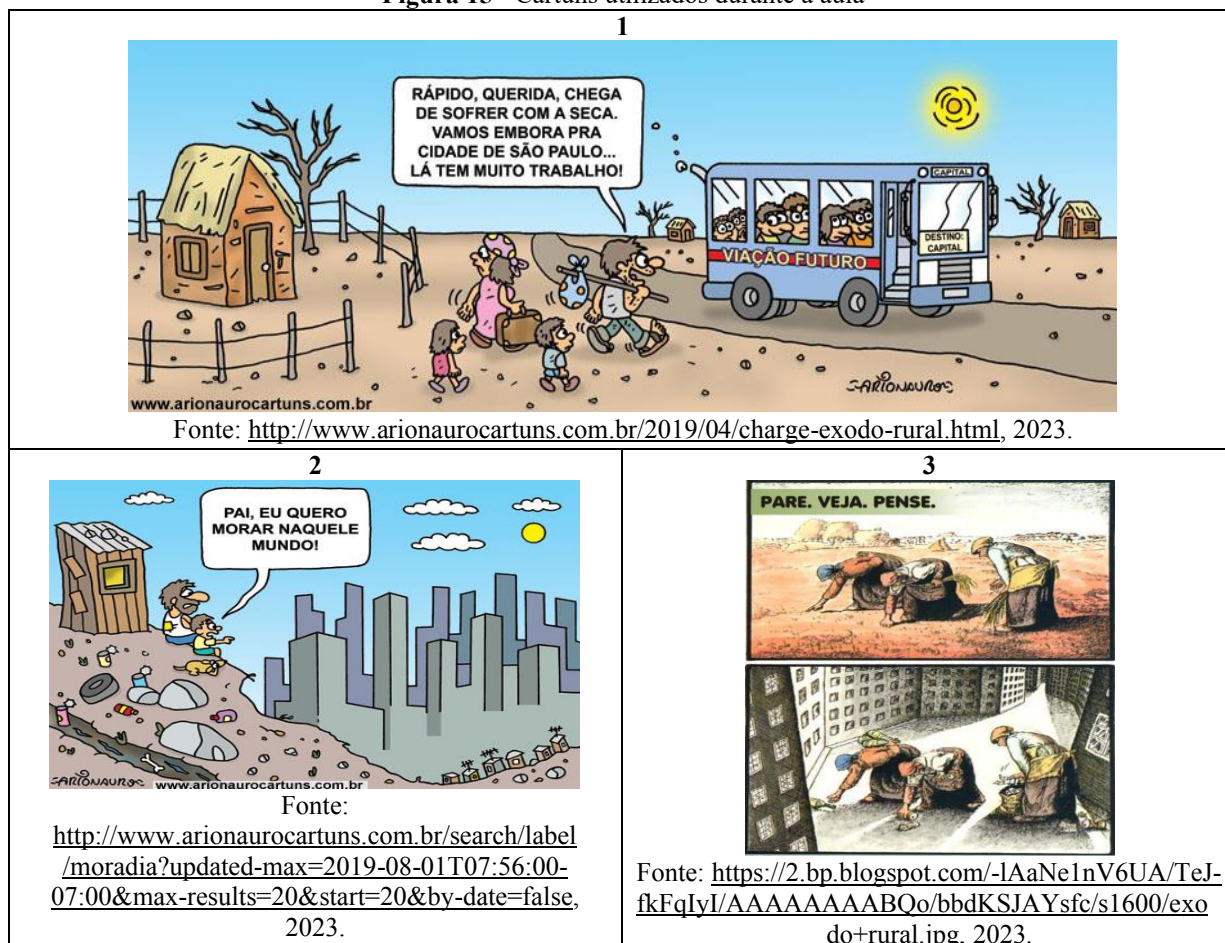
Ao dar continuidade ao texto onde foi apresentado no quinto trecho que se tratava de um pedestre com deficiência visual os estudantes ficaram em choque, por certo tempo em silêncio, sensibilizados pelo desfecho da história. Ao conversamos sobre o motivo pelo qual eles foram induzidos a acreditar que o pedestre seria um criminoso, relataram que a história se passa em uma favela e muitas das vezes esse espaço é associado as questões de criminalidade, além de que certas partes do conto são narradas do ponto de vista do médico inconformado por

ter sido vítima de assaltos constantes. Com relação à atitude do doutor, puderam perceber como muitas das vezes o medo da violência e da criminalidade presentes na cidade influencia as ações da população que resultam em condutas perigosas ou desesperadas.

Diante disso, é fundamental observar como a falta de debates em torno de temas voltados a ocupação urbana influencia o pensamento da sociedade e é necessário considerar que os estudantes que compõe a turma são predominantemente da área urbana do município, em especial, áreas periféricas. Certamente, o espaço de vivência e os elementos socioculturais dos estudantes foram determinantes para a compreensão do texto, visto que após a leitura completa uma aluna inferiu que o texto fazia referência a falta de acessibilidade do espaço urbano, justamente uma estudante com deficiência física.

As provocações realizadas em torno do conto guiaram o debate para discussões muito proveitosas. Posteriormente, questionamos aos estudantes se poderíamos estabelecer alguma relação entre o conto *O homem da favela* e o romance *O Quinze*. Apesar de refletirem por certo tempo, os estudantes apresentaram dificuldade em identificar qualquer ligação entre as duas histórias. Diante disso, buscamos os instigar por meio da exibição dos cartuns da Figura 15.

Figura 15 - Cartuns utilizados durante a aula



Logo após exibir o primeiro cartum os estudantes começaram a mencionar a inúmera quantidade de nordestinos que deixaram a sua terra natal devido à seca e foram em direção a São Paulo ou outras partes do Brasil em busca de trabalho, ou apenas de meios que garantissem a sua sobrevivência. O fluxo migratório viria a contribuir para um processo de urbanização acelerado, resultando na falta de planejamento da infraestrutura urbana e na instalação das famílias de baixa renda em áreas de periferia que muitas das vezes não contam sequer com os serviços fundamentais de saneamento básico. Além disso, desde a promulgação da lei de terras em 1850, onde as terras deixaram de ser doadas e passaram a compor um sistema de venda e compra, a terra é compreendida como um negócio rentável tanto na área rural quanto na área urbana. No que se refere ao espaço urbano, as áreas centrais exigem um custo de vida maior, o que impossibilita o acesso de parte da população. Sendo assim, o uso e a apropriação do espaço urbano estariam muito voltados aos fatores socioeconômicos, gerando uma segregação socioespacial nas cidades brasileiras intensificada pelo processo de industrialização e o êxodo rural.

Fujimoto (2000) expõe que a intensificação da urbanização brasileira fez com que as cidades se sobrecarregassem de indivíduos oriundos do campo e conseqüentemente despreparados para funções urbanas. Assim, surgiram bairros e favelas marginalizados da vida cidadina. Posteriormente à década de 1970, as áreas urbanas passaram a exercer uma carga sobre o meio ambiente, com destaque para as regiões metropolitanas onde as pressões da população sobre os recursos naturais foram levadas a condições extremas (Lima Junior, 2021, p.53).

Por esse motivo, o segundo cartum despertou um teor mais crítico dos estudantes que comentaram sobre a segregação socioespacial nas cidades e o preconceito vivido pelos moradores das áreas periféricas. Para esse momento, um dos estudantes falou sobre o homem cego do conto que foi confundido com um marginal certamente por viver em uma área marginalizada, o que seria pouco provável se o médico estivesse transitando em uma das ruas do centro.

O terceiro cartum também gerou várias reflexões onde uma das estudantes achou a imagem interessante e disse que seria um retrato das populações de famílias carentes que passam dificuldades na área rural e veem a cidade como melhor saída, todavia, ao se mudarem para o espaço urbano continuam enfrentando obstáculos chegando até mesmo a morar nas ruas. Mostrando assim ter conhecimento de que o espaço urbano compõe uma paisagem que reflete as divisões de classes sociais.

Voltando ao questionamento anterior se os estudantes conseguiam estabelecer alguma relação entre o conto *O homem da favela* e o romance *O Quinze*, dessa vez os estudantes conseguiram elaborar várias ligações dos quais aproveitamos para ler dois trechos da obra de Rachel de Queiroz, conforme o Quadro 16.

Quadro 16 - Trechos do Romance para debate

<p>AGORA, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.</p> <p>Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...</p> <p>Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumiaava mal, combinou com a mulher o plano de partida.</p> <p>Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.</p> <p>Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte (Queiroz, 2012, p.26)</p>	<p>Subitamente, Conceição teve uma ideia:</p> <p>— Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...</p> <p>O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:</p> <p>— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul... Timidamente, Cordulina perguntou:</p> <p>— E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?</p> <p>— Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré... É uma terra rica, sadia...</p> <p>Chico Bento ajuntou:</p> <p>— Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro... (Queiroz, 2012, p.83).</p>
--	---

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

A aula ganhou uma dinâmica bastante produtiva e, terminada as discussões, indagamos aos estudantes se a atividade para representar a cena do livro que mais despertou sua atenção, realizada em aulas passadas, fosse a ser feita no dia em questão se esses permaneceriam ou alterariam a cena escolhida. A indagação dividiu opiniões, enquanto uma parte permaneceria com a mesma cena, a outra representaria cenas que conheceriam posteriormente na história como, por exemplo, o momento em que Chico Bento recebe apenas as vísceras do animal morto para alimentar a sua família e o trecho referente a população nos campos de concentração, por serem imagens que tratam de um dos principais problemas oriundos do fenômeno da seca: a fome.

Avaliação

Conforme o desenvolvimento das atividades planejadas, concluímos que os objetivos da sequência didática foram alcançados. Trabalhamos com dois textos literários alinhados ao livro *O Quinze* que possibilitaram a ampliação dos conhecimentos dos estudantes em torno da temática proposta.

O círculo de leitura literária, sendo uma prática de leitura colaborativa com a qual os estudantes ainda não haviam tido contato, despertou o interesse dos estudantes que apresentaram autonomia no desenvolvimento do mesmo e o classificaram como um modelo de aula produtivo e inovador. Os cartões de função exerceram papel fundamental na prática do círculo de leitura, pois, a partir deles as pessoas envolvidas eram orientadas e instigadas a discussão em torno do texto trabalhado pelo grupo. A escolha dos cartões de função a serem utilizados durante a aula levou em consideração as características do texto escolhido os quais após serem entregues aos grupos distribuíram entre si mediante as características individuais dos colegas e a finalidade dos cartões.

Os sinalizadores também tiveram um papel importante dado que logo após um grupo receber um cartão amarelo esses se voltavam para atividade com maior concentração, além de ser perceptível que alguns dos estudantes sempre chamava a atenção de um ou outro colega para que o grupo em si não recebesse cartões. Outro ponto de destaque, e que certamente ajudou no desenvolvimento da atividade, foi a solicitação para que os estudantes evitassem o uso de celulares no decorrer da aula, o que poderia resultar em distrações, com exceções caso houvesse a necessidade de pesquisarem o significado de algum termo ou rever o nome de alguma obra.

Já com relação à experiência vivenciada sobre a leitura protocolada, percebemos que essa possibilitou uma maior aproximação dos estudantes com o texto literário, bem como estimulou a curiosidade de todos que desfrutavam do momento, os quais eram levados a fazer inferências do texto conforme os seus conhecimentos de mundo. Os estudantes ficaram tocados pelo conteúdo do texto que apresentava questões de relevância social tão necessárias para a construção de cidadãos capazes de respeitar as diferenças e que as vejam como elemento importante na constituição da sociedade.

No desenvolvimento dessa prática os estudantes foram os protagonistas da aprendizagem e o professor o mediador do conhecimento que abria o espaço para o compartilhamento das ideias dos estudantes, fazendo com que esses se sentissem acolhidos ao passo que suas opiniões sobre o texto seriam relevantes para o desenvolvimento da aula, construindo assim um sentimento de pertencimento do grupo.

A dinâmica da leitura protocolada levou os alunos a mudarem suas opiniões, reformular interpretações e confrontar ideais contrárias à sua, onde o espaço de vivência e os elementos socioculturais dos estudantes foram determinantes para a compreensão da literatura literária. Já o uso de cartuns guiou o debate para discussões significativas e reflexões com um maior teor crítico em torno da segregação socioespacial e a divisão de classes, assim, a utilização de

imagens tornaram a aula ainda mais atrativa, algo que já esperávamos visto que o uso dos recursos visuais sempre detém grande relevância no processo de comunicação e construção dos conhecimentos da Geografia.

Vemos como essencial que os conhecimentos produzidos no âmbito escolar proporcionem aos estudantes uma atitude crítica perante a sua realidade, o que pode ser facilitado quando os conteúdos são trabalhados em conexão com o seu cotidiano. Pois, vivemos em um país cuja grande parte dos estudantes vivem nas áreas urbanas, logo, é fundamental levá-los a compreenderem e refletiram geograficamente o espaço em que estão inseridos, ou seja, os elementos constituintes da cidade, as suas relações de interdependência, a apropriação do espaço urbano, as desigualdades sociais e a dinâmica influenciada pelo mundo globalizado. Assim, as atividades produzidas por meio do letramento literário favoreceram a construção desse saber, ao passo que foram além da simples prática de leitura de textos literários e possibilitaram a construção de sentidos a partir dos saberes do percurso de vida dos alunos.

4.3 Sequência 3 - *O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE*

Turma: 3º ano A

Período: 18 e 25 de abril/2023.

Duração: 04 aulas (50 minutos cada)

Conteúdo(s): Recursos hídricos

Objetivo geral:

Compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida da população afogadense.

Objetivos específicos:

- Pesquisar o que são Tecnologias Sociais Hídricas (TSH) e aquelas presentes no município;
- Entrevistar pessoas que vivenciaram secas anteriores para a obtenção de relatos concretos sobre o fenômeno da seca.

Desenvolvimento

1ª etapa

De acordo com Campos (2006), por ser o Sertão Nordeste um dos locais que apresenta dificuldades devido ao fenômeno da seca, inúmeras músicas relatam essa temática em suas

letras. O Nordeste é detentor de uma cultura riquíssima muito expressa nas manifestações musicais, entre os compositores ganha destaque Luiz Gonzaga consagrado como o rei do baião, o qual propagou em suas letras a visão da semiaridez e a vida sertaneja, músicas essas que se espalharam por todo o país. Ainda conforme o autor,

a música pode ser um auxílio para o desenvolvimento da compreensão de determinado assunto e um importante recurso de análise crítica. Não substitui o conteúdo, mas pode ser um instrumento para o estudo de determinadas afirmações e para discutir as visões de mundo existentes. Permite, ainda, sensibilizar os alunos para o problema, possibilitar a audição de músicas diferentes das impostas atualmente aos ouvidos e demonstrar uma riqueza cultural brasileira (Campos, 2006, p.160).

É pensando nisso, que buscamos para essa sequência trabalharmos com algumas letras musicais. Iniciamos distribuindo para a turma as letras das músicas *Asa Branca* de Luiz Gonzaga e *Chuva de Honestidade* de Flávio Leandro, conforme Quadro 17.

Quadro 17 - Músicas trabalhadas em sala

Asa Branca <i>Luiz Gonzaga</i>	Chuva de Honestidade <i>Flávio Leandro</i>
Quando "oiei" a terra ardendo Qual a fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação	Quando o ronco feroz do carro pipa Cobre a força do aboio do vaqueiro Quando o gado berrando no terreiro Se despede da vida do peão Quando verde eu procuro pelo chão Não encontro mais nem mandacaru Dá tristeza ter que viver no Sul Pra morrer de saudades do sertão
Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação	Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente Mas tem mão boba enganando a gente Secando o verde da irrigação Não, eu não quero enchentes de caridade
Que braseiro, que fornaia Nem um pé de "prantação" Por farta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão	Só quero chuva de honestidade Molhando as terras do meu sertão
Por farta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão	
Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão "Intonce" eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração	Eu pensei que tivesse resolvida Essa forma de vida tão medonha Mas ainda me matam de vergonha Os currais, coronéis e suas cercas Eu pensei nunca mais sofrer da seca
"Intonce" eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração	No Nordeste do século vinte e um Onde até o voo troncho de um anum Fez progressos e teve evolução
Hoje longe, muitas légua Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim vortar pro meu sertão	Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente Mas tem mão boba enganando a gente Secando o verde da irrigação Não, eu não quero enchentes de caridade
Espero a chuva cair de novo Pra mim vortar pro meu sertão	Só quero chuva de honestidade Molhando as terras do meu sertão

Quando o verde dos teus "óio" Se "espaçar" na prantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu vortarei, viu Meu coração	Israel é mais seco que o Nordeste No entanto se investe de fartura Dando força total à agricultura Faz brotar folha verde no deserto
Eu te asseguro não chore não, viu Que eu vortarei, viu Meu coração	Dá pra ver que o desmando aqui é certo Sobra voto, mas, falta competência Pra tirar das cacimbas da ciência Água doce que regue a plantação
Fonte: https://www.lettras.mus.br/daniel-gonzaga/1976704/ , 2023.	Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente Mas tem mão boba enganando a gente Secando o verde da irrigação Não, eu não quero enchentes de caridade Só quero chuva de honestidade Molhando as terras do meu sertão
	Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente Mas tem mão boba enganando a gente Secando o verde da irrigação Não, eu não quero enchentes de caridade Só quero chuva de honestidade Molhando as terras do meu sertão
	Fonte: https://blogacritica.blogspot.com/2020/12/da-asa-branca-chuva-de-honestidade.html , 2023.

Fonte: Elaborado por Maria Camila Siqueira Santos Silva, 2023.

Um ponto importante é que, intencionalmente, as músicas em questão possuem uma ordem cronológica, tendo a primeira sido escrita em 1947 e a segunda em 2013. Nossa intenção foi mostrar aos estudantes que o fenômeno da seca retratado na música do século passado continua gerando preocupações no contexto atual para a população Semiárida.

Para isso, com o auxílio de uma caixa de som, ouvimos às duas músicas e lançamos alguns questionamentos para interpretação, a saber:

- O que há em comum nas letras das músicas?
- Na sua visão, qual das músicas retrata mais os danos sociais oriundos do fenômeno da seca?
- Qual dos trechos das músicas mais lhe chama a atenção e por quê?
- A música *Asa Branca* foi escrita em 1947 e a música *Chuva de Honestidade* em 2013. Quais aspectos do fenômeno da seca se mantiveram presentes e o que mudou?

Os questionamentos tiveram por finalidade fazer com que os estudantes realizassem uma leitura crítica em torno das duas músicas ouvidas, ao passo que esses se sentissem à vontade para falarem o seu ponto de vista. Para esse momento, contamos com a participação de 27 estudantes que ouviram ambas as músicas muito atentamente, inclusive parte desses interagiram cantando as letras, principalmente a primeira por ser amplamente conhecida pelos mesmos. Os alunos, no primeiro item, conseguiram identificar que as letras apresentavam em

comum a temática da seca e relataram que achavam interessante como o tema foi apresentado nas duas produções, pois, enquanto a primeira aborda sobre a seca com uma linguagem simples semelhante à utilizada pelos sertanejos, a segunda usa de toda uma formalidade para apresentar os problemas existentes no Semiárido.

A partir do segundo item, os estudantes mencionaram que a primeira música é a que está mais centrada nos danos sociais oriundos do fenômeno da seca, visto que essa aborda sobre a morte do gado, a perda da plantação e a questão da migração, problemas que sofreram uma redução na atualidade devido o emprego de estratégias criadas para a redução dos impactos desse desastre ambiental.

Para o terceiro questionamento, deixamos os alunos a vontade para destacarem nas letras das músicas entregues o trecho que mais lhe chamava a atenção, disponibilizamos em torno de cinco minutos para que os alunos grifassem. Alguns alunos optaram em grifar trechos da primeira música, outros grifaram trechos da segunda e a maioria optou por trechos de ambas. Feito isso, conversamos em torno dos trechos escolhidos e o motivo de terem despertado a sua atenção, percebemos que os alunos optaram por trechos variados, sendo o mais escolhido da primeira música *Espero a chuva cair de novo / Pra mim voltar pro meu sertão*. O motivo da escolha desse trecho, conforme os estudantes, se deu pelo fato de inúmeros nordestinos terem migrado para outras áreas do país devido as fortes secas, ou seja, por uma necessidade, os quais cultivavam a esperança em voltar para a sua terra natal e reencontrar a sua família, semelhante ao que acontece com a família de Chico Bento no romance de Rachel de Queiroz.

Já com relação à *Chuva de Honestidade*, o trecho mais grifado foi *Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente / Mas tem mão boba enganando a gente / Secando o verde da irrigação / Não, eu não quero enchentes de caridade / Só quero chuva de honestidade / Molhando as terras do meu sertão*. Para esse trecho, os alunos fizeram vários comentários que evidenciavam a indignação pelo fato de existirem estereótipos com relação ao Nordeste e haver em nosso país índices altos de corrupção. Além disso, destacaram que o nosso clima semiárido não deve ser compreendido como uma limitação para o desenvolvimento das atividades da agricultura, tendo em vista que o país de Israel apesar de possuir o clima desértico é referência mundial no setor agrícola.

No último item, discutimos que não há como acabar com o fenômeno da seca, todavia, como é perceptível nas letras, principalmente em *Chuva de Honestidade*, existem estratégias que podem proporcionar melhores qualidades de vida da população da região Semiárida, cabendo a sociedade fazer o seu papel e cobrar medidas aos nossos governantes. É por esse

motivo que a última seca vivenciada (entre 2012 a 2017), não foi tão danosa quanto as secas passadas, levando em conta que dessa vez não foi registrado nenhuma morte humana.

Concluída as discussões em torno das músicas que denunciam os problemas da seca na nossa região, demos início a próxima atividade que consistia na realização de uma pesquisa na internet sobre o que são as tecnologias sociais hídricas. Nisso, considerando a importância do diálogo e as dificuldades no acesso à internet por parte de alguns estudantes, a atividade em questão foi realizada em dupla e seria acompanhada de anotação identificando quais tecnologias sociais hídricas estão presentes no município de Afogados da Ingazeira e quais outras medidas poderiam ser implementadas.

Optamos pela atividade de pesquisa por acreditarmos que essa tenha um grande potencial ao poder favorecer a ampliação do entendimento dos estudantes sobre o tema proposto, visto que ao realizarem a pesquisa necessitam selecionar, organizar e interpretar as informações e os dados acessados.

Os estudantes conseguiram compreender que as *tecnologias sociais hídricas*¹⁰ desempenham um papel muito importante para a sociedade ao promover um conjunto de métodos e técnicas capazes de solucionar problemas voltados a escassez, a captação, ao armazenamento e ao uso da água. Essas geram melhorias na vida das famílias, além de permitir a democratização do acesso à água, o que já vem sendo aplicado por organizações como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA).

Entre as tecnologias sociais hídricas mencionadas pelos estudantes estão a construção da barragem de trincheiras, cisternas calçadão, barragens subterrâneas e plantação com gotejamento, além de outras medidas que visam o uso adequado dos recursos hídricos. Vale destacar que duas alunas trouxeram informações importantes sobre o projeto *mulheres construindo tecnologias sociais e gerando renda no Sertão do Pajeú*, trazendo para o tema em questão a importância do papel da mulher para a promoção de mudanças sociais.

Com base na página da Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), alguns alunos destacaram que as chuvas nos últimos anos têm proporcionado um melhor abastecimento no município de Afogados da Ingazeira devido à abundância de água presente na Barragem de Brotas, a qual, conforme os dados apresentados, é capaz de atender em torno de 83 mil pessoas. Muitos estudantes mencionaram a alegria sentida pela população durante o período em que a barragem sangrou, passando a ser uma atração turística. Os mesmos observaram que o

¹⁰ Cabe destacar que durante a descrição dessa atividade algumas informações postas podem não serem mencionadas nas referências devido ser uma descrição das informações coletadas durante as pesquisas realizadas na internet pelos estudantes.

município possui muitas das TSH mencionadas, como, por exemplo, as cisternas de placa, e abordaram sobre o sistema de reuso de água que transforma esgoto em água rica em nutrientes para a irrigação, prática essa que resultou em premiação concedida pela Companhia Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH).

No decorrer da atividade os alunos acessaram várias páginas na internet e tiveram acesso a inúmeras informações que permitiram a ampliação do conhecimento. Os mesmos quando possuíam alguma dúvida em torno da informação apresentada, nos faziam questionamentos e solicitavam orientações, uma das mais recorrentes foi a sugestão de páginas confiáveis que pudessem oferecer o conteúdo da pesquisa.

2ª etapa

Nessa etapa da sequência pedimos para que os alunos realizassem entrevistas com pessoas que vivenciaram secas anteriores para a obtenção de relatos concretos sobre o fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira. A escolha pela atividade de entrevista se deu pelo fato dessa constituir enquanto um tipo de atividade relevante ao promover o diálogo entre o entrevistador e a pessoa entrevistada, podendo assim obter depoimentos e informações sobre assuntos específicos.

Todavia, tendo conhecimento de que alguns alunos na turma se destacavam na realização de *podcast* e produção de *tiktok*, permitimos que alguns estudantes fizessem suas produções considerando aquilo em que se destacam. Deixamos os alunos a vontade para se dividirem em grupos de dois a quatro membros de modo que o diálogo entre eles pudesse favorecer ao processo de aprendizagem. Com base nisso, tivemos três duplas e três quartetos que realizaram a entrevista; uma dupla e um trio que optaram pelo *podcast* e, por último, uma dupla que optou pelo *tiktok*.

Para a dupla que optou pelo *tiktok*, solicitamos que destacassem os cuidados necessários com o armazenamento e cuidados com a água, a qual fez um breve resumo da história retratada no livro *O Quinze* para salientar os cuidados necessários para evitarmos situações como a contada no romance. Semelhantemente, os estudantes que optaram pelo *podcast* também partiram da obra de Rachel de Queiroz para poderem entrar nas estratégias que possam mitigar os efeitos do fenômeno da seca.

As seis equipes que realizaram a entrevista escolheram mulheres agricultoras, mulheres essas que relataram as dificuldades enfrentadas por elas e suas famílias durante os períodos de

seca. Entre os desafios mencionados estava a perda do gado e da plantação, o transporte de água por longas distâncias, a ingestão de água imprópria para o consumo, o distanciamento da família devido o processo de migração e a falta de oportunidade em estudar por terem que ajudar a família.

Nos relatos, evidenciam que no passado as secas foram muito mais danosas, pois a dificuldade de acesso à água levava algumas famílias a optarem a finalidade do uso da água, se a utilizariam para beber ou para cozinhar, por exemplo. Hoje essa situação foi revertida, devido boa parte das famílias contarem com água encanada.

Uma entrevistada destacou que no passado houve roubo de alimentos, contudo, algumas ações foram aplicadas como forma de conter a fome existente, em especial, o recebimento de alimentos concedidos pelo Governo Federal. Outros pontos que ela destaca, é o quanto o benefício da aposentaria melhorou a sua qualidade de vida e a dos demais sertanejos, além da relevância do programa de criação de cisternas que proporcionou a redução da sede das famílias por armazenar água de períodos chuvosos para os momentos de estiagem.

Outra participante, relatou os avanços das técnicas aplicadas hoje que fizeram com que muitos dos impactos gerados no passado fossem reduzidos, permitindo assim conviver melhor com o fenômeno da seca. Todavia, essa e outra entrevistada ressalta a importância de evitar o desperdício da água e o desgaste das terras resultante da falta de informação por parte de alguns agricultores e da exploração excessiva dos recursos naturais pelos grandes proprietários. Logo, apesar de melhoras já terem sido alcançadas, ainda é preciso criar estratégias que garantam uma boa convivência no Semiárido, visto que o fenômeno da seca sempre irá existir na nossa região, o que deve mudar é a visão que parte dos moradores ainda possuem sobre ela, pois a seca não é um fenômeno exclusivamente natural.

Após a realização da atividade proposta, questionamos aos estudantes sua opinião em torno do desenvolvimento da mesma, os alunos mencionaram haver gostado e acreditam terem conseguido compreender muitos aspectos voltados ao fenômeno da seca devido partir das vivências reais de pessoas próximas mais experientes. Além disso, destacaram que a todo instante em que a atividade era realizada recordavam de trechos do livro *O Quinze*, como se essa atividade tivesse reafirmado o que havia sido lido anteriormente, aumentando ainda mais a credibilidade em torno do tema.

Avaliação

Em um primeiro momento gostaríamos de ressaltar a relevância do trabalho com as letras de músicas, pois as respostas dos alunos aos questionamentos proporcionaram uma análise crítica em torno das mesmas e permitiram muitas reflexões que evidenciam o entendimento dos variados aspectos do tema proposto.

Para a atividade de pesquisa, avaliamos positivamente a participação dos estudantes, visto que esse tipo de prática possibilitou a consolidação da compreensão dos alunos sobre as tecnologias sociais hídras, os quais posteriormente puderam identificar exemplos dessas tecnologias presentes em nosso município.

A realização de entrevista teve por finalidade levar os alunos, através do diálogo com a pessoa entrevistada, a obterem informações que os levassem a conhecer os impactos da seca em Afogados da Ingazeira e os habilitassem a analisar sobre as mudanças ocorridas e medidas que merecem a atenção da população.

A intenção era levar os alunos a perceberem as questões sociais propostas nas três atividades realizadas, despertando um olhar crítico em torno do mundo a sua volta, em especial, por meio das denúncias presentes nas composições musicais. Ao analisarmos a interação dos estudantes, percebemos que o processo de letramento literário estava em desenvolvimento, dado que foi possível levá-los a fazer uma análise comparativa entre as ideias transmitidas nas propostas de atividades com o seu cotidiano.

Ao solicitarmos uma autoavaliação dos alunos referente aos trabalhos realizados por meio de músicas, pesquisas e entrevistas, os estudantes avaliaram como atividades produtivas por permitirem terem contato com o conteúdo de uma maneira diferente das que esses estão habituados.

Cabe ainda destacar, que o desenvolvimento da pesquisa-ação atraiu a atenção de alguns profissionais da escola, dos quais recebemos alguns elogios, pelo fato de trabalhar um tema tão relevante, o fenômeno da seca, por meio de um processo de letramento literário dentro da Geografia.

5. LINHAS FINAIS (?)

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar [...]
(Letras, 2023).

Assim como a letra da canção *Riacho do Navio* de Luiz Gonzaga busca apresentar o destino do curso fluvial temporário afluente do Rio Pajeú que corta o sertão pernambucano, o presente trabalho buscou apresentar o percurso feito durante o desenvolvimento de uma pesquisa-ação realizada em uma escola do sertão de Pernambuco. Porém, enquanto na música o rio tem por finalidade “bater no meio do mar”, a finalidade central da pesquisa foi o de analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia com os estudantes do Ensino Médio.

Para esse fim, e por meio da pesquisa-ação, elaboramos e aplicamos três sequências didáticas durante o primeiro bimestre de 2023, tendo em vista a compreensão das características do Semiárido brasileiro e o espaço de vivência dos participantes. Além disso, os objetivos específicos buscaram levar a compreensão e a reflexão em torno dos diferentes aspectos relacionados ao problema socioambiental proposto.

Buscamos um processo de ensino-aprendizagem que por meio da realidade geográfica em que os sujeitos participantes estão inseridos observasse a relação entre o fenômeno estudado e a sociedade como um todo integrado, pois, enquanto sujeitos sociais, assumem responsabilidades frente aos problemas socioambientais existentes. É nesse sentido, que pretendemos fomentar situações didáticas que despertassem a participação e o comprometimento dos alunos, zelando prioritariamente pela produção do conhecimento de maneira que fosse capaz de vencer muitos estereótipos sobre a nossa região.

Assim, o trabalho foi dividido em cinco capítulos, o primeiro consiste nas linhas iniciais que pretendeu abordar como chegamos a essa Dissertação de Mestrado assim como apresentar as informações gerais em torno dela. O segundo capítulo intitulado “Letramento literário e seca: linhas histórico-conceituais” objetivou trazer para o debate o que é o letramento literário e fazer breves considerações sobre o fenômeno da seca, o qual é retratado em muitas obras literárias de caráter regionalista, uma dessas é *O Quinze* de Rachel de Queiroz, que veio

a ser a principal obra literária escolhida para o desenvolvimento das sequências. Para trabalhar o problema socioambiental identificado, optamos pelo uso da linguagem literária devido às inúmeras possibilidades de utilizar a literatura enquanto recurso didático capaz de produzir aprendizagens significativas, o que fundamentou o nosso tema de pesquisa “letramento literário e o ensino de geografia”.

O letramento literário, conforme Cosson (2021), pode ser compreendido como um processo que ocorre do externo para o interno, ou seja, apropriação do que nos é alheio. Nesse ponto, podemos afirmar que o desafio maior esteve no fato do letramento literário está presente somente nos estudos de linguagens e buscamos trazer pela primeira vez essa prática para uma disciplina além da Língua Portuguesa e do Ensino da Literatura. Pois, consideramos o letramento literário enquanto um conjunto de práticas sociais que se apropria do texto literário para fins específicos, os quais a partir da leitura e escrita são capazes de produzir vários significados. O mesmo também não se restringe a escola, embora essa seja a sua principal instituição promotora.

O terceiro foi dedicado a apresentação do percurso metodológico adotado na pesquisa, do local investigativo, dos sujeitos participantes e a percepção que eles possuem em torno do fenômeno da seca. Por meio do aporte teórico-metodológico da pesquisa-ação foi possível o uso de variados procedimentos, tais como: realização de pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário, investigação das características dos sujeitos participantes e elaboração e avaliação de sequências didáticas.

A escolha pela pesquisa-ação e do tema de pesquisa se deu pelo fato de reconhecermos no decorrer das aulas de Geografia lacunas com relação à compreensão do fenômeno da seca, onde o conhecimento desse problema pôde ser ampliado através da aplicação de um questionário. Nesse sentido, as discussões apresentadas ao longo desse trabalho constituem na pesquisa-ação os aspectos voltados a construção do conhecimento além da tomada de consciência e o desenvolvimento da criticidade dos estudantes, corroborando com o que é proposto pela BNCC, a qual ressalta que um dos objetivos do ensino da Geografia no âmbito escolar é estimular os estudantes a terem uma melhor compreensão do mundo para que assim possam intervir responsabilmente onde vivem.

Indubitavelmente, essa se constituiu como uma das etapas mais desafiadoras tendo em vista que houve a necessidade de as sequências didáticas serem (re)formuladas constantemente de modo que melhor atendesse aos objetivos do trabalho previamente formulados e ao

quantitativo de aulas equivalentes a um bimestre. Em meio a isso, algumas atividades planejadas não foram realizadas, mas as colocamos aqui como possibilidades:

- Propor aos alunos a construção de maquetes ambientando a paisagem nordestina durante as estações chuvosas e secas;
- Convidar sertanejos da região e/ou pesquisadores especialistas para promover palestras ou rodas de diálogo sobre as secas no Semiárido brasileiro;
- Produzir poemas coletivos em que se divide a turma em grupos onde cada grupo receberá uma palavra específica em torno do tema e, em seguida, cada aluno escreve um verso e passa para o próximo aluno;
- Elaborar texto no gênero carta onde os estudantes em dupla recebem uma carta em que o remetente é um personagem de *O Quinze* destinada a um personagem aleatório, como, por exemplo, De *Vicente* Para *João Grilo* do *Auto da Compadecida*, relatando sobre a seca e os seus danos. Feito isso, cada grupo responde à carta recebida se colocando no lugar do personagem a quem ela se destina;
- Dividir a turma em grupo e distribuir dois memes diferentes para discussão sobre os fluxos migratórios em decorrência da seca. Cada grupo escolhe um aluno para ser o relator, responsável por anotar os principais pontos discutidos e apresentá-los para o restante da turma. Posteriormente, é lançado o desafio para que cada aluno procure produzir um meme sobre a temática de forma que desperte o teor crítico.

O quarto capítulo teve por finalidade apresentar e avaliar as sequências didáticas desenvolvidas. As ações planejadas para a sequência *Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra O Quinze* foram planejadas para que os estudantes identificassem e reconhecessem os elementos que compõem o Semiárido brasileiro a partir da interação com o livro *O Quinze*. Foram vários momentos de discussões sobre as leituras realizadas que permitiram o compartilhamento do entendimento dos estudantes enquanto membros de uma coletividade. Os alunos tiveram uma participação positiva e cabe destacar, que o processo de assimilação do enredo com o cotidiano fez parte de toda sequência didática.

Porém, constatamos que os estudantes ainda possuíam uma visão muito limitada em torno dos aspectos do Semiárido, o que nos levou a reformular as ações seguintes. O trabalho como proposto possibilitou viver as experiências narradas ao passo que os estudantes constantemente se colocavam no lugar dos personagens, rompendo assim com os marcos de tempo e do espaço, mas sem perderem a sua identidade, contribuindo para a sua formação cultural, como objetiva o letramento literário. O uso de fotografias também foi muito

significativo, visto não exigir a simples descrição da paisagem retratada, mas sim o acréscimo de um comentário gerado a partir do conhecimento construído. Essa atividade, como proposto por Lima Junior (2021), é grande reveladora de uma educação geográfica voltada a uma formação cidadã.

As ações planejadas para a SD *Círculo de leitura literária: a seca e os seus impactos* foram pensadas no intuito de levar os estudantes a compreenderem os impactos do fenômeno da seca na vida dos sertanejos por meio da ampliação das experiências leitoras. Assim como na sequência anterior, também trabalhamos com alguns conceitos geográficos, em especial, o conceito de seca, e ambas buscaram abordar sobre os elementos do Semiárido e o fenômeno da seca vinculados as ações e a ocupação da sociedade.

Conforme o desenvolvimento das atividades planejadas, concluímos que os objetivos dessa sequência didática foram alcançados, visto que favoreceu um espaço para compartilhamento em que os estudantes foram os protagonistas da aprendizagem e o professor o mediador do conhecimento, possibilitando que os mesmos se sentissem acolhidos e construíssem um sentimento de pertencimento do grupo. Para a compreensão da literatura literária, o espaço de vivência e os elementos socioculturais dos estudantes foram determinantes. O uso de cartuns também favoreceu as reflexões em torno da temática, por esse motivo que muitos pesquisadores discutem a importância do uso de imagens no ensino da Geografia.

Para a sequência didática *O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE* demos ênfase em trabalhar com os objetivos das sequências anteriores com foco no município em que a escola está situada. Os estudantes avaliaram positivamente as atividades realizadas na sequência por permitirem terem contato com o conteúdo de uma maneira diferente das que esses estão acostumados. O uso de músicas também se mostrou ser um excelente recurso didático que proporcionou o pensar em torno do fenômeno da seca ao longo do tempo e levou os estudantes a reconhecerem o seu espaço de vivência com possibilidades concretas de desenvolvimento.

Com base nisso, concluímos que a seca, a qual classificamos como um fenômeno socioambiental, pôde ser compreendida pelos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Cada etapa da pesquisa exerceu um papel essencial assim como as três sequências mencionadas que buscaram promover o conhecimento do tema a partir do letramento literário, rompendo desta forma com o sistema de aulas expositivas. Para isso, algumas práticas aplicadas em sala de aula não necessitaram ser abandonadas, mas sim aprimoradas e contextualizadas aos objetivos de

ensino. É importante que essas sejam planejadas de modo que instiguem a curiosidade dos estudantes, evitando a mera transposição do conteúdo e valorizando a contextualização da realidade dos mesmos.

Diante do exposto, esperamos que nosso trabalho investigativo tenha sido apenas o empeco inicial, que reflexões venham a surgir e que outros pesquisadores possam ampliar o seu olhar em torno dessa temática. Apesar dos obstáculos enfrentados, tais como: motivar os estudantes a fazer a leitura literária assimilando o contexto da obra aos conteúdos geográficos; escolher obras que tenham significado para os estudantes e dispor de um quantitativo de aulas de Geografia considerado pequeno na grade curricular, acreditamos que o estudo contribuiu para a linha de pesquisa “as linguagens no ensino da Geografia” como também para o aperfeiçoamento da nossa prática educacional. Contudo, alguns questionamentos se fazem presente:

- Quais as condições necessárias para que o letramento literário se torne mais efetivo na sociedade e faça sentido para os estudantes?
- Será o letramento literário uma prática que pode se estender além do campo da linguagem?
- De que forma poderíamos aprimorar o letramento literário ao ensino da Geografia e das outras áreas do conhecimento?
- Como seria a aceitação dessa prática pelos profissionais da educação?

Como diz Soares (2009, p.60), “é sempre bom terminar com perguntas e não com soluções”, os questionamentos já foram postos, vamos agora em busca de outras problematizações temáticas.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida.** *In:* Estud. Av. vol.13 n°.36. São Paulo Maio/Ago. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141999000200002>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **A seca do Ceará.** Disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Cartilha do observador: monitor de secas.** Brasília: ANA, 2020.
- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Glossário: monitor de secas.** Disponível em: <http://monitordesecas.ana.gov.br>. Acesso em: 27 set. 2023.
- AGÊNCIA PERNAMBUCANA DE ÁGUAS E CLIMA. **Bacias hidrográficas: Rio Pajeú.** Disponível em: <https://www.apac.pe.gov.br/>. Acesso em: 01 maio 2023.
- ANDRADE, Juliana Carli Moreira. Entre a Linguística e a Literatura: Letramento Literário. *In:* COLE, 17. Campinas, 2009. **Anais...** Campinas: Anais do 17 COLE, 2009.
- ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de. As secas e suas consequências sobre os recursos do semiárido brasileiro. **Revista de Geociências do Nordeste**, v. 7, p. 52-58, 2021.
- ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. A Paraíba, o semiárido e a desertificação. *In:* ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. **Desertificação no semiárido brasileiro e paraibano: abordagens conceituais, metodologias e indicadores.** Paulo Afonso/BA: SABEH, 2019. p.63-89.
- AYOADE, John O. **Introdução a climatologia para os trópicos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 332p.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber, 2004.
- BATISTA, Ana Neri Cavalcanti. **O ensino de Geografia e a convivência com o Semiárido: pesquisa-ação com alunos do Ensino Médio no Município de Olivedos, PB.** 2019. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- BEZERRA, Francisca Adriana Da Silva et al.. **Práticas interdisciplinares no ensino de geografia: a literatura como ferramenta didática.** Anais VIII FIPED. Campina Grande: Realize, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/25649>. Acesso em: 02 jun. 2022.

BLOG A CRITICA. **Da Asa Branca a Chuva de Honestidade**. Disponível em: <https://blogacritica.blogspot.com/2020/12/da-asa-branca-chuva-de-honestidade.html>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica. **Revista Urutágua**, Maringá, nº7, p.1-12, ago./set./out./nov., 2005. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/007/07bovo.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BRASIL ESCOLA. **Interdisciplinaridade no ensino de Geografia**. Disponível em: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/interdisciplinaridade-no-ensino-geografia.htm>. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.153**, de 30 de julho de 2015. Institui a Política Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca e seus instrumentos; prevê a criação da Comissão Nacional de Combate à Desertificação; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113153.htm. Acesso em: 01 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. **Grupo da Sudene analisará solicitações de inclusão de municípios no Semiárido em sua área de atuação**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br>. Acesso em: 01 maio 2023.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A geografia da semi-aridez nordestina e a MPB. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v. 18, n. 35, p. 169-209, dez. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/9256/5700>. Acesso em: 02 maio 2023.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 16, n. 31, p. 191-201, mar. 2020.

CLIMATEMPO. **Afogados da Ingazeira**. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/2044/afogadosdaingazeira-pe>. Acesso em: 09 mar. 2023.

COMPANHIA PERNAMBUCANA DO MEIO AMBIENTE. **RVS Serra do Giz**. Disponível em: <http://www2.cprh.pe.gov.br/uc/rvs-serra-do-giz/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo; LUCENA, Josete Marinho de. **Prática de letramento literário na escola: propostas para o ensino básico**. João Pessoa: Editora UFPB, 2022.

COSTA, Hígor Lins da. Avaliação temporal da desertificação no município de Cuité-PB: indicadores antrópicos e naturais. In: ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. **Desertificação no semiárido brasileiro e paraibano: abordagens conceituais, metodologias e indicadores**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2019. p.121-148.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Convivência com a seca**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-convivencia-com-a-seca/perguntas-e-respostas#:~:text=Desde%20quando%20se%20tem%20registro,sert%C3%A3o%20em%20fun%C3%A7%C3%A3o%20da%20fome>. Acesso em: 18 mar. 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Região Nordeste**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/regiao-nordeste>. Acesso em: 21 set. 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Riquezas da mata branca**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18708656/riquezas-da-mata-branca>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO CÔNEGO JOÃO LEITE GONÇALVES DE ANDRADE. **Projeto Político Pedagógico**. Afogados da Ingazeira-PE, 2023.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. de 2013, p. 167-175.

FLAVIO LEANDRO. **Chuva de Honestidade**. Disponível em: <https://youtu.be/yQd-EhAXY8Y>. Acesso em: 18 mar. 2023.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Sangria transforma barragem de Brotas em ponto turístico em Afogados da Ingazeira**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/sangria-transforma-barragem-de-brotas-em-ponto-turistico-em-afogados-d/65522/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 30 abri. 2023.

FREITAS, Rafael Alves de; PADILHA, Marcela do Nascimento. (2020). **Geografia e literatura**: um elo possível por meio da obra “o quinze”, de Raquel de Queiroz. GEOFRONTER, Rio de Janeiro, v.6, UEMS. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/4873>. Acesso em: 04 jul. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOMES, Ricelli Cinthya Lopes; SCHMIDT FILHO, Ricardo. Desertificação: uma análise socioeconômica da mesorregião paraibana da Borborema (1990-2010). *In*: ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. **Desertificação no semiárido brasileiro e paraibano**: abordagens conceituais, metodologias e indicadores. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2019. p.121-148.

GONZAGA MUSIC ENTERTAINMENT. **Asa Branca**. Disponível em: <https://youtu.be/zsFSHg2hxbc>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GRUPO DE PESQUISA - LITERATURA: ESTUDO, ENSINO E (RE)LEITURA DO MUNDO. **Palestra de abertura**: Com quais leituras se forma um leitor literário?. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74LsgSlhNjU>. Acesso em 13 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/afogados-da-ingazeira.html>. Acesso em: 11 out. 2022.

INSTITUTO CLARO. **O Quinze**. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/o-quinze/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JORGE, Márcia da Silva; BÖTTCHER, Sandra Eunice. Geografia e ciências: interdisciplinaridade uma experiência transformadora. **ENGEP**, Porto Alegre, ago./set. 2009. Disponível em: <https://silo.tips/download/geografia-e-ciencias-interdisciplinaridade-uma-experiencia-transformadora>. Acesso em: 03 jun. 2022.

LANDIM, Francisco Otávio; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 160-179, jan. 2011. ISSN 2178-0463. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/44>. Acesso em: 04 jun. 2022.

LETRAS. **Asa Branca**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/daniel-gonzaga/1976704/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

LETRAS. **Riacho do Navio**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47101/>. Acesso em 15 set. 2023.

LIMA JUNIOR, Guibson da Silva Lima. **Os problemas socioambientais no ensino de Geografia**: As questões locais nos anos finais do Ensino Fundamental. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

MAIA, Rúbson Pinheiro; NASCIMENTO, Marcos, Antônio Leite do. **Relevos graníticos do Nordeste brasileiro**. Revista Brasileira de Geomorfologia, vol. 19, nº2, p.273-279, 2018.

MARTINS, Eduardo Sávio P.R.; NYS, Erwin De; MOLEJÓN, Carmen; BIAZETO, Bruno; SILVA, Robson Franklin Vieira; ENGLE, Nathan. **Água Brasil: Monitor de Secas do Nordeste, em busca de um novo paradigma para a gestão**. 2.ed. Brasília: Banco Mundial, 2015, 124p.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. **O conteúdo geográfico nos espaços romanescos**. Ciência e Trópico, Recife, p.171-206, 1988.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. As possibilidades entre literatura e geografia. In: Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 14, 2012, Cruz Alta. **Anais**. Cruz Alta, 2012. v. 14, p. 1 - 14.

MOURA, Marcelo de Oliveira; CUNICO, Camila. **Curso formação de mediadores em educação para redução de riscos de desastres no estado da Paraíba (ERRD PB)**. Sobral-CE: Sertão Cult, 2022, 197p.

MOURA, Marcelo de Oliveira; MOURA, Christianne Maria da Silva. **Aspectos da realidade ambiental e hidroclimática da Paraíba**. Sobral- CE: Sertão Cult, 2022, 197p.

MOURA, Marcelo de Oliveira. O lugar de Carlinhos no espaço romanescos menino de engenho: ensino de geografia sob uma prática leitora. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 5, p. 17-34, 2022.

MOURA, Marcelo de oliveira. O romance e a seca: uso da literatura como estratégia para o ensino da temática riscos ambientais. In: Antonio Carlos Pinheiro; Wellington Alves Aragão. (Org.). **Formação de professores, metodologias e ensino de geografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019, v. 1, p. 47-62.

NOVA ESCOLA. **Círculos de leitura**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5700/circulos-de-leitura>. Acesso em: 11 jan. 2023.

OLANDA, Diva Aparecida; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura: uma reflexão**. Geosul. Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez 2008.

PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário – 1979-1999**. Belo Horizonte: Fae/UfMG; Pelotas: UFPel, 2010.

PATROCÍNIO, José do. **Os Retirantes**, 2 vols. São Paulo: Editora Três, 1973 (1a edição 1879).

PEREIRA, Anderson Gustavo Silva Macedo; BATISTA, Beatriz Bezerra. Leitura protocolada: a construção de sentido em um conto de Miriam Alves. In: COSSON, Rildo; LUCENA, Josete Marinho de (Org.). **Prática de letramento literário na escola: propostas para o ensino básico**. João Pessoa: Editora UFPB, 2022, p.136-147.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AFOGADOS DA INGAZEIRA. **Localização: Afogados da Ingazeira**. Disponível em: <https://afogadosdaingazeira.pe.gov.br/localizacao.php#main>. Acesso em: 09 mar. 2023.

PROGRAMA ESCREVENDO O FUTURO. **Pedagogia dos Multiletramentos** - Partel. Disponível em: <https://youtu.be/IRFrh3z5T5w>. Acesso em 13 set. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 93. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 155. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2022.

ROSA, Cristina Maria. Letramento Literário. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, v.1, n.11, p.188 -195, 2011. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net> .

SANTANA, Leandro. **O homem da favela**. Disponível em: <https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/arquivos/1614685269-hgtp-et-e-er-atividade-01-semana-25-02-21-leandro-santana-pdf.pdf>. Acesso em: 04 abri. 2023.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SETTE, Denise Maria; RIBEIRO, Helena. Interações entre o clima, o tempo e a saúde humana. **InterfaCEHS**. São Paulo, v.6, n°2, p.37-51, agosto de 2011.

SILVA, Anair Araújo de Freitas Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ATAÍDES, Fernanda Barros. Pesquisa-ação: princípios e fundamentos. **Revista PRISMA**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.2-15, 2021.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. **O ensino de Geografia e a literatura**: uma contribuição estética. *Caminhos de Geografia (UFU)*, v. 15, p. 80, 2014.

SILVA, Maria Camila Siqueira Santos; MOURA, Marcelo de Oliveira. Do quinze de Rachel de Queiroz aos sertões de Aziz Nacib Ab'Saber: considerações iniciais sobre a seca no ensino de Geografia através da Literatura. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA: Percursos de formação e Geografia Escolar: espaços, tempos e narrativas em contextos de crises*, 15., Salvador, 2022. **Anais...** Salvador: UNEB, 2022.

SILVA, Maria Camila Siqueira Santos; MOURA, Marcelo de Oliveira. O ensino da seca através da literatura: aproximações iniciais com alunos do ensino médio no município de Afogados da Ingazeira/PE. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA*, 15., Guarapuava, 2023. **Anais...** Guarapuava: Unicentro, 2023.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, SESC, n. 5, 2017. p. 129-147.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TV IRPAA. **Convivência com o Semiárido**: uma conquista. Disponível em: <https://youtu.be/oVRAQEkF16Q>. Acesso em: 08 mar. 2023.

UEHBE, Lais Nascimento. Geografia, literatura e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 85-96, jan./dez. 2018.

UNCCD. **Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas**. Disponível em: <https://www.unccd.int/>. Acesso em: 30 abri. 2023.

UOL. **Seca de 2012 a 2017 no semiárido foi a mais longa na história do Brasil**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2018/03/03/seca-de-2012-a-2017-no-semiarido-foi-a-mais-longa-da-historia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 mar. 2023.

APÊNDICE A – CARTA DE SOLICITAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DA GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL -
PROFGEO

CARTA DE SOLICITAÇÃO

Afogados da Ingazeira, 27 de Dezembro de 2022.

Prezada gestora Nádja Regina Barbosa da Silva,

Ao cumprimentá-la cordialmente, vimos nesta oportunidade solicitar a Escola Cônego João Leite Gonçalves de Andrade, autorização para realizar o projeto de pesquisa intitulado “Letramento literário e o ensino da seca como fenômeno geográfico: pesquisa-ação com os jovens escolares do ensino médio” desenvolvido pela aluna **Maria Camila Siqueira Santos Silva** matriculada no curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional - PROFGEO, matrícula 202217009, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG sob orientação do professor Dr. Marcelo de Oliveira Moura.

Dito isso, esclarecemos de forma mais sumária sobre a realização do projeto:

- i. Trata-se de uma pesquisa com o objetivo de contribuir para um processo de aprendizagem significativo e crítico visando construir com os alunos práticas que venham a proporcionar a ampliação dos conhecimentos da realidade em que vivem, utilizando para isso o texto literário, em especial, os de cunho regionalista que ambientalizam os aspectos da seca. A pesquisa dará fruto a sua dissertação de mestrado no ano de 2023.
- ii. A pesquisa não trará ônus de nenhuma natureza para a Escola visto que a aluna buscará desenvolver o projeto durante as próprias aulas de Geografia na turma do 3º ano “A”.
- iii. A aluna compromete-se a cumprir as normas constantes dessa Instituição durante o período de efetivação das atividades desenvolvendo a pesquisa com responsabilidade e dedicação e respeitando a integridade dos alunos.

iv. Ao aceitar você estará colaborando com o desenvolvimento do projeto de pesquisa voltado para o ensino de Geografia.

v. Asseguramos ainda que as informações fornecidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

Sem mais, colocamo-nos à disposição de V S^a para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Maria Camila Siqueira Santos Silva

Maria Camila Siqueira Santos Silva
Mestranda

Marcelo de Oliveira Moura
Marcelo de Oliveira Moura
DEPTO. GEOCIÊNCIAS UFPA
SIAPE: 1813683

Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura
Orientador

De acordo do Diretor (a) ou Responsável pela Instituição

Nádia Regina B. da Silva

Assinatura/Carimbo

NÁDIA REGINA BARBOSA DA SILVA
GESTORA
Mat. 190.381-0

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DA GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL –
PROFGEO

Pesquisadora: Maria Camila Siqueira Santos Silva

E-mail: prof.geocamilasantos@gmail.com

Este questionário é parte da pesquisa de Mestrado em Geografia de **Maria Camila Siqueira Santos Silva**, sob orientação do Professor Dr. Marcelo de Oliveira Moura, direcionada para os jovens educandos da EREM Cônego João Leite Gonçalves de Andrade de Afogados da Ingazeira, Pernambuco, selecionada conforme os objetivos do trabalho. Asseguramos que as informações fornecidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e como forma de segurança não é necessário o seu nome de identificação. Agradecemos a colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

QUESTIONÁRIO

Idade: _____

Endereço completo:

() Zona Urbana (CEP, Bairro, Município): _____

() Zona Rural (CEP, Sítio, Município): _____

1. Você gosta de ler obras literárias (poesias, poemas, romances, cordéis, entre outros)?

() Sim. Cite algumas dessas obras: _____

() Não. Por qual Motivo?

(a) Não tenho interesse.

(b) Não tenho acesso.

(c) Não há na biblioteca da escola.

(d) Outros motivos. Quais? _____

2. Você já leu ou ouviu falar de alguma obra literária que falava do Nordeste brasileiro no tocante da seca?

() Sim. Cite algumas dessas obras: _____

() Não. Por qual Motivo?

(a) Não tenho interesse.

(b) Não tenho acesso.

(c) Não há na biblioteca da escola.

(d) Outros motivos. Quais? _____

3. Para você como podemos definir o fenômeno da seca? _____

4. Descreva com suas palavras qual a imagem que vem a sua cabeça quando se fala em seca. _____

5. Você classifica a seca como um fenômeno:

() Apenas natural

() Natural e social

() Apenas social

6. Você acredita que o município onde você mora sofre ou já sofreu com os impactos da seca? Justifique. _____

10. Quais medidas você acha que ainda podem ser implementadas para amenizar os impactos da seca?

11. Leia os trechos a seguir da obra *O quinze e*, em seguida, assinale o trecho do romance que trata dos impactos da seca.

() I. Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado (QUEIROZ, 2012, p.16).

() II. Quando Vicente se despediu, e montou ligeiro no cavalo que arrancou de galope, Conceição estirou-se na rede e ficou olhando o vulto branco que a poeira ruiva envolvia, até o ver se sumir atrás de um grupo de umarizeiras da várzea. Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele (QUEIROZ, 2012, p.19).

() III. Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.
— Mãezinha, cadê a janta?
— Cala a boca, menino! Já vem!
— Vem lá o quê!...
Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... (QUEIROZ, 2012, p.40).

12. Leia o trecho a seguir atentamente e, posteriormente, faça uma reflexão se ainda nos deparamos com esse tipo de cenário no Nordeste brasileiro.

E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta. Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

— De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

— De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus. Chico Bento cuspiu longe, enojado:

— E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... O outro explicou calmamente:

— Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca... Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:

— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!

Realmente a vaca já fedia, por causa da doença. Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubus vê-la, lá de cima, lá da frieza mesquinha das nuvens. E para comemorar o achado executavam no ar grandes rondas festivas, negreando as asas pretas em espirais descendentes. (QUEIROZ, 2012, p.35).
